Editora Abril

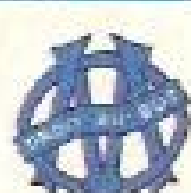
PLACAR

TABELÃO E OS LÍDERES DA BOLA DE PRATA

N.º 1058 ABRIL DE 1991 Cr$ 540,00

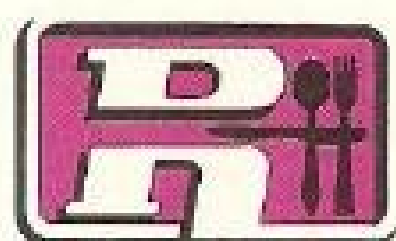
BAYERN
ATLÉTICO
BOCA JUNIORS
CORINTHIANS
BARCELONA
MILAN
REAL MADRID
FLAMENGO
PEÑAROL
BENFICA

OS MAIORES CLUBES DO PLANETA

FLUMINENSE
AJAX
INTERNACIONAL
LIVERPOOL
JUVENTUS
OLIMPIQUE
PALMEIRAS
RIVER PLATE
SANTOS
DINAMO
SÃO PAULO

A história, as conquistas e os craques das grandes forças do futebol mundial

BAHIA
PORTO
BOTAFOGO
INTERNAZIONALE
VASCO
ARSENAL
GRÊMIO
NACIONAL
CRUZEIRO
NAPOLI

O melhor roteiro gastronômico da cidade

Frango com polenta frita, carnes, frutos do mar, cozinha internacional, buffet self-service.
De terça a domingo jantar dançante.

RESTAURANTE SÃO JUDAS TADEU
Av. Maria Servidei Demarchi, 1749 - Bairro Demarchi
São Bernardo do Campo - SP - Tel. (011) 451-1377

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Diretor-Presidente: Roberto Civita
Diretores: Angelo Rossi,
Edgard de Silvio Faria, Ike Zarmati,
José Augusto Pinto Moreira, Placido Loriggio,
Raymond Cohen, Roger Karman,
Thomaz Souto Corrêa

DIVISÃO REVISTAS
Diretor: Thomaz Souto Corrêa
Diretores de Área: Carlos Roberto Berlinck,
Eduardo Frezza, Miguel Sanches,
Oswaldo de Almeida, Ricardo Vieira de Moraes,
Roberto Dimbério, Vanderlei Bueno

PLACAR

Diretor Editorial: Juca Kfouri
Diretor de Arte: Carlos Grassetti

REDAÇÃO
Redator-Chefe: Álvaro Almeida

Editores: Divino Fonseca, Sérgio F. Martins (Colaboradores), Lédio Carmona

Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres

Editor de Arte: Afonso Grandjean, Walter Mazzuchelli (Colaboradores)

Diagramadores: Graziela Iacocca (Colaboradora), José Jonas de Lima, José da Luz Tenório, José Dionisio Filho

Secretários de Produção: José Batista de Carvalho, Renê Santos Filho

Preparador de Texto: Ronaldo Barbosa da Silva

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni

Escritório Nova York: Dorrit Harazim (gerente), Frances Furness (assistente)

Escritório Paris: Pedro de Souza (gerente), Álvaro Teixeira (assistente)

Buenos Aires: Odillo Licetti (correspondente)

Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo

Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli

Automação Editorial - Gerente: Júlio Bartolo

PUBLICIDADE
Diretor: Meyer Alberto Cohen

Gerentes: Adilson Colucci (SP), Aldano Alves (RJ)

Contatos: Reginaldo Gomes de Andrade, Ronaldo Dimas Lipparelli, Selma F. Souto (SP); Andrea Veiga, Jussara Vilela, Marcela B. Martins, Maria Emília Albuquerque, Maria Luciena R. Lima, Ricardo Rohloff (RJ)

Diretores Regionais: Angelo A. Costi (Região Centro); Elcenho Engel (Região Sul); Geraldo Nílson de Azevedo (Região Nordeste)

Escritórios Regionais: Valter Cruz Gonçalves (Belo Horizonte); Mauro Marchi (Blumenau); Gilberto Amaral de Sá (Brasília); Abel Augusto (Campinas); Lilica Mazer (Curitiba); Francisco Gorgonio (Florienópolis); A. Simone R. Souto (Fortaleza); Rosangela Isoppo da Cunha (Porto Alegre); Sílvio Provazzi (Recife); Elizabeth Silveira (Salvador)

Representantes: Fênix Propaganda (MT); Intermídia (Ribeirão Preto); Luca Consultoria de Comunicação e Marketing (MS); Multi-Revistas (PB e RN); Vallemidia - Representações e Publicidade (São José dos Campos); Via Goiânia (GO)

PLANEJAMENTO E MARKETING
Gerente de Planejamento e Controle: Carlos Herculano Ávila
Gerente de Produto: Arnaldo Dratwa

ASSINATURAS
Diretor de Operações: Ignácio Santin
Diretora de Serviços ao Assinante: Rugênia Maria Pomi

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Responsável: Osvaldo Franco Domingues Jr.

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Termos em estoque somente as seis últimas edições.

Todos os direitos reservados.
Distribuída com exclusividade no país pela DINAP — Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante:** (011) 923-9222

ANER

IMPR. NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

PLACAR

A PRIMEIRA PAIXÃO

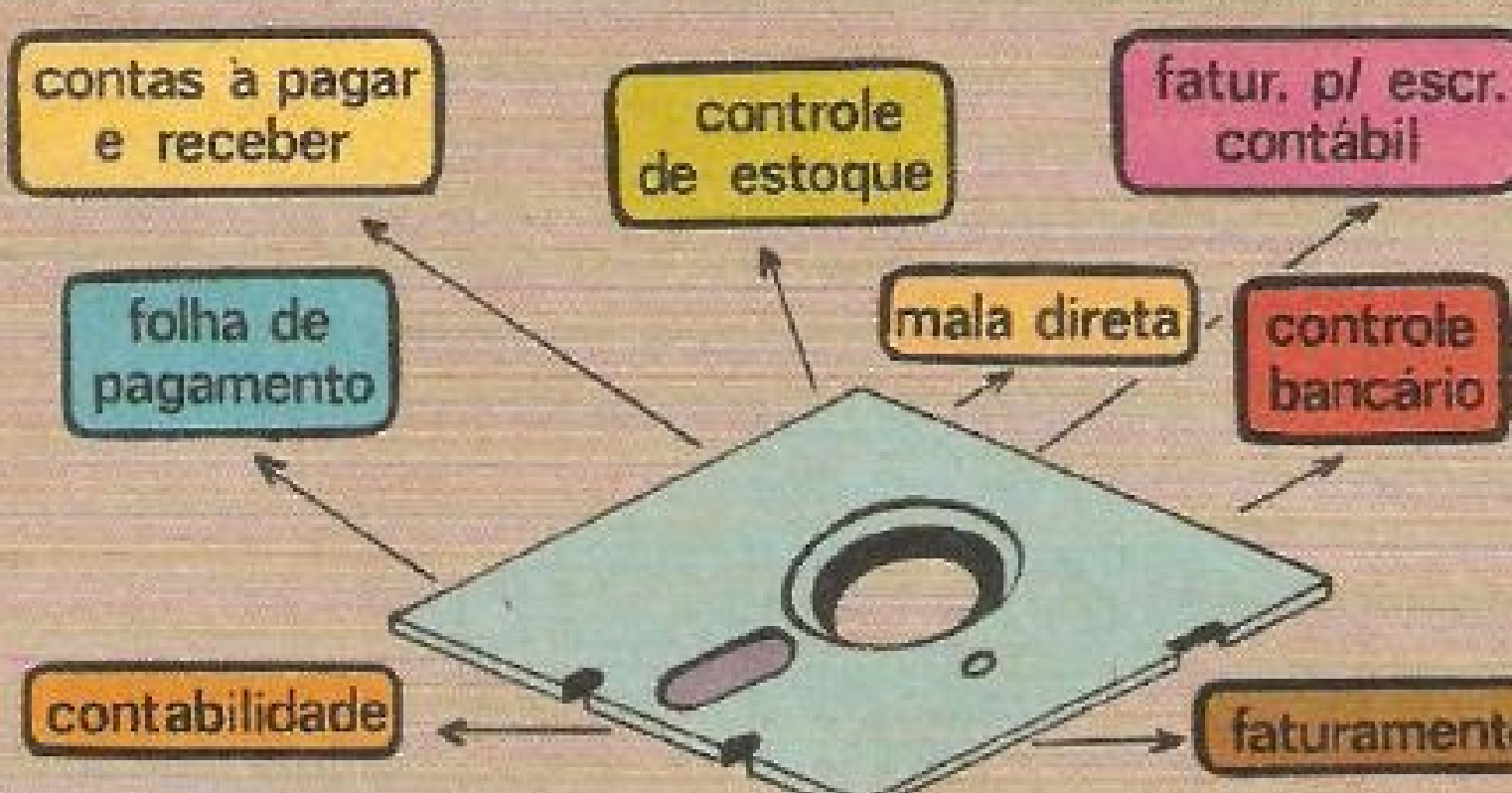
"Sou católico-apostólico-romano e corintiano." Era assim que meu pai gostava de se apresentar, por mais que não fosse nem católico, nem apostólico e muito menos romano. Por mais que fosse apenas corintiano.

Mas é assim mesmo. Quem tem um clube no coração faz questão de incorporá-lo à própria identidade.

Os trinta e um clubes que compõem esta nova edição de PLACAR representam trinta e uma nações, trinta e uma paixões eternas. Sim, porque também é verdade que o homem muda de emprego, troca de carro, casa e descasa mas, se tem mesmo caráter, nasce e morre com o mesmo clube no coração. (Para não ficar tão definitivo, admitamos que existem exceções, tão raras como honrosas, principalmente naqueles casos em que o sujeito trocou de time para ficar com o da gente.)

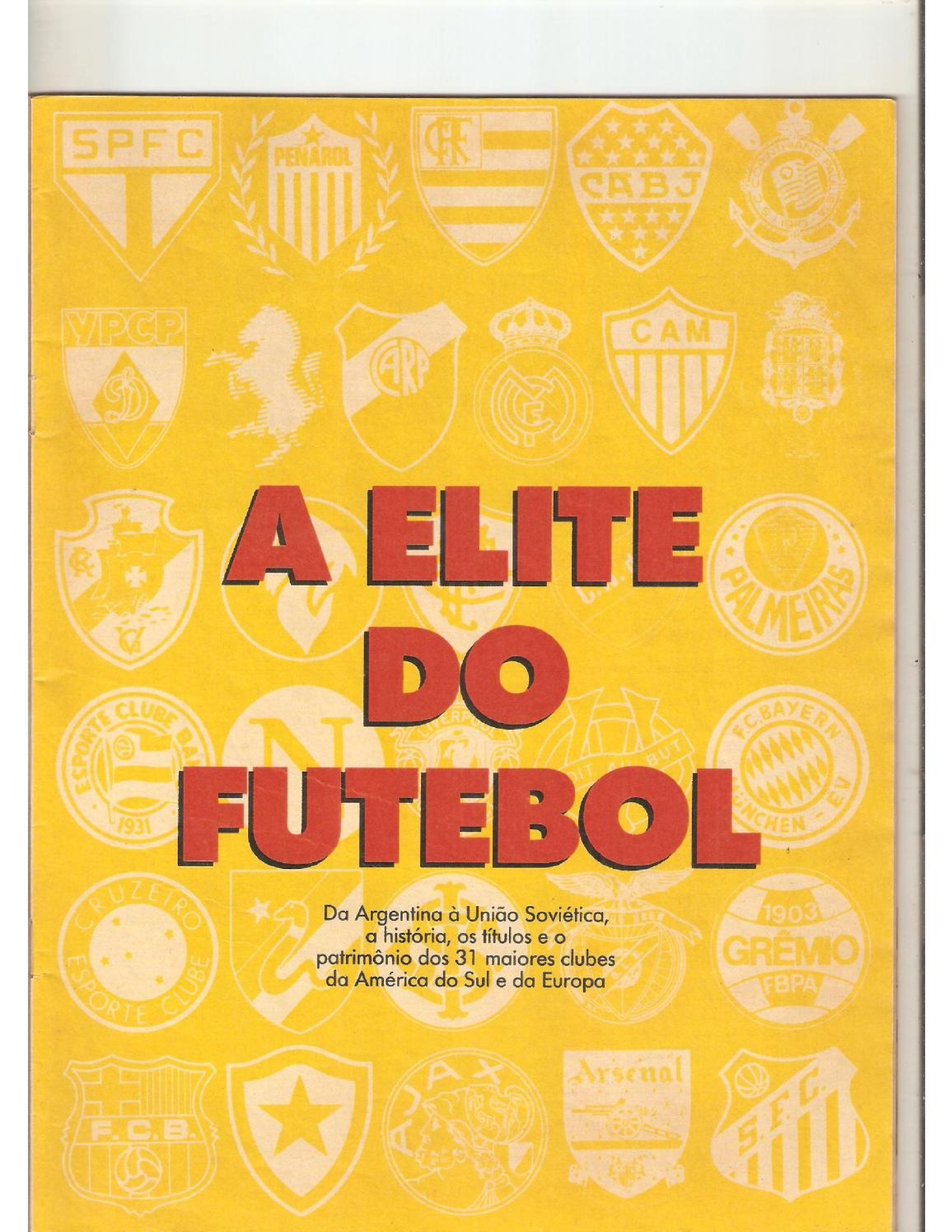
PLACAR selecionou alguns dos maiores clubes do mundo. Entre eles, é claro, os treze maiores do Brasil. Com isso, não se pretendeu esgotar o assunto, até porque nunca um torcedor do Sport, do Guarani, do Coritiba — ou do Steua de Bucareste — vai se convencer de que o clube dele não merecia fazer parte desta edição. Pois que fique claro que todos mereciam. Apenas não cabiam.

Editar é escolher e a nossa escolha procurou apenas ser sensata até onde é possível em relação a um tema que é, fundamentalmente, emocional.

Feitos os esclarecimentos devidos, participe desta festa que celebra as façanhas das mais diferentes camisas e cores, responsáveis pelo delírio de multidões pelo mundo afora.

O delírio que fazia um pai ser, antes de mais nada, corintiano. **JUCA KFOURI**

Sumário

VITRINE ECONÔMICA

Os programas de TV, Novelas, Filmes, Esportes, etc., vistos nas telinhas (TVs comuns), já era, estão perdendo a graça.
A MANIA DO MOMENTO, é ver os programas de TV com imagens ampliadas tipo CINEMA TELÃO a mania. TELÃO, está em toda parte, como estabelecimentos comerciais, escolas, hotéis, e principalmente nas RESIDÊNCIAS.
A exemplo de outros países como na Europa e EUA, o brasileiro aderiu definitivamente ao TELÃO. O SUPER TELÃO (primeiro no Brasil), já conquistou o mercado brasileiro.
Lançado pela BS Lançamentos Eletrônicos à vários anos o SUPER TELÃO foi crescendo e aperfeiçoando-se conquistando a cada dia mais adeptos à nova mania TELÃO.
A BS Lançamentos Eletrônicos é a única Empresa Brasileira a produzir um TELÃO acessível à todas as classes.
Diferenciado dos Telões Importados (porém não menos eficiente), que custam verdadeiras fortunas, o SUPER TELÃO, tem baixíssimo custo, podendo ser adquirido por qualquer empresa ou pessoa.
Seu funcionamento é perfeito e muito prático. Qualquer pessoa instala ou tira o SUPER TELÃO da TV em minutos.
Acoplado em frente a TV, a imagem é projetada diretamente na parede ou numa tela. A projeção é feita numa sala escura e a parede ou tela deve ser branca (como num cinema). O aparelho é acompanhado de chave inversora para a reversão da imagem à ser projetada.
Se você ainda não possui um SUPER TELÃO, então você já sabe o que está perdendo. Por isso pegue o telefone agora mesmo e ligue para BS Lançamentos Eletrônicos e desfrute em TELA GIGANTE, os campeonatos nacional e regional, Fórmula 1, filmes no seu vídeo cassete, novela, carnaval e etc., enfim toda a programação da TV num SUPER TELÃO. Ligue agora (011) 231-3622, SP e fique por dentro da NOVA MANIA BRASILEIRA, o SUPER TELÃO

FONE:
(011) 231-3622
Rua Major Quedinho nº 110 – Conj. 171
CEP 01050 – São Paulo – SP
Caixa Postal 30.936

A ELITE DO FUTEBOL

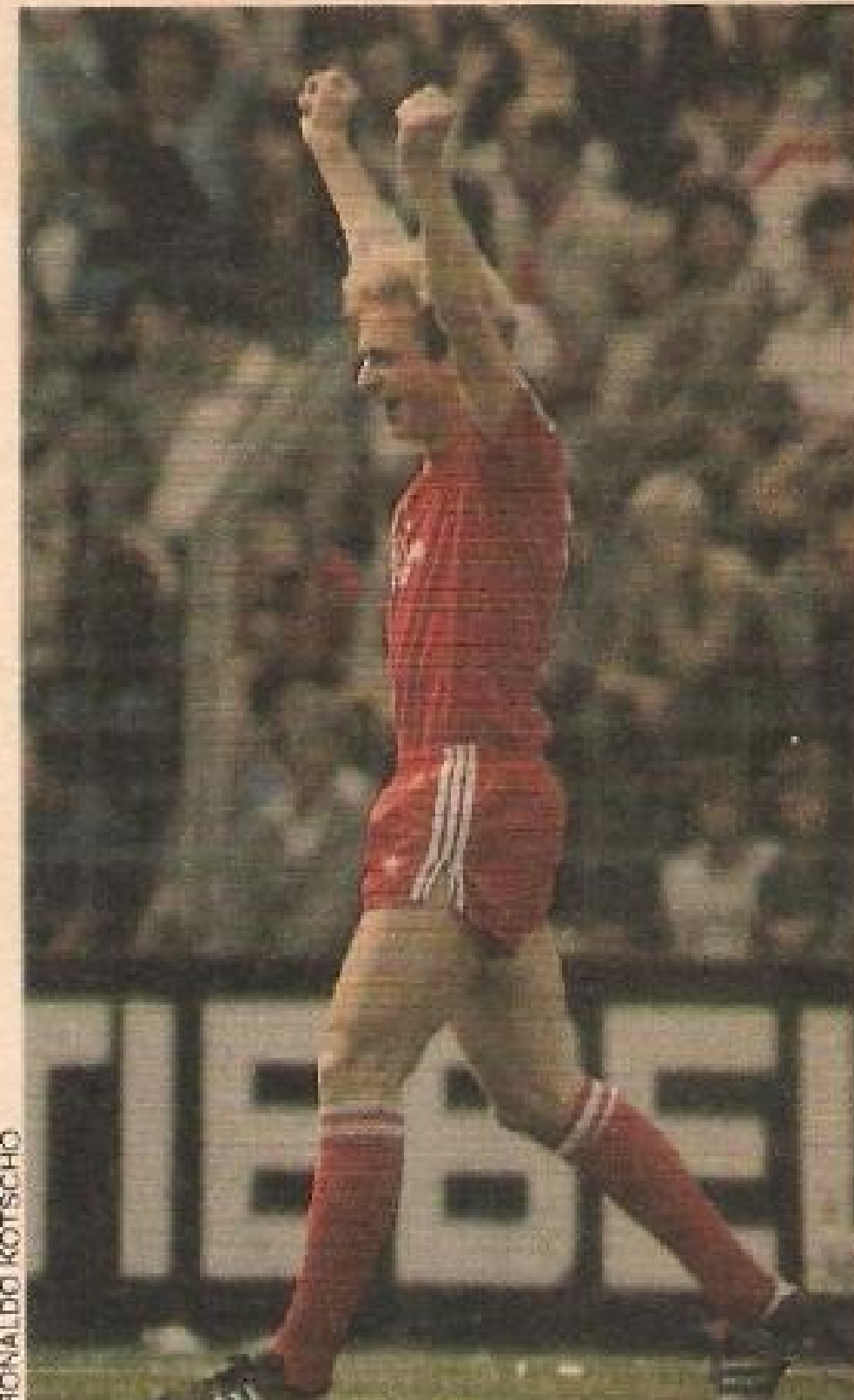
Da Argentina à União Soviética,
a história, os títulos e o
patrimônio dos 31 maiores clubes
da América do Sul e da Europa

RICHIARDI

CAPITÃO GERMÂNICO
Augenthaler, o líder do Bayern

RICHIARDI

DE MALAS PRONTAS
A Juventus tenta contratar Reuter

RONALDO KOTSCHO

ESTE DEIXOU SAUDADE...
Títulos e gols, marcas de Rummenigge

Bayern O IMPÉRIO DO KAISER

A modificação de um clube sem qualquer charme que encontrou sua identidade graças ao gênio de Beckenbauer

"O verdadeiro Bayern começou com o Kaiser." A frase é comum nos bares de Munique, quando os torcedores costumam se reunir para discutir as façanhas do clube da cidade, o mais popular da Alemanha, que nasceu em definitivo para o futebol a partir da ascensão do magnífico Franz Beckenbauer, na década de 60. Trata-se da mais pura verdade. O atual supervisor-técnico do Olympique, da França, revolucionou tudo naquele time de camisa vermelha, até então sem grande projeção no próprio país e que, de um momento para outro, passou a escrever com brilho sua história.

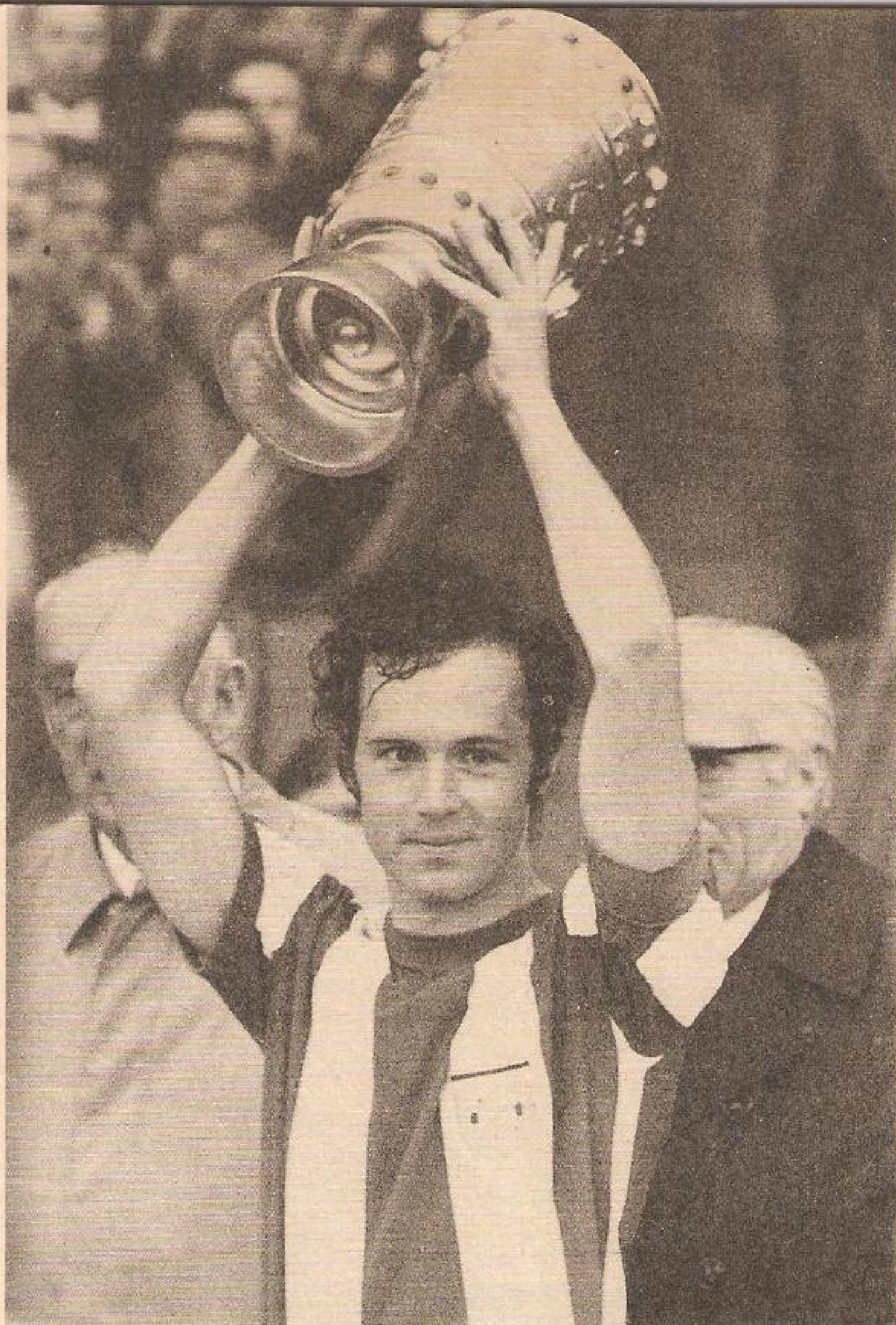
Em Munique, o Bayern é visto como uma eterna namorada dos torcedores, a cada temporada mais entusiasmados com o time. Nem mesmo algumas decepções são suficientes para diminuir essa lua-de-mel. Mas tal romance só deslanchou mesmo a partir da "Era Franz Beckenbauer". O Kaiser, imperador em alemão, transformou toda a estrutura do Bayern. De equipe regular passou a ser uma autêntica campeã, ao nível das grandes forças da época, como Real Madrid e Ajax. "Revolucionamos a Alemanha", gaba-se Beckenbauer.

MANIA MÜHLBERGER

CAMPEÃO NA NEVE
O título sobre o Cruzeiro no Mundial

Com a evolução do clube, multiplicaram-se os torcedores. Todo o país passou a falar, a torcer e a reverenciar o Bayern, prestígio que mantém até hoje — mesmo os adversários nutrem respeito pela esquadra de camisa vermelha. O time tornou-se a base da Seleção Alemã campeã mundial em 1974, e ganhou o tricampeonato nacional (1972/73/74).

O Bayern tornou-se o filho mais querido de Munique. Beckenbauer teve reivindicada uma estátua em sua homenagem e a mania de ganhar virou festa. Os alemães, conhecidos por serem sérios e sisudos, desmancham-se em gargalhadas e sorrisos de satisfação quando o assunto é o Bayern. "A máquina eterna", batiza o famoso defensor Paul Breitner, outro monstro da história do clube.

O fato é que o carnaval perdura até hoje. O Bayern, nos passos das bem cuidadas chuteiras do Kaiser, ganhou o mundo e, de quebra, ainda revelou Hoeness, Sepp Mayer, Gerd Müller e Rummenigge, craques que alegraram Munique e toda a Alemanha.

SVEN SIMON

O MELHOR DOS CRAQUES
Uma rotina na vida de Beckenbauer: levantar muitas taças de campeão

SVEN SIMON

MURALHA DE MUNIQUE
Frio, impassível e experiente, Mayer foi o maior goleiro do Bayern

FUSSBALL CLUB BAYERN MÜNCHEN

ENDEREÇO: Säbener Strasse, 51 — 8000 München 90, Alemanha
FUNDAÇÃO: 1900
UNIFORME: camisa vermelha com punhos brancos; calção vermelho; meias vermelhas
ESTÁDIO: Olympiastadion (78 000)
TÍTULOS: *12 Campeonatos Nacionais* (1932, 69, 72, 73, 74, 80, 81, 85, 86, 87, 89, 90); *8 Copas da Alemanha* (1957, 66, 67, 69, 71, 82, 84, 86); *3 Copas dos Campeões* (1974, 75, 77); *1 Copa das Copas* (1967); *1 Campeonato Mundial Interclubes* (1976)
GRANDES JOGADORES: Bekenbauer, Breitner, Gerd Müller, Oblak, Mayer, U. Hoeness, D. Hoeness, Kappelmann, Eckström, Rummenigge

1932 Conquista do primeiro campeonato nacional, depois de transcorridos 32 anos de fundação do clube.

1969 Segundo título nacional, após 32 anos de espera. O Bayern começa a se transformar em um time grande.

1972 Além de se tornar mais uma vez campeão alemão, o Bayern quebra alguns recordes históricos: seu ataque marca 101 gols e ele goleia o Borussia Dortmund pelo extravagante marcador de 11 x 1

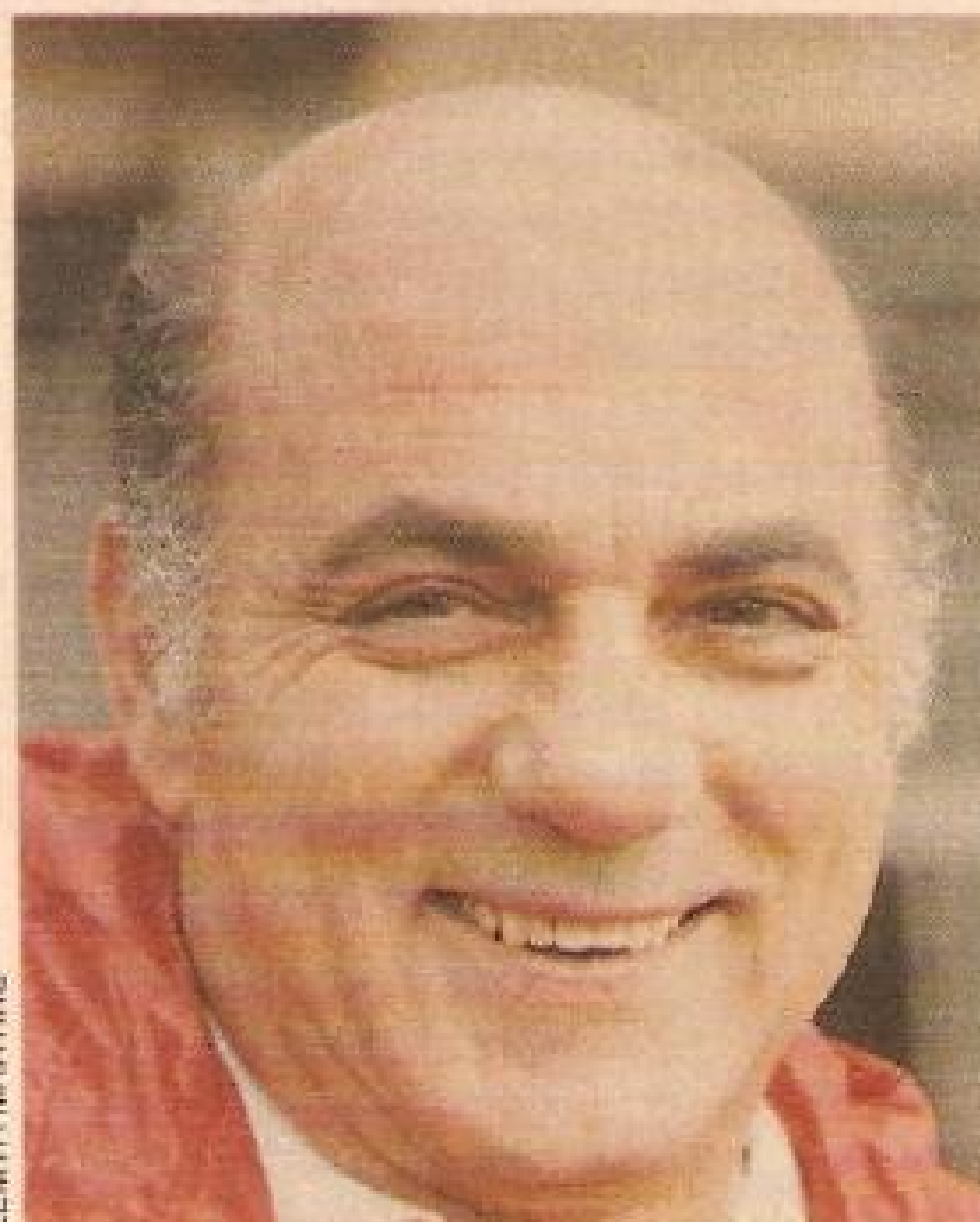
1974 Neste ano, o time do uniforme vermelho sagra-se pela primeira vez tricampeão nacional.

1976 Vencendo a primeira partida por 2 x 0, em Munique, e empatando a segunda em 0 x 0, no Mineirão, o Bayern conquista o título de campeão do mundo sobre o Cruzeiro. Time: Mayer, Andersson, Honsmann, Duerneberger, Beckenbauer, Schwarzenbeck, Kappelmann, Torstensson, Müller, Hoeness, Rummenigge.

DANI YAKO

FITA COR-DE-ROSA
Um goleiro exótico: Gatti e suas fitas

Boca Juniors RAÇA QUE VEM DO POVO

Com Maradona ou com jogadores obscuros, o time mais popular da Argentina sempre seguiu o grito de sua torcida

LEMYR MARTINS

A CHANCE DE DINO
Até Dino Sani tentou ajudar o Boca

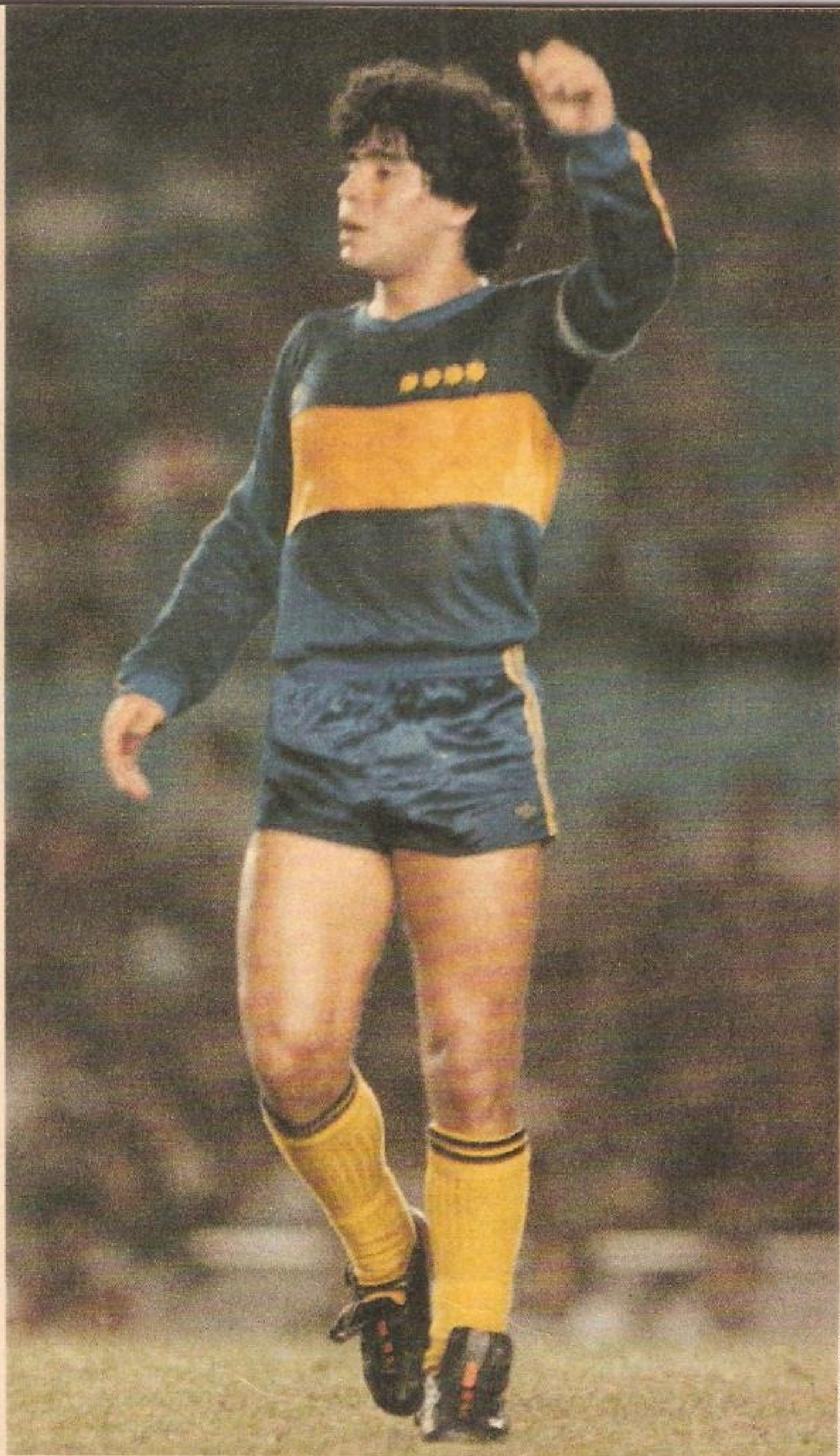
Sinônimo de malandragem e emoção, o mais popular clube argentino convive com uma pequena ironia: suas cores, o azul e o amarelo, são as mesmas da bandeira da fria e organizada Suécia. Não é homenagem, é acaso. Para dar fim a uma longa discussão sobre o assunto, os imigrantes italianos que o fundavam se postaram na *Boca del Riachuelo* — ponto onde um riacho deságua no Rio da Prata, na entrada do porto de Buenos Aires — e decidiram: o Boca Juniors teria as cores da bandeira do primeiro navio que chegasse. Chegou um sueco.

Na verdade, essa contradição se construiria só mais tarde, quando o povo humilde da Boca e dos bairros próximos transformaria o azul e o amarelo nas cores da paixão. "*Dale Boca, dale Boca*" é o grito que se ouve desde aquela época na alegria suprema (como em 1977, quando o time conquistou o Mundial Interclubes) e na entressafra renitente (o último título argentino data de 1981). Pelé, que testemunhou o delírio em jogos entre o Santos e o Boca, nos anos 60, declarou certa vez: "O jogador que não estremecer com o estímulo dessa torcida está doente ou exerce a profissão errada"

O palco em que ela se exibe (tanto quanto o time) se chama La Bombonera. Foi inaugurado em 25 de maio de 1940. Como o terreno era pequeno e as numeradas se erguiam quase verticalmente, cercando todo o campo, alguém comparou o novo estádio a uma caixa de bombons — e o nome pegou logo. Por ali desfilaram, vestindo a camisa do Boca, alguns dos grandes craques nascidos no país, inclusive o maior deles, Maradona. Tirado do Argentinos Juniors a peso de ouro, em 1981, Dieguito comandou a conquista do último título. Em 1982, foi vendido para o Barcelona, da Espanha. Mas também muitos brasileiros ajudaram a criar a legenda do Boca, a começar por Domingos da Guia, na década de 40. No final

ABRIL

DO PORTO PARA O MUNDO
Em 1977, a glória: o título mundial

RODOLPHO MACHADO

O MAIOR CAMISA 10
O último título do Boca foi conquistado sob o comando de Maradona, em 1981

dos anos 50, uma leva deles aportou na Bombonera: Orlando e Almir (ex-Vasco), Dino Sani (ex-São Paulo) e Paulo Valentim (ex-Botafogo), sem contar o técnico Vicente Feola, do São Paulo e da Seleção. De todos, o que se tornou ídolo de fato foi o ex-botafoguense. Dono de um chute fortíssimo, ele dava a sorte de sempre marcar gols contra o rival River Plate. *"Tín, tín, tín, gol de Valentín"*, gozava então a torcida.

Nos tempos modernos, o maior ídolo do Boca foi o goleiro Gatti, que atravessou as décadas de 70 e 80 divertindo a galera com suas macaquices. É uma torcida pobre — o clube tem apenas 8 000 sócios. Mas fiel — a Bombonera, com capacidade para 50 000 pessoas, lota com facilidade. Por tudo isso se diz que Carlos Gardel, a Virgem de Luján (padroeira do país) e o Boca são os pontos de referência da Argentina.

CLUB ATLÉTICO BOCA JUNIORS

ENDEREÇO: Bradsen 805, 1161 Buenos Aires
FUNDAÇÃO: 1905
UNIFORME: camisa azul com uma faixa horizontal amarela; calção azul; meias amarelas com frisos azuis na dobra
ESTÁDIO: La Bombonera (58 750)
TÍTULOS: *17 Campeonatos Metropolitanos* (1919, 20, 23, 26, 30, 31, 34, 35, 40, 43, 44, 54, 62, 64, 65, 76, 81); *4 torneios "Nacional"* (1969, 70, 76, 86); *2 Taças Libertadores* (1977, 78); *1 Campeonato Mundial Interclubes* (1977)
GRANDES JOGADORES: Rattín, Lazzatti, Pescia, Marzolini, Roma, Suárez, Carlos Sosa, Paulo Valentim, Marante, Almir Hugo Gatti e Diego Maradona

1925 O Boca Juniors faz uma excursão inesquecível por campos da Europa e finaliza o giro com uma campanha irresistível. Em dezenove partidas, ganhou quinze, empatou uma e perdeu apenas três.

1940 Uma partida amistosa entre Boca Juniors e San Lorenzo marca a inauguração do Estádio La Bombonera. O Boca venceu por 2 x 1 e Alarcon, ponta do time da casa, que mais tarde jogaria no Brasil, marcou o primeiro gol.

1981 Numa operação sigilosa, a diretoria do Boca Juniors anuncia a bombástica contratação de Diego Armando Maradona. O clube de La Bombonera pagou 4 milhões de dólares ao Argentinos Juniors. Nesse mesmo ano, o craque argentino começa a justificar o investimento. O Boca venceu o Campeonato Argentino, com um gol seu, na final contra o Racing.

ARGENTINA

River Plate A FORÇA DE "LA MÁQUINA"

Já foi campeão da América e do mundo, mas os mais velhos só falam na máquina de jogar futebol dos anos 40

Assim como a história do Santos vai sempre girar em torno da "Era Pelé", a do River Plate, da Argentina, tem como ponto de referência a década de 40, quando a equipe da camisa branca com a faixa vermelha atravessada no peito era chamada de *La Máquina* e considerada a melhor do mundo. Eram os tempos de monstros sagrados como Labruna, Pedernera, Moreno, Di Stéfano... É verdade que nos anos 50 o River também conheceu suas glórias e revelou o grande Sívori; que, nos 70, voltou a levantar sua torcida conquistando um título argentino após dezoito anos de jejum; que, nos 80, chegou ao máximo, ganhando o Mundial Interclubes. Mas, peça-se a algum torcedor veterano do River para falar de seu clube e ele começará assim: *"Ah, La Máquina..."*

Soriano, Vaghi e Rodriguez; Iacono, Rodolfi e Ramos; Muñoz, Moreno, Pedernera, Labruna e Loustau. Es-

ABRIL

FESTA MERECIDA
A alegria pela Libertadores em 1986

ABRIL

O SUCESSO NO JAPÃO
O melhor River Plate dos últimos 20 anos, campeão da Libertadores e do Mundial Interclubes em 1986. Destaques para Pumpido e Alzamendi

VITÓRIA DE LA MÁQUINA
O time campeão argentino de 1947, com Nestor Rossi, Loustau, Labruna e Di Stéfano

sa era a equipe que, com pequenas variações, conquistou cinco títulos argentinos, de 1941 a 1947, foi base da seleção e até hoje faz o país lamentar que a guerra impedisse a realização de duas Copas do Mundo, a de 1942 e a de 1946. Muito provavelmente a Argentina seria campeã, na opinião dos próprios críticos europeus que viram o River em excursão pelo continente em 1947.

O centro do espetáculo era o chamado trio central, formado por Moreno, Pedernera e Labruna (Di Stéfano só entraria em 1947, quando Pedernera se transferiu para o pequeno Atlanta). Foram os três que originaram o apelido *La Máquina* — não apenas pelos dribles encantadores mas sobretudo pelas alucinantes trocas de posição, levando a bola cativa do meio-campo à grande área. "*Uno entra y otro sale*", dizia sugestivamente a marcha *La Maquinita*, composta para cantar os melhores do mundo. Lazzari, grande jogador do Boca na época, confessou: "Como apreciador do futebol, eu preferiria ficar na arquibancada vendo o River jogar".

Labruna, artilheiro daquele time, foi um fenômeno também pela longevidade. Atuou até 1957, quando se despediu do River e do futebol, aos 39 anos — e como campeão. Naquela década, Labruna teve oportunidade de jogar com Sívori, *El Cabezón*. Artilheiro terrível, Sívori rendeu tanto dinheiro ao ser vendido para a Juventus, em 1957, que o clube pôde construir uma ala inteira de seu estádio, o Monumental de Nuñez. Labruna, o predestinado: foi com ele de técnico que o River liquidou a praga da falta de títulos, em 1975.

TEMPO DE ALEGRIA
Em Tóquio, o River Plate chega a sua glória máxima

Sim, o clube ainda conseguiria glórias maiores. Em 1986, com o goleiro Pumpido e o atacante uruguaio Alzamendi como destaques, ganharia a Libertadores (em cima do Nacional de Medellín) e o Mundial (contra o Steua Bucareste). Mas como esquecer *La Máquina?* O River ainda conserva a aura de instituição da elite, com que nasceu em 1901. Graças àquele timão dos anos 40, porém, transformou-se definitivamente num clube de massa. Como o Santos, durante e depois da "Era Pelé".

CLUB ATLÉTICO RIVER PLATE

ENDEREÇO: Avenida Figueroa Alcorta, 7597, 1428 Buenos Aires
FUNDAÇÃO: 1901
UNIFORME: camisa branca com faixa diagonal vermelha; calção preto; meias brancas
ESTÁDIO: Monumental de Nuñez (80 000)
TÍTULOS: *18 Campeonatos Metropolitanos* (1920, 32, 36, 37, 41, 42, 45, 47, 52, 53, 55, 56, 57, 75, 77, 79, 80, 86); *3 torneios "Nacional"* (1975, 78, 81); *1 Taça Libertadores* (1986); *1 Campeonato Mundial Interclubes* (1986)
GRANDES JOGADORES: Labruna, Carrizo, Pedernera, Loustau, Ramos, Iacono, Nestor Rossi, Sívori, Moreno, Di Stéfano, Fillol, Oscar Más, Alonso, Alzemandi, Pumpido, Passarela

1920 O River Plate espera 19 anos pelo primeiro título metropolitano, mas ainda não será desta vez que irá deslanchar.

1937 Neste ano, com um bicampeonato, encerra-se uma série de três títulos conquistados pelo clube na década de 30.

1941 Um ano histórico, que marca o início de uma equipe que entrou para a história do futebol conhecida como "La Máquina". Seu ataque, formado por Muñoz, Moreno, Pedernera, Pucelle e Labruna, marcou 75 gols em trinta partidas do campeonato.

1957 É "o canto do cisne" de "La Máquina". Mas com um tricampeonato, para não haver nenhuma dúvida de que era uma superequipe.

1986 O último título metropolitano, a conquista da Libertadores e um Mundial Interclubes. Um ótimo ano.

O PRIMEIRO BRASILEIRÃO
O Atlético Mineiro foi o primeiro campeão brasileiro (1971), numa época em que o time era treinado por Telê e tinha Dario no ataque

Atlético AUTÊNTICO "GALO DE BRIGA"

A história do mais popular time mineiro, que nasceu da ousadia de um grupo de estudantes e conquistou o país

Foi debaixo das frondosas árvores do Parque Municipal de Belo Horizonte que nasceu o Atlético Mineiro Futebol Clube, que, pouco tempo depois, seria rebatizado de Clube Atlético Mineiro. Tudo aconteceu muito rapidamente, no distante ano de 1908, graças à revolta de um grupo de estudantes de Minas Gerais ávidos por jogar futebol e decepcionados com a preferência da maioria em praticar *footings* dominicais a disputar peladas. A rapaziada matou aula e, ao ar livre, oficializou o nascimento do novo clube.

Na verdade, o Atlético Mineiro Futebol Clube surgiu para preencher o vazio deixado pelo precoce desaparecimento do efêmero Clube Atlético Mineiro do início do século. As primeiras reuniões da diretoria do time eram realizadas na simpática residência do n.º 317 da Rua Guajajaras, de propriedade da prestativa Dona Alice Neves, que, de tanto ajudar, entrou para a história do clube. Foi eleita a madrinha, responsabilizou-se pela introdução da primeira torcida feminina no país e bordou a primeira bandeira alvinegra do Atlético Mineiro, além de patrocinar um mutirão de mulheres para confeccionar os uniformes da estréia.

O Atlético Mineiro, de início, teve as mesmas dificuldades normais de um time recém-nascido. Comprar uma bola

TOQUE DE CLASSE
Reinaldo: talento que durou pouco

A RETÓRICA DO GOL
Dario, dono de vocabulário próprio, marcou o gol na final contra o Botafogo, em 1971

transformou-se num desespero — a solução foi utilizar uma usada. Mas com o tempo as coisas iam se clareando e o presidente Margival Mendes, o primeiro a ser eleito por aclamação, logo armou um time forte. Tanto que, em apenas três jogos, desmontou o Sport Clube, tradicional time da época.

Em 25 de março de 1913, veio a forma definitiva. Uma assembléia geral tratou de mudar o nome do time para Clube Atlético Mineiro. Desde cedo, a política da diretoria era bem definida, ou seja, abrir as portas para todos aqueles que desejassem participar da vida social e esportiva. Havia espaço para todos: pretos, brancos, ingleses, portugueses, japoneses. Tudo para tornar o time popular, enquanto os concorrentes agiam diferentemente. O América se restringia a receber estudantes em suas dependências, enquanto o Cruzeiro era tipicamente italiano — ainda se chamava Palestra.

Garra, coragem e heroísmo sempre foram a marca do clube. E também suas vitórias. Tais características levaram o time a ser conhecido carinhosamente por Galo Carijó, apelido reduzido para Galo em fases mais recentes da história. Dentro dessa filosofia, ídolos não faltavam no convívio com os torcedores. Quem não se lembra do lendário artilheiro Mário de Castro, um jogador que, entre outras façanhas, foi o primeiro da equipe a ser convocado para a Seleção Brasileira? Ou do goleiro Kafunga, recordista inveterado? — ficou 21 anos como goleiro titular do Atlético. Houve muita festa também para o meio-campo Zé do Monte, para Dario e sua verve peculiar, para o desengonçado Toninho Cerezo, para o genial Reinaldo, para o habilidoso Luisinho e para o temperamental Éder.

FOTOS ABRIL

SEMPRE CALMO
Luisinho: grande zagueiro do Galo

O Atlético Mineiro de hoje não tem estádio. Seus dirigentes chegaram à conclusão de que só mesmo o gigantesco Mineirão tem condições de abrigar sua massa torcedora. Mas seu patrimônio é invejável. O clube tem mais de 35 000 sócios, além da Vila Olímpica, local construído para treinamentos e concentração. É a história do Galo, nascido debaixo das copas das árvores mas que hoje não caberia numa floresta.

CLUBE ATLÉTICO MINEIRO

ENDEREÇO: Av. Olegário Maciel, 1516, CEP 31760, Belo Horizonte, MG
FUNDAÇÃO: 1908
UNIFORME: camisa com listras verticais em branco e preto; calção preto; meias brancas
ESTÁDIO: Mineirão (110 000)
TÍTULOS: *32 Campeonatos Mineiros* (1926, 27, 31, 32, 36, 38, 39, 41, 42, 46, 47, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 62, 63, 70, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 89); *1 Campeoanto Brasileiro* (1971)
GRANDES JOGADORES: Mário de Castro, Guará, Zé do Monte, Kafunga, Ubaldo, Carlyle, Toninho Cerezo, Dario, Reinaldo, Paulo Isidoro, RENATO

1908 Fundado o Atlético Mineiro Futebol Clube, no dia 25 de março.

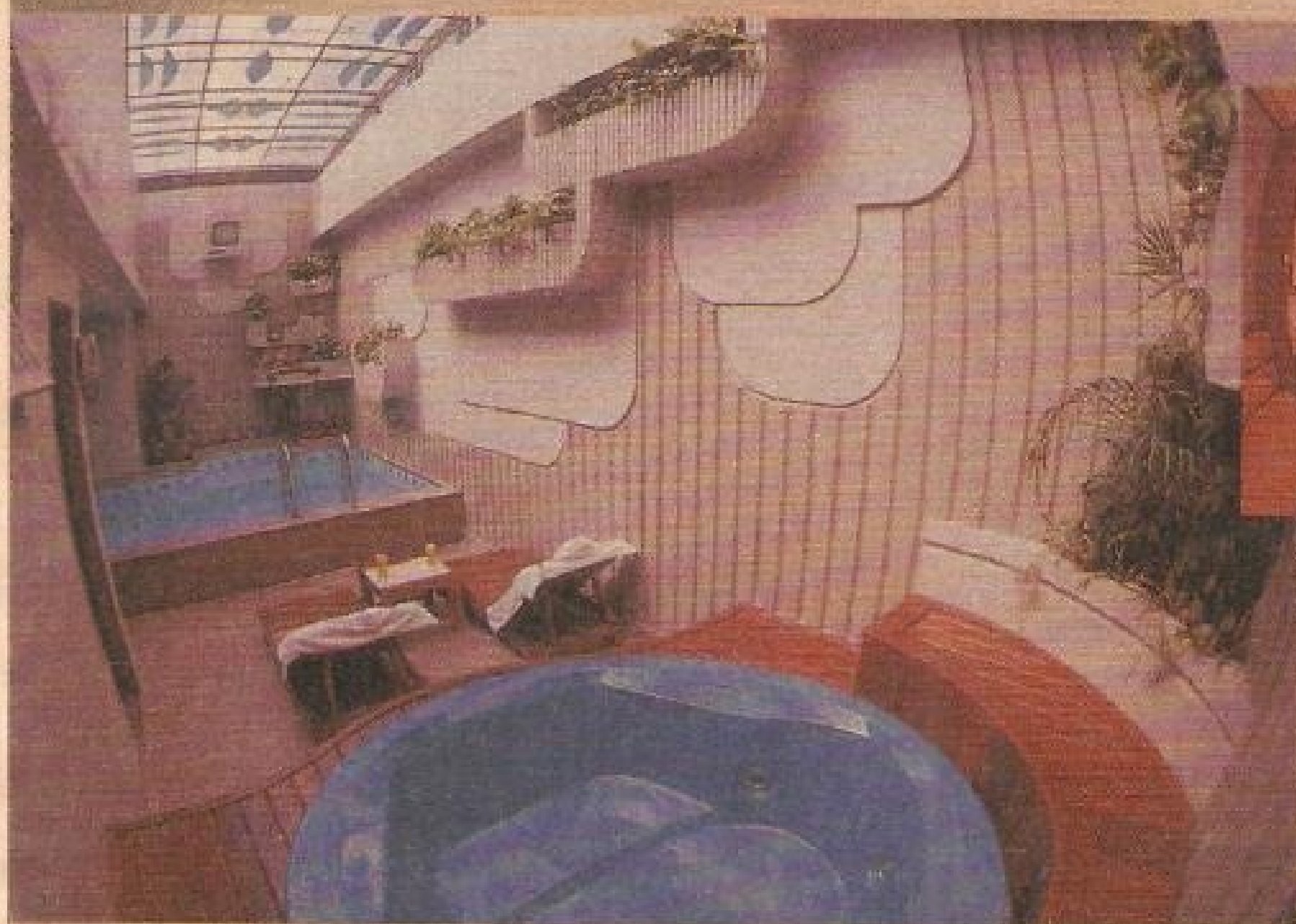
1913 Uma assembléia geral troca o nome do clube para Clube Atlético Mineiro, também a 25 de março.

1915 O Clube Atlético Mineiro vence o primeiro campeonato oficial de Belo Horizonte.

1929 Inaugurado o Estádio Antônio Carlos, em 29 de maio. Na festa de inauguração, uma goleada sobre o Corinthians Paulista por 4 x 2.

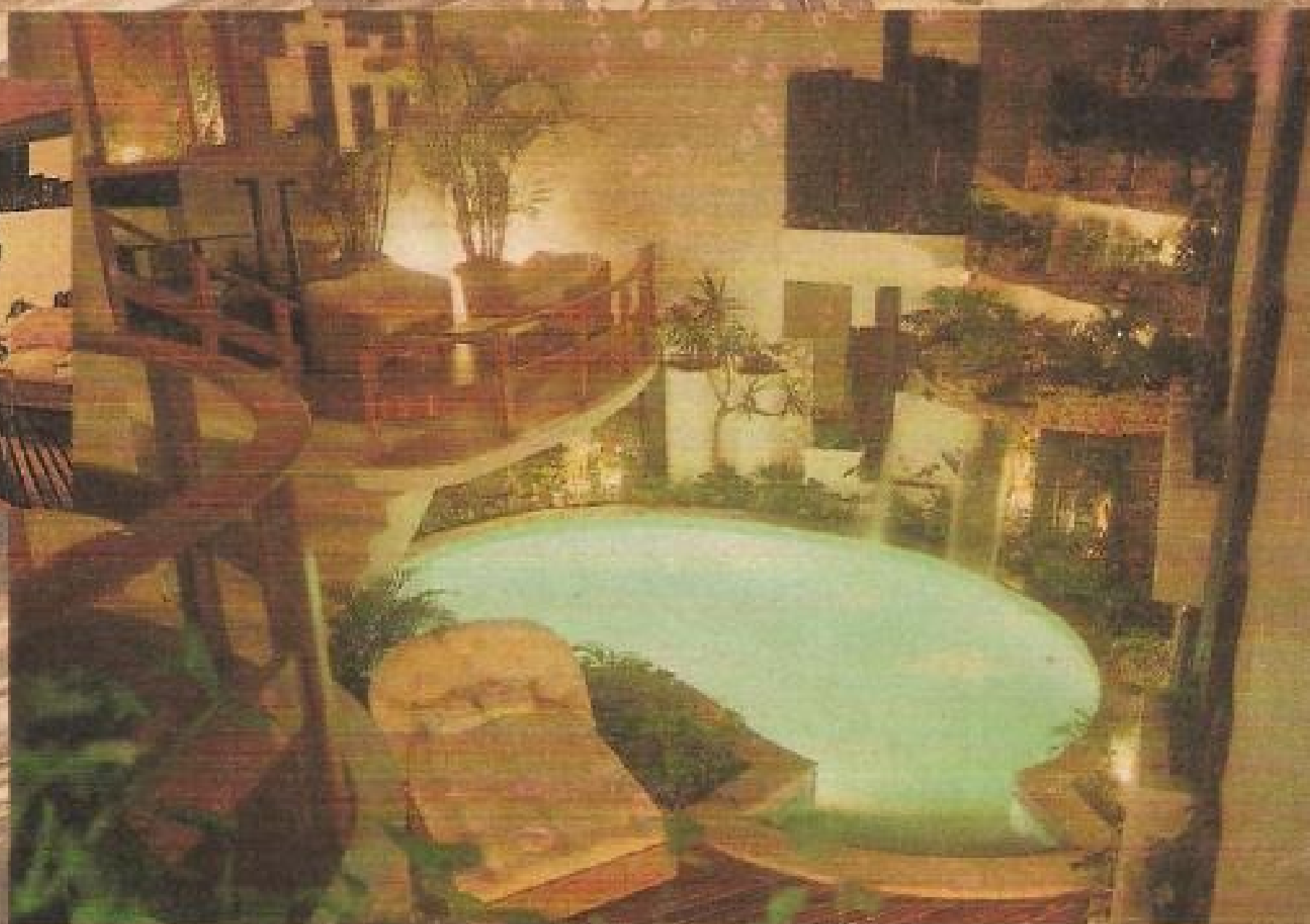
1936 O Galo é o campeão dos campeões do Brasil, derrotando o Fluminense (campeão carioca), a Portuguesa de Desportos (campeã paulista) e o Rio Branco (campeão capixaba).

1956 O clube sagra-se pentacampeão mineiro.

1971 Em pleno Maracanã, o Atlético bate o Botafogo por 1 x 0 (gol de Dario) e conquista o título de campeão brasileiro. Time: Renato, Humberto, Grapete, Vantuir e Odair; Vanderlei e Humberto Ramos; Ronaldo, Dario, Lola e Tião. Técnico: Telê.

INFORME PUBLICITÁRIO
CÔNCAVO E CONVEXO
Conforto, requinte e privacidade são os grandes destaques deste motel moderno e bem equipado para oferecer a você momentos de prazer e sedução. Uma ótima opção para mergulhar nas mais românticas horas de amor.
Av. do Estado, 6600 - Cambuci SP. - Tel.: (011) 274-7433
OS FORA DE SÉRI
POUSADA DO COWBOY
Com todos os ambientes que lembram o oeste americano, este motel supera todas as expectativas para quem espera encontrar um ambiente exótico e muito aconchegante. Suítes decoradas com muita madeira e uma impecável cozinha que funciona 24 horas.
Rua Taquari, 778 - Moóca - SP
Tel.: (011) 291-4766.

E DE SÃO PAULO

LE MOULIN

Se você acreditava que não havia mais nada para ser provado, Suite LE MOULIN todo o requinte e a sofisticação com muito bom gosto. Ambiente finamente decorado para fazer do prazer a dois momentos inesquecíveis.
Via Anchieta, km 23 - Trevo da Volkswagen - São Bernardo do Campo - Telefone (011) 451-5155

COLONIAL PALACE

Ambientes distintos e com muito bom gosto, finamente decorados para proporcionar o máximo de prazer e conforto. Atendimento "Classe A". Não deixe de conhecer os deliciosos pratos da cozinha internacional.
Av. Abraão de Morais, 966
Jardim da Saúde - SP - Tels.: (011) 577-6391 e 578-4602.

O GLOBO

PARA TODO O SEMPRE
A equipe de 1959: Nadinho, Leone, Henrique, Flávio, Vicente e Beto *(em pé)*; Marito, Alencar, Léo, Bombeiro e Biriba *(agachados)*

Bahia NA CASA DOS OUTROS É MELHOR

O tricolor baiano não quer saber de história e estatísticas: decisão é com ele. Na Vila ou no Beira-Rio

O pequeno estádio da Vila Belmiro estava lotado naquela noite de 10 de dezembro de 1959. O grande Santos de Zito, Coutinho, Pepe, Dorval, Jair da Rosa Pinto e ele, Pelé, ia jogar contra o Bahia na primeira partida da decisão da I Taça Brasil, competição que reunia os campeões de todos os Estados. Nas arquibancadas e sociais, a única coisa que se discutia era de quanto o time da casa iria ganhar. E, logo aos 15 minutos de jogo, Pelé fez 1 x 0. O Bahia continuou vivo, porém, e o empate veio aos 26. O primeiro tempo acabou assim, mas os torcedores santistas continuavam discutindo os números da goleada inevitável.

Começa o segundo tempo e Léo, aos 12, desempata. A Vila cala-se perplexa. Mas, afinal, o que aquele time do Nordeste estava querendo? Aos 32, de pênalti, Pepe empata. Para o Santos, o resultado até que estava bom. No segundo jogo, no Maracanã, ganharia com folga e liquidaria aquela história. Para o Bahia, no entanto, o empate parecia não servir. O time continuava correndo, lutando pelas bolas divididas, atacando atrás da vitória. E ela veio, aos 44, com um gol de Alencar.

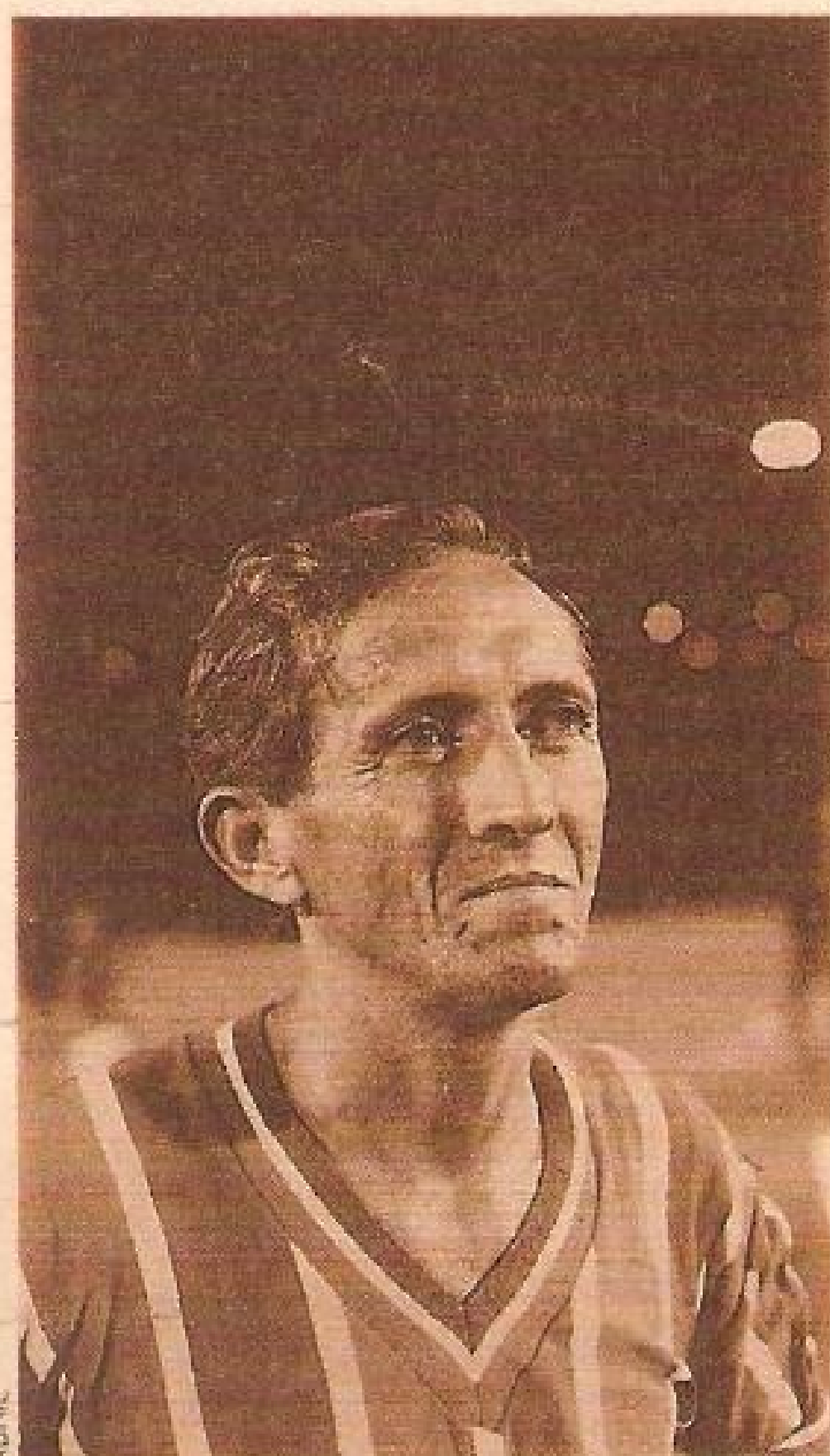
Enquanto a Vila emudecia, Salvador ia à loucura. Às vésperas do Natal, a cidade fazia um delirante carnaval. Dias depois, no Maracanã, uma nova vitória, desta vez por 3 x 1. Uma façanha, levando-se em conta que, para se tornar o primeiro campeão do Brasil, o tricolor derrotara duas vezes seguidas o todo-poderoso Santos. Mas façanhas o Bahia já estava cansado de fazer. Ele já era, naquele ano, dezesseis vezes campeão baiano e campeão do Norte-Nordeste.

ADOLPHO GERCHMANN

FESTA NO BEIRA-RIO
O Bahia decide o título brasileiro na casa do Inter. E só deu tricolor

ORLANDO KISSNER

CHEIRO DE GOL NO AR
Bobô, Paulo Rodrigues e Zé Carlos: três feras comemorando mais um

ABRIL

MARITO, O DRIBLE
Campeão em 59: comparado a Garrincha

E, de lá para cá, esses números só fizeram crescer, num rosário imenso de títulos.

Mas nem mesmo o hexa baiano da década de 70 conseguia matar a saudade que os torcedores sentiam daquele título brasileiro. Aquelas vitórias sobre o Santos iam passando de pai para filho, em narrações nostálgicas e emocionadas. Então, decorridos 29 anos, o Bahia conquista seu segundo título brasileiro. E outra vez na casa do adversário, o forte Inter de Porto Alegre. No primeiro jogo das finais, deu Bahia, de virada: 2 x 1. Na segunda, no Beira-Rio, bastava segurar o empate.

A tarefa, no entanto, não era assim tão fácil. Jogando em casa, o Internacional não perdera nenhuma final de Brasileiro. Mas o Bahia é o Bahia, e não quis saber de história. Com fibra e garra, suportou a pressão e manteve o 0 x 0 até o final, sagrando-se campeão. Um prêmio mais que merecido para sua imensa e apaixonada torcida. Agora é só botar o trio elétrico na rua.

ESPORTE CLUBE BAHIA

ENDEREÇO: Av. Otávio Mangabeira, s/n.º, CEP 41700, Salvador, BA
FUNDAÇÃO: 1931
UNIFORME: camisa branca com punhos e gola azuis; calção azul; meias vermelhas
ESTÁDIO: Fonte Nova (80 000)
TÍTULOS: *36 Campeonatos Baianos* (1931, 33, 34, 36, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 52, 54, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 67, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88); *1 Campeonato Brasileiro* (1988); *1 Taça Brasil* (1959)
GRANDES JOGADORES: Gambarrotta, Betinho, Armando, Romeu, Carlito, Marito, Alencar, Mário, Eliseu, Douglas, Paulo Rodrigues

1931 Os jogadores do Bahiano de Tênis e da Associação Atlética da Bahia, cujos times estavam em extinção, resolvem, no dia 1.º de janeiro, fundar um novo clube para disputar o Campeonato Baiano de futebol. A cor azul foi adotada da Associação Atlética, a *Azulina;* o branco, do Bahiano de Tênis; e o vermelho e o escudo, do Corinthians Paulista.

1940 O Bahia é campeão baiano invicto pela segunda vez (a primeira foi em 1931, ano de sua fundação).

1959 Derrotando o Santos duas vezes (3 x 2, na Vila Belmiro, e 3 x 1, no Maracanã), sagra-se campeão da Taça Brasil.

1962 O Bahia conquista o pentacampeonato baiano.

1978 Sem perder um único jogo, o tricolor sagra-se hexacampeão baiano.

1988 O Bahia empata em 0 x 0 com o Internacional, no Beira-Rio, e conquista seu primeiro título brasileiro.

JB

MANÉ GARRINCHA, EM 1957
Literalmente fazendo a fila com os zagueiros do Vasco

ABRIL

GÉRSON, O COMANDANTE
O superesquadrão de 1968 levanta a taça do bicampeonato

Botafogo O CLUBE DOS SUPERTIMES

Craque atrai craque. Com esta máxima, o Fogão formou equipes inesquecíveis, o que o torna, mais que nunca, Glorioso

Ninguém pode afirmar que o Botafogo não era um grande clube antes de 1957. Já havia ganho sete Campeonatos Cariocas (entre eles um tetra, em 1932/33/34/35) e revelado craques como Carvalho Leite, Patesko, Juvenal e Heleno de Freitas. Mas, sem dúvida, 1957 funcionou como uma espécie de divisor de águas. Naquele ano, ao golear o Fluminense por 6 x 2 na final e conquistar seu oitavo título, o Botafogo inaugurava uma fulgurante era em sua história — a dos supertimes —, que só terminaria 11 anos depois, com a conquista do bicampeonato carioca de 1968.

Lá estavam os desconcertantes dribles de Garrincha, a "folha-seca" de Didi, a "bomba" precisa de Quarentinha e a categoria inigualável de Nílton Santos. No ano seguinte, a esses monstros se juntaria o incansável Zagalo. E, como um craque puxa o outro, nos anos seguintes surgiriam Amarildo, Rildo e Manga. Era até covardia. Assim, o bi de 1961/62 foi uma conseqüência lógica de tanto talento reunido.

E a mística de time de grandes craques continuou prevalecendo em 1967 e 1968, anos do segundo bicampeonato da década de 60. Didi já passara o bastão para Gérson; Garrincha para Rogério; Quarentinha para Jairzinho (na época, jogava na meia); e Zagalo cedera seu lugar para Paulo César "Caju". Não havia mesmo como os adversários pudessem resistir. General Severiano parecia ser um celeiro inesgotável de gênios da bola. Parecia...

Parecia, porque por duros 21 anos, mesmo continuando a revelar para o Brasil craques como o lateral Marinho, o meia Alemão ou o ponta Dirceu, por exemplo, sempre ficou faltando alguma coisa. E o jejum de títulos durante todo esse tempo foi dando a impressão de que o Botafogo estava acabado como um grande clube. Para reforçar essa falsa imagem de decadência sem volta, o clube vendera a aristocrática sede de General Severiano e mudara-se para o longínquo subúrbio de Marechal Hermes. Então, quando tudo parecia sem esperança (o time estava sem ganhar um clássico há três anos), aconteceu o ano da redenção alvinegra: 1989. Ganhando do Flamengo por 1 x 0, gol de Maurício, o Botafogo fez as pazes com a glória e conquistou seu 13.º título. E invicto.

De certa maneira, os botafoguenses têm razões para dizer que "existem coisas que só acontecem com o Botafogo". Só que eles dizem isso em tom de lamento, quando deveriam dar uma entonação de alegria à frase. Afinal, em que outro time aconteceu uma "coisa" como Mané Garrincha — um homem que encheu estádios no mundo inteiro com sua irreverência e sua mágica alegria?

Agora outro "louco", de futebol também irreverente e dribles desconcertantes, veste a camisa 7 — Renato Gaúcho. Se prevalecer a velha máxima alvinegra de que craque atrai craque, seus torcedores já têm mais um belíssimo motivo para dizer: tem coisas que só acontecem mesmo com o Botafogo — o clube dos timaços.

NILTON CLAUDINO

OS BOTAFOGUENSES VÃO À LOUCURA
O clube ganha um novo título depois de 21 anos

FERNANDO PIMENTEL

O CAMPEÃO DE 1989
Sem vencer um clássico há 3 anos, ganhou do Fla na final

ABRIL

DIDI: O CÉREBRO
No festejado time campeão de 1957

JB

NÍLTON SANTOS
Um gênio como lateral ou zagueiro

BOTAFOGO DE FUTEBOL E REGATAS

ENDEREÇO: Rua Xavier Curado, 1705, Marechal Hermes, CEP 21610, Rio de Janeiro, RJ
FUNDAÇÃO: 1904
UNIFORME: camisa com listras verticais brancas e pretas; calção preto; meias brancas
ESTÁDIO: Mané Garrincha (20 000)
TÍTULOS: *14 Campeonatos Cariocas* (1910, 30, 32, 33, 34, 35, 48, 57, 61, 62, 67, 68, 89, 90); *2 Torneios Rio—São Paulo* (1962, 1964); *1 Taça Brasil* (1968)
GRANDES JOGADORES: Mimi Sodré, Carvalho Leite, Heleno de Freitas, Nílton Santos, Didi, Garrincha, Manga, Quarentinha, Zagalo, Amarildo, Jairzinho, Paulo César "Caju", Renato Gaúcho, VALDEIR, TÚLIO.

1904 A 12 de agosto, um grupo de rapazes residentes no bairro de Botafogo funda o Eletro Clube, que, por sugestão da avó de um deles, vira Botafogo Futebol Clube.

1906 Só neste ano a camisa do clube, antes toda branca, passa a ser listrada de branco e preto.

1938 É inaugurado, no dia 28 de agosto, o Estádio de General Severiano, com uma vitória de 3 x 2 sobre o Fluminense.

1942 O Botafogo Futebol Clube funde-se com o Clube de Regatas Botafogo e surge, finalmente, o Botafogo de Futebol e Regatas. Do Regatas, o Botafogo herdou, além da tradição do remo, a estrela solitária.

1977 Ao completar 73 anos, o clube muda-se para o subúrbio de Marechal Hermes, cujo estádio, o Mané Garrincha, foi inaugurado no ano seguinte.

1989 Depois de amargar um jejum de 20 anos sem títulos, o Botafogo volta a ser campeão carioca.

ABRIL

PARA SEMPRE NO CORAÇÃO
Nos inesquecíveis anos 50, o time do bicampeonato

B. SCALCO

TÍTULO REVOLUCIONÁRIO
A equipe do primeiro título da *Democracia Corintiana*

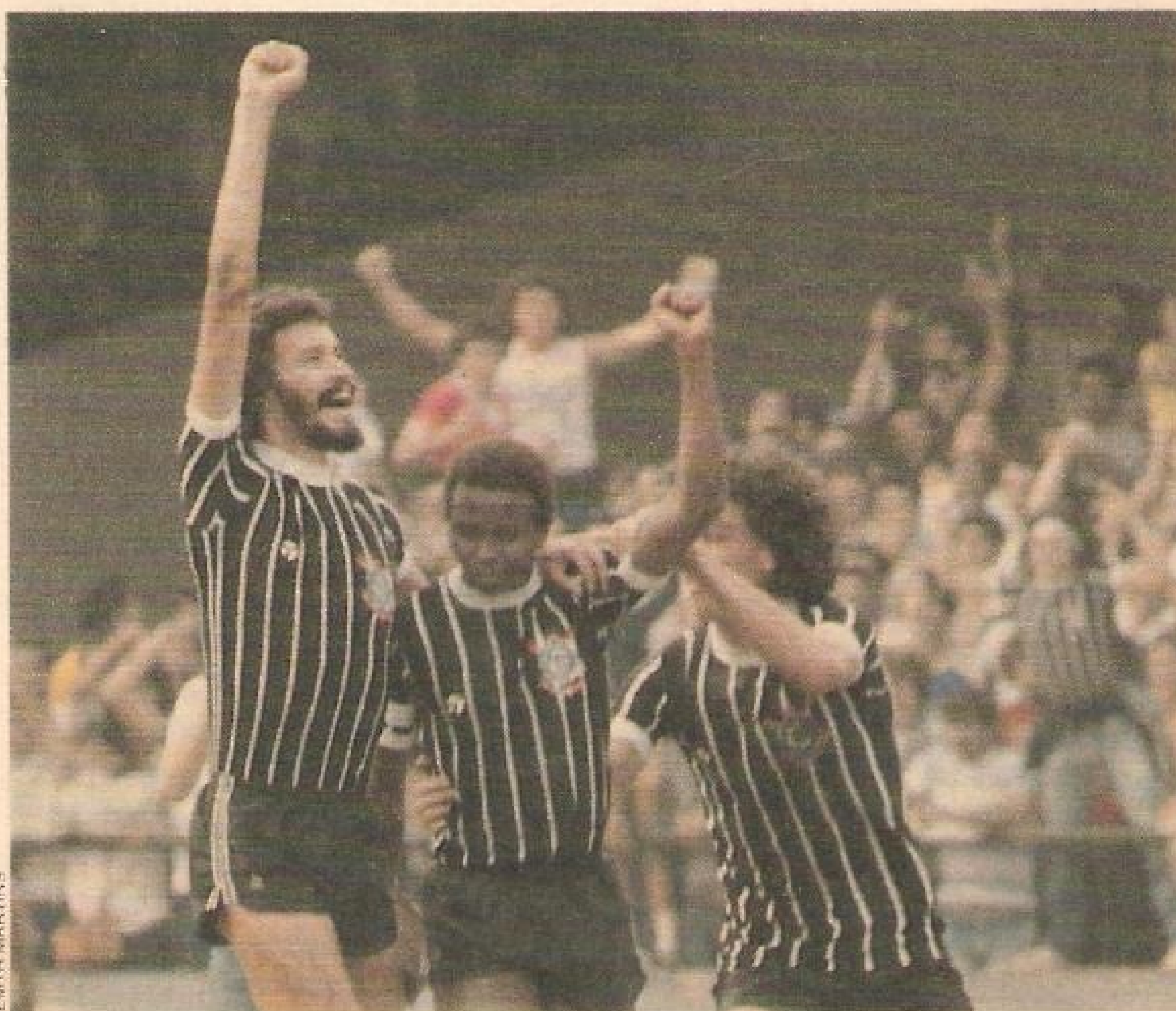
Corinthians FÉ, PAIXÃO E LIBERDADE

Foi um duro jejum de 22 anos, mas o Timão sempre acreditou que se libertaria para voltar a ser um campeão

O Corinthians não ganha um título desde 1954 e isso é demais — é insuportável. A torcida não agüenta mais tanto sofrimento. Desesperada, já se comportara de modo tremendamente injusto com seus ídolos ao longo destes anos. Rivelino, campeão mundial de 1970, chegou a ser escorraçado do clube depois da decisão perdida para o Palmeiras, em 1974.

Mas, se em sua dor a torcida podia reagir com cruel insensatez, era também capaz de gestos de comovente generosidade como nenhuma outra. Foi o que aconteceu nas semifinais do Campeonato Brasileiro de 1976, contra o Fluminense, quando uma barulhenta e interminável caravana de carros e ônibus varou a madrugada para despejar 70 000 corintianos alegres e insones no Maracanã. O Rio jamais viu alguma coisa assim. Nem antes nem depois. Foi uma invasão e uma festa inesquecíveis, com a Via Dutra se transformando em um grande corso carnavalesco após a vitória sobre o tricolor carioca, nos pênaltis. Por azar, porém, o Timão foi logo topar com o Inter de Falcão e Figueroa na final do Beira-Rio. E perdeu.

Na noite de 13 de outubro de 1977, com toda certeza a história seria outra. Corinthians e Ponte Preta vão decidir o título paulista, na grande ''negra''. No primeiro jogo deu Corinthians: 1 x 0. No segundo, Ponte: 2 x 1. Agora, um deles será campeão. De qualquer maneira. A partida começa nervosa, catimbada. O primeiro tempo termina sem gols. Apesar de apreensiva, a Fiel confia. O segundo tempo é iniciado e nada de gols. E nada daquela explosão que liberta e redime. Então, quando

LEMYR MARTINS

EM FINA SINTONIA
Sócrates, Wladimir e Casagrande: liderança e vibração

RICARDO CORREA

CONTRA TUDO E TODOS
Com garra e fé: os campeões brasileiros de 1990

parecia que o sofrimento iria prosseguir na prorrogação. Basílio, aos 35, vence o goleiro Carlos. Era a vitória, o título, a redenção corintiana.

Agora o Corinthians estava livre. Livre para voltar a ganhar títulos com a mesma freqüência de seus melhores anos, como as décadas de 20 e 30 e os sempre lembrados anos 50, quando o clube venceu três campeonatos e formou ataques lendários: Cláudio, Luizinho, Baltazar, Carbone (Rafael) e Mário (Simão).

Então, com a tranqüilidade que a liberdade proporciona, o clube pôde trazer Sócrates para o Parque São Jorge. Era o início de uma nova era de conquistas, dentro e fora de campo. Com seus dribles, sua visão inteligente de jogo, seus mágicos passes de calcanhar e seus gols decisivos, ele conquistou para sempre os corações corintianos. E com sua cabeça aberta, sua cultura, seu agudo senso crítico, Sócrates, o "Doutor", ganhou as mentes e detonou o movimento que mudaria para sempre o relacionamento clube/atleta: a *Democracia Corintiana*. Embora coadjuvado por craques de primeiríssima linha, foi ele o principal responsável pelo bi de 1982/83, quando o Corinthians somou dezenove títulos estaduais, ultrapassando o Palmeiras — agora, com o de 1988, são vinte — e se tornando o clube paulista com mais campeonatos. Mas ainda faltava alguma coisa. E ela veio no ano passado, com a conquista do Campeonato Brasileiro e uma geração que também já gravou seu nome na história. A novíssima geração de campeões comandada pela canhota mortífera de Neto.

NELSON COELHO

O ÍDOLO DE HOJE
Neto: mortíferas cobranças de falta

LEMYR MARTINS

O ÍDOLO DE ONTEM
Rivelino: injustiçada vítima da paixão

SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA

ENDEREÇO: Rua São Jorge, 777, CEP 03087, São Paulo, SP
FUNDAÇÃO: 1910
UNIFORME: camisa branca com gola preta; calção preto; meias brancas.
ESTÁDIO: Parque São Jorge (30 000)
TÍTULOS: *20 Campeonatos Paulistas* (1914, 16, 22, 23, 24, 28, 29, 30, 37, 38, 39, 41, 51, 52, 54, 77, 79, 82, 83, 88); *4 Torneios Rio—São Paulo* (1950, 53, 54, 66); *1 Campeonato Brasileiro* (1990)
GRANDES JOGADORES: Amílcar, Neco, Del Debbio, Teleco, Servílio, Baltazar, Cláudio, Luizinho, Gilmar, Oreco, Rivelino, Paulo Borges, Palhinha, Sócrates, Neto, MARCELINHO,

1910 Numa barbearia do Bom Retiro, no dia 1.º de setembro, é fundado o Sport Club Corinthians Paulista, nome dado em homenagem ao Corinthians Team, um time inglês que excursionava pelo Brasil na época.

1912 A Liga Paulista de Futebol rejeita o pedido de inscrição do novo clube, o que o Corinthians só consegue no ano seguinte.

1922 O Corinthians conquista o título de Campeão do Centenário (da Independência do Brasil). Dois anos mais tarde, sagra-se tricampeão paulista.

1926 É comprado o terreno do Parque São Jorge, sede do clube até hoje.

1954 O Corinthians conquista o título de campeão do IV Centenário de São Paulo e passa a ser conhecido como o *Campeão dos Centenários*.

1977 Depois de um longo jejum de 22 anos sem títulos, o Corinthians é campeão paulista.

CAMPEÃO DAS AMÉRICAS
Depois do Santos, este Cruzeiro de 1976 foi o primeiro time brasileiro a conquistar uma Taça Libertadores

Cruzeiro ALEGRIA FUTEBOL CLUBE

O fabuloso time dos anos 60 ensinou: o futebol deve ser lépido e irreverente. A lição é lembrada ano a ano

Que torcedor do Cruzeiro não conhece de cor e salteado esta escalação: Raul, Neco, William, Procópio e Pedro Paulo; Piazza, Dirceu Lopes e Tostão; Natal, Evaldo e Hílton Oliveira?

E não é para menos. De fato, este 11 é especial. Afinal, foi ele quem incluiu definitivamente Minas Gerais no mapa do futebol brasileiro, como uma potência a ser vista com todo respeito. Os olhares do Brasil inteiro se voltaram para Minas na tarde do dia 30 de novembro de 1966. Nessa data, no Mineirão, com um futebol endiabrado, o jovem time cruzeirense sapecou uma estonteante goleada de 6 x 2 em cima do Santos — do Santos de Gilmar, Mauro, Zito, Toninho e Pelé. Dias depois, no Pacaembu, outra vitória mineira, desta vez por 3 x 2, numa virada sensacional (perdia de 2 x 0 até os 12 do segundo tempo).

Não dava mesmo para o Brasil ignorar aquele fenômeno fulgurante. E a partir daí as cinco estrelas do Cruzeiro passaram a brilhar nos sonhos dos garotos de todo o Brasil. Tostão, Dirceu Lopes, Raul e Procópio batizaram craques de futebol de botão onde quer que houvesse um menino.

Mas se este 11 foi especial, com absoluta certeza não foi nem o único nem o último grande time cruzeirense. Jogos incríveis ainda estavam para vir e títulos importantes seriam conquistados. Como esquecer, por exemplo, aquele jogaço contra o Internacional em 1976, pela Libertadores? Foi de arrebentar corações. Era gol em cima de gol. O Cruzeiro marcava, o Inter descontava; o Cruzeiro marcava, o Inter empatava. Então, faltando cinco minutos para acabar, com o marcador já em 4 x 4, Nelinho, de pênalti, faz o quinto e decreta a vitória.

Nesta tarde, daquele time antigo só restavam Raul e Piazza. No entanto, lá estava o mesmo futebol descontraído, leve e rápido, sempre à procura do gol e da vitória. Um time também cheio de craques, como Zé Carlos, Nelinho, Roberto Batata, Jairzinho, Palhinha e o irreverente Joãozinho.

Esta mesma equipe, no último jogo

ARREBENTA, CORAÇÃO!
Um jogão eterno: Cruzeiro 5 x Inter 4

HOMEM DO RITMO
Dirceu Lopes: mago dos toques rápidos

CAMISA AMARELA
Raul criou os uniformes coloridos

FOTOS CELIO APOLINARIO

ESTADO DE MINAS

AQUI, O COMEÇO
1966: Piazza, Tostão e a Taça Brasil

da decisão da Libertadores daquele ano, disputado em Santiago, no Chile, venceu o River Plate por 3 x 2 e botou a mão na taça. Jamais a torcida chilena esquecerá o gol marcado por Joãozinho — o da vitória.

Faltavam três minutos para acabar a partida quando o juiz marcou uma falta em cima de Palhinha. Os jogadores argentinos estavam nervosos na barreira, esperando a bomba de Nelinho. Mas Joãozinho toma sua frente e bate leve, malandramente. O goleiro, perplexo, nem se mexeu. Era o Cruzeiro campeão das Américas, um título que, na época, só o Santos podia se orgulhar de ter.

Nunca o Cruzeiro se afastou daquela escola fundada pelos mestres — a de um futebol jogado com alegria e sadia molecagem. A mesma molecagem que Careca mostrou na final do Campeonato Mineiro de 1987, marcando o primeiro gol e fazendo estragos irreparáveis na defesa atleticana, e que voltaria a mostrar na decisão de 1990. Porque para o Cruzeiro o futebol tem mesmo de ser assim — tão fulgurante como as cinco estrelas de sua camisa. É a lição inesquecível dos mestres.

CRUZEIRO ESPORTE CLUBE

ENDEREÇO: Rua Guajajaras, 1722, Barro Preto, CEP 30180, Belo Horizonte, MG
FUNDAÇÃO: 1921
UNIFORME: camisa azul; calção branco; meias brancas
ESTÁDIO: Mineirão (110 000)
TÍTULOS: *24 Campeonatos Mineiros* (1928, 29, 30, 40, 43, 44, 45, 56, 59, 60, 61, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 77, 84, 87, 90); 2 *Taça Libertadores da América* (1976); *1 Taça Brasil* (1966)
GRANDES JOGADORES: Niginho, Orlando Fantoni, Abelardo, Raul, Wilson Piazza, Dirceu Lopes, Tostão, Jairzinho, Palhinha, Joãozinho, Zé Carlos, TILICO, CHARLES, RENATO, PALHINHA, RONALDO,

1921 Fundada, no dia 2 de janeiro, a Società Palestra Itália, clube que mudaria seu nome para Cruzeiro em 1942.

1926 A diretoria resolve suspender a cláusula estatutária que só permitia como sócios ou atletas do Palestra os italianos e seus descendentes.

1942 O Brasil corta relações com os países do Eixo — Alemanha, Itália e Japão — por causa da 2.ª Guerra Mundial e o presidente Enes Ciro Poni decide rebatizar o Palestra com o nome de Ypiranga. A idéia é rejeitada e, em Assembléia Geral, o clube passa a se chamar Cruzeiro Esporte Clube.

1966 O time de Raul, Piazza, Dirceu Lopes e Tostão torna-se campeão da Taça Brasil, derrotando o poderoso Santos de Pelé e companhia.

1976 No Estádio Nacional de Santiago, Chile, o Cruzeiro derrota o River Plate, da Argentina, por 3 x 2 e conquista o título de campeão da Taça Libertadores.

Flamengo O MUNDO VIRA UM MARACANÃ

Para os desafetos, só era campeão no Rio.
Até o dia em que vestiu o Brasil e Tóquio de vermelho e preto

MESTRE ZIZA
O maior craque brasileiro antes de Pelé

Embora já houvesse ganho dezenove títulos cariocas e projetado alguns dos maiores craques brasileiros de todos os tempos, como Zizinho, Domingos da Guia, Leônidas e Dida, ainda assim o Flamengo era olhado com certo descrédito por boa parte do país até 1980. "Ser campeão carioca é fácil. Quero ver é ser campeão fora do Rio", diziam desdenhosos os torcedores dos outros Estados. E nem mesmo Zico escapava dessas farpas. "É jogador de Maracanã", era o que se dizia a seu respeito nas discussões de bares pelo Brasil afora.

A cobrança era compreensível: como todo time do povão, o Flamengo e seus ídolos despertavam nos outros torcedores inveja e raiva; e precisavam ganhar e ganhar, para terem o valor reconhecido acima das paixões dos adversários. O problema é que suas campanhas nos Campeonatos Brasileiros haviam sido, até então, de razoáveis para baixo. Aí veio 1980 e o primeiro título nacional. Não se podia mais escamotear a verdade: o Flamengo era, de fato, o *Mengão Campeão*. A nação rubro-negra, que sempre o chamou assim, apenas sorriu. Esse título seria apenas o começo de uma série de conquistas que tornou o time de Zico & Cia. o grande papão da década de 80.

O bicampeonato brasileiro veio dois anos depois, em 82; o tri, em 83; e o tetra, em 87. Mas em meio a toda essa glória, a maior delas: o título mundial conquistado em Tóquio, em 1981. O Flamengo, que estremecia o Maracanã e o Brasil, agora estremecia o mundo. Apenas 34 minutos daquela partida contra o Liverpool, no dia 12 de dezembro, foram suficientes para mostrar que o *Mengão Campeão* ganhava em qualquer campo, de quem quer que fosse. Logo aos 12, Nunes fez 1 x 0. Adílio nocauteou de vez os ingleses aos 34. O terceiro gol (de Nunes), nos últimos minutos do primeiro tempo, foi como um "choro" Precisar, mesmo, não precisava.

O mundo, que não conhecera nem o time tricampeão carioca de 1943/44/45 (Jurandir, Nílton e Quirino; Biguá, Bria e Jaime; Valido, Zizinho, Pirilo, Perácio e Vevé) nem a equipe do segundo tri carioca de 1953/54/55 (Chamorro, Tomires e Pavão; Jadir, Dequinha e Jordan; Joel, Evaristo, Índio, Dida e Zagalo), conhecia agora o *Mengão Campeão* de Raul, Leandro, Marinho, Mozer e Júnior; Andrade, Adílio e Zico; Tita Nunes e Lico.

Nada mal para um clube que, ao ser fundado, em 1895, queria apenas competir no remo e tinha como uniforme camisas em azul e ouro. Dá para imaginar um Flamengo assim? Por sorte essas cores não foram encontradas no mercado e a solução foi utilizar vermelho e preto. O glorioso, o campeoníssimo vermelho e preto. O rubro-negro de Zizinho, de Dida, de Júnior e dele, Zico — o líder de uma equipe que fez do Morumbi, do Beira-Rio, do Mineirão e do estádio de Tóquio um imenso Maracanã. Para todo o sempre.

ZICO COMEMORANDO UM GOL
A rotina do grande comandante de um supercampeão

MARCELO REZENDE

NUNES CORRE PARA O ABRAÇO DE JÚNIOR
É o mundo conhecendo a força do Mengão

NELSON COELHO

A EQUIPE DO TETRA BRASILEIRO
Um entre os muitos times inesquecíveis da Gávea

ABRIL

ALMIR, CAMPEÃO DE 1963
A garra que conquistou o povo

O GLOBO

DIDA
1955: nasce um goleador na campanha do tri

CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO

ENDEREÇO: Praça Nossa Senhora Auxiliadora, s/n.º, CEP 22441, Rio de Janeiro, RJ
FUNDAÇÃO: 1895
UNIFORME: camisa com listras horizontais vermelhas e pretas; calção branco; meias listradas em vermelho e preto
ESTÁDIO: da Gávea (8 000)
TÍTULOS: *21 Campeonatos Cariocas* (1914, 15, 20, 21, 25, 27, 39, 42, 43, 44, 53, 54, 55, 63, 65, 72, 74, 78, 79, 81, 86); *1 Torneio Rio-São Paulo* (1961) *4 Campeonatos Brasileiros* (1980, 82, 83, 87); *1 Taça Libertadores* (1981); *1 Campeonato Mundial Interclubes* (1981)
GRANDES JOGADORES: Jurandir, Domingos da Guia, Leônidas, Valido, Zizinho, Jair da Rosa Pinto, Biguá, Rubens, Joel, Dida, Dequinha, Doval, Zico, Júnior, Leandro, GAUCHO, ROMÁRIO, SÁVIO,

1895 Fundado no dia 17 de novembro o Grupo de Regatas do Flamengo, tendo o azul e o ouro como suas cores oficiais. Por não serem encontradas no comércio camisas nestas cores, adota-se o vermelho e o preto, cores do segundo uniforme.

1902 O clube passa a se chamar Clube de Regatas do Flamengo, já com o vermelho e o preto como suas cores oficiais.

1911 Nove jogadores de futebol do Fluminense desligam-se do clube e solicitam ingresso no Flamengo, que passa a ter um time. Em maio do ano seguinte, disputa sua primeira partida pelo Campeonato Carioca com uma goleada de 16 x 3 sobre o Mangueira.

1981 O Flamengo é campeão do mundo, em Tóquio, ao vencer o Liverpool por 3 x 0, com dois gols de Nunes e um de Adílio.

Fluminense VENCER É COM ELE MESMO

Crescer nas horas difíceis para superar tudo e todos nas decisões é uma marca da história do tricolor

O GLOBO

PAREDÃO VOADOR
Félix: a garantia em quatro títulos

Podendo jogar pelo empate, o Bangu era o grande favorito na decisão do Campeonato Carioca de 1985. Assim, quando Marinho fez 1 x 0, o Fluminense viu seu sonho ficar ainda mais distante. Distante mas não impossível, porque no dicionário tricolor não existe essa palavra. E bastaram apenas doze minutos — dos 18 aos 30 do segundo tempo — para o tricolor mostrar pela 26.ª vez que era de fato um time de chegada. Com gols de Romerito e Paulinho, virou o marcador e tornou próximo o que parecia tão longínquo: o tri dos tricampeonatos.

Mais que um título, uma proeza. Que só perdia em dramaticidade para a final do Carioca de 1941, contra o Flamengo, na Gávea. Naquele dia, era o campeão Fluminense que, jogando pelo empate, saíra na frente do marcador, com gols de Pedro Amorim e Russo. O Flamengo não se intimidou, porém, e chegou aos 2 x 2 aos 20 do segundo tempo, passando a sufocar o adversário em busca do terceiro gol.

Era uma pressão insuportável e o Fluminense sentiu que ia perder o jogo. Para piorar a sua situação, o lendário goleiro Batatais estava machucado. Então, espertamente, os jogadores tricolores começaram a chutar bolas para a Lagoa Rodrigo de Freitas, que, na época, terminava atrás das arquibancadas. Foram 25 minutos de bola na água. No final, deu Flu, deu bicampeonato. Na raça. Numa partida que passou para a história como o "Fla-Flu da Lagoa".

É um jogo que o Flamengo jamais esquece e que chora até hoje, como até hoje o Botafogo chora a decisão de 1971. Além de jogar pelo empate, o alvinegro tinha um timaço, com os tricampeões Brito, Paulo César e Carlos Alberto Torres. A dois minutos do

ABRIL

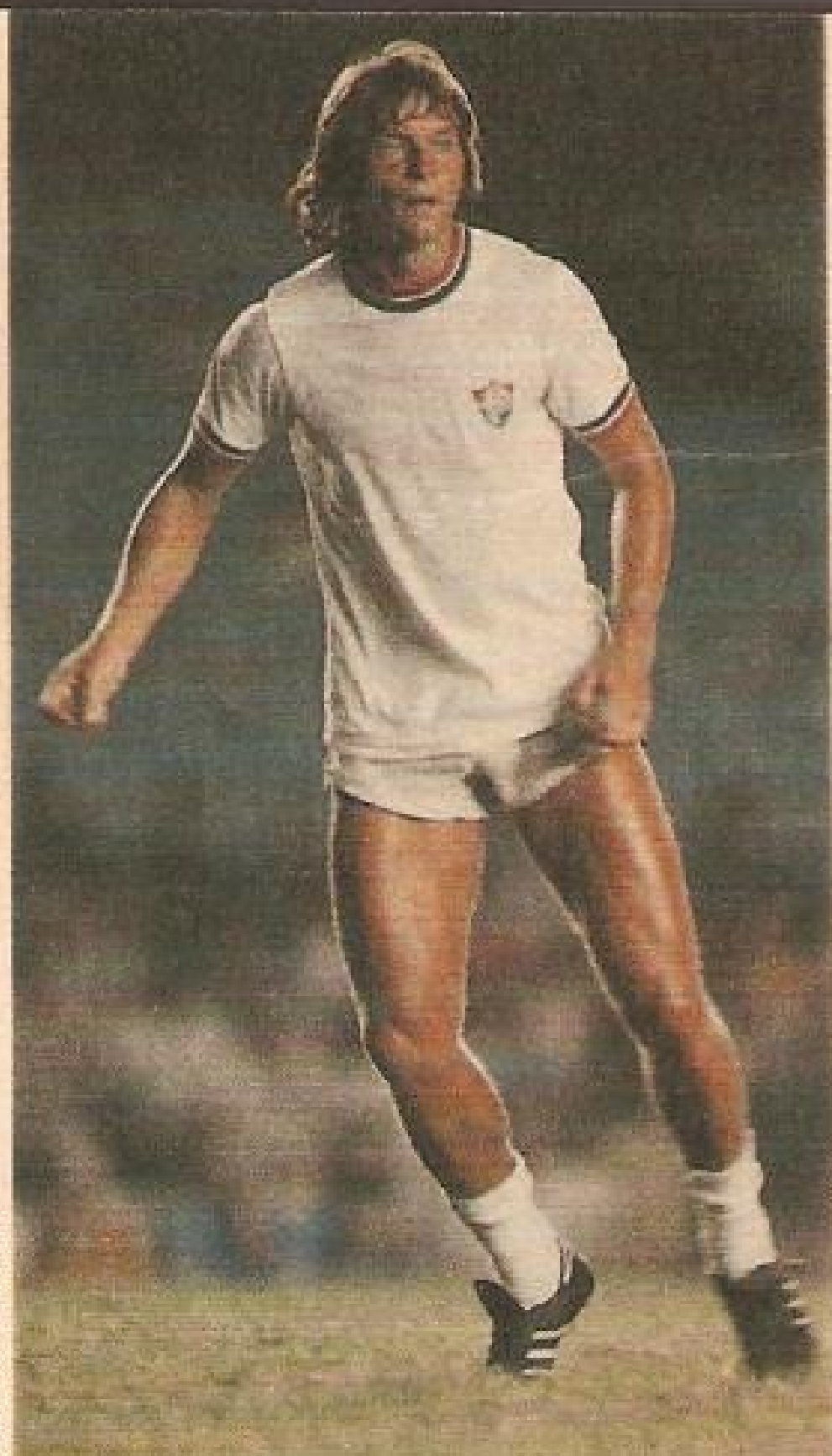
DUROS DE DERROTA
Os tri de 1938: só cinco derrotas em três anos

ABRIL

UM CRAQUE ETERNO
O amador Preguinho: campeão de tudo

ABRIL

DÁ PARA ESQUECER?
Com Castilho, Telê, Didi e Carlyle: os campeões de 1951

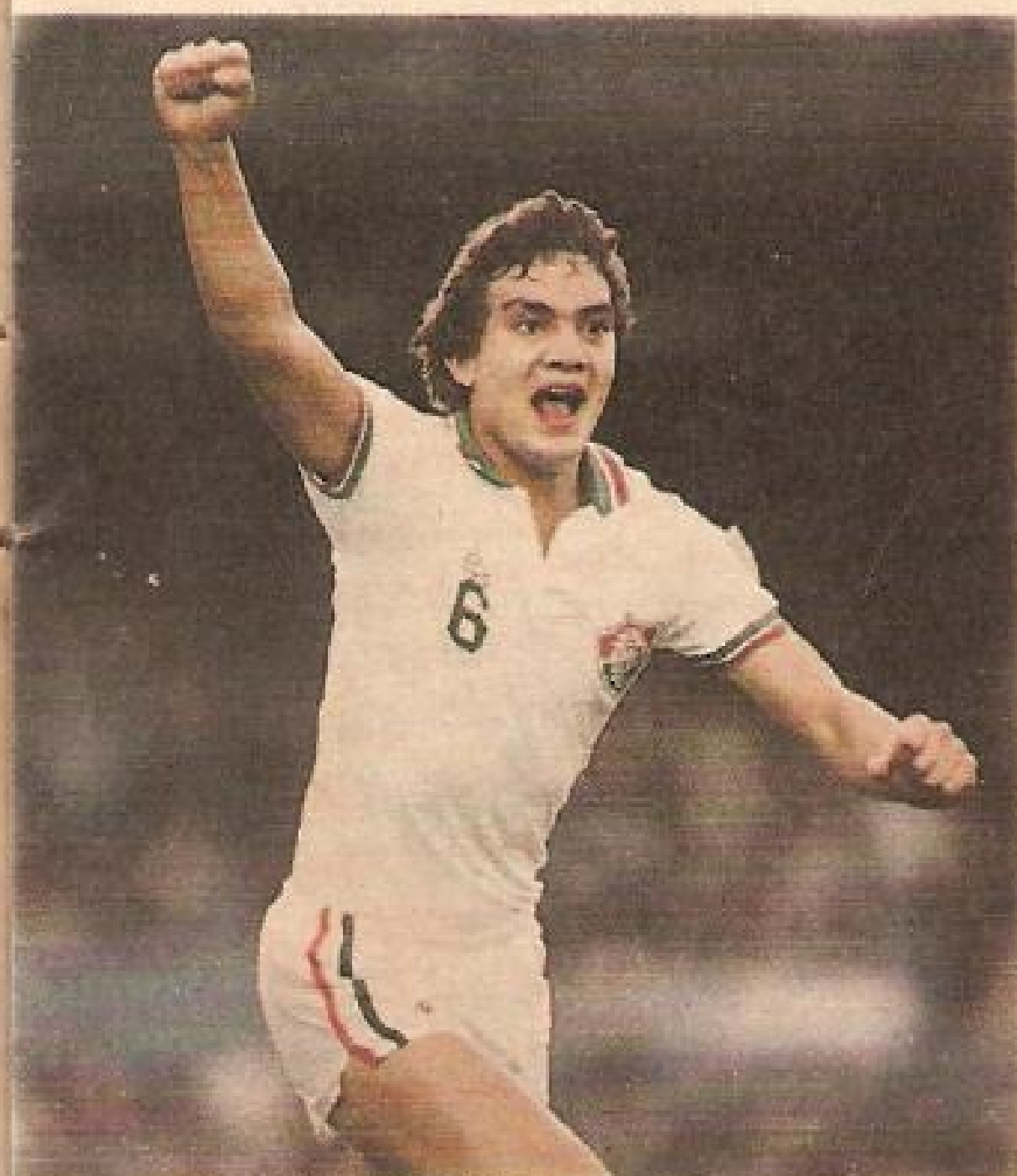
IGNACIO FERREIRA

GARRA ARGENTINA
Doval: raça portenha no bi de 1976

MARCO A. CAVALCANTI

FIBRA GUARANI
Romerito: maestro do terceiro tri

ARI GOMES

UM SÍMBOLO DA RAÇA
Poucos jogadores encarnaram tanto o espírito tricolor como Edinho

ABRIL

ONTEM E SEMPRE
Branco: outro tricampeão, e craque

fim, com o marcador em 0 x 0, o lateral Oliveira cobra um escanteio para o Fluminense. Marco Antônio tromba com o goleiro botafoguense e a bola sobra limpa para Lula. É gol, é delírio, é campeão. Outra vez na raça, na mais pura valentia.

Com a mesma valentia com que temperou a decisão do Brasileiro de 1984, contra o Vasco. Naquele dia, a equipe vascaína não teve um centímetro de campo para jogar, nem um minuto sequer para pensar. Resultado: 0 x 0 e Fluzão campeão. Mais uma vez, porque, falou em ganhar no Rio, não tem mesmo para ninguém. São 26 títulos, contra 21 do Flamengo, dezesseis do Vasco e catorze do Botafogo. E não interessa se o outro time tem mais craques ou melhor campanha. Isso, na verdade, é até melhor: o Flu cresce e iguala tudo. Na raça.

FLUMINENSE FOOTBALL CLUB

ENDEREÇO: Rua Álvaro Chaves, 41, Laranjeiras, CEP 22231, Rio de Janeiro, RJ
FUNDAÇÃO: 1902
UNIFORME: camisa com listras verticais em grená e verde, com frisos brancos entre elas; calção branco; meias listradas em grená, verde e branco.
ESTÁDIO: Laranjeiras (20 000)
TÍTULOS: *26 Campeonatos Cariocas* (1906, 1907, 1908, 1909, 11, 17, 18, 19, 36, 37, 38, 40, 41, 46, 51, 59, 64, 69, 71, 73, 75, 76, 80, 83, 84, 85); *2 Torneios* Rio—São Paulo (1957, 60); *1 Taça de Prata* (1970); *1 Campeonato Brasileiro* (1984).
GRANDES JOGADORES: Marcos Carneiro de Mendonça, Preguinho, Romeu, Tim, Ademir, Orlando "Pingo de Ouro", Castilho, Didi, Carlyle, Carlos Alberto Torres, Rivelino, Félix RENATO GAUCHO,

1902 Em assembléia realizada em 17 de outubro, a diretoria do novo clube, fundado em 21 de julho, escolhe as cores das camisas e da bandeira: branco e cinza.

1904 Oscar Cox e Mário Rocha, dois dos fundadores, escrevem da Inglaterra falando da dificuldade que tinham de encontrar uniformes nas cores branco e cinza. Recomendavam, portanto, a mudança para vermelho, branco e verde. A sugestão é aceita e o Fluminense vira tricolor.

1919 Inaugurado o Estádio das Laranjeiras, com a partida entre as Seleções do Brasil e Chile, na abertura do Campeonato Sul-Americano. Tinha capacidade para 18 000 torcedores.

1949 O Comitê Olímpico Internacional, reunido em Roma, agracia o Fluminense com a Taça Olímpica pelos seus serviços ao esporte.

BRASIL

Grêmio O TIME QUE ENTORTA O MUNDO

Renato driblando os alemães em Tóquio; Volmir deixando o magnífico Djalma Santos tonto. Isso é o tricolor

A equipe não conseguia se soltar em campo. E era compreensível, afinal. Por quatro longos meses o Grêmio preparara-se com todo cuidado para aquela decisão do Campeonato Mundial Interclubes de 1983, em Tóquio. Mesmo jogadores experientes, como Mário Sérgio, Paulo César "Caju" e De León, sentiam a responsabilidade e procuravam, mais do que acertar, não errar.

Mas, aos 10 minutos, já cansado de tanta timidez, Renato Gaúcho não agüentou: "Olha aqui, pessoal, faz de conta que a gente está enfrentando o Aimoré, tá?" E para provar que estava completamente à vontade, ele deu três dribles no zagueiro do Hamburgo e da linha de fundo, sem ângulo, chutou entre a trave e o goleiro. O time alemão ficou atônito.

Eram 38 minutos e logo depois o primeiro tempo terminava. No segundo, o Grêmio podia ter liquidado a partida nos primeiros dez minutos, quando perdeu quatro oportunidades. Aos 41, num chuveirinho sobre a área gaúcha, Jakobs empatou. Não havia como fugir da prorrogação. Então, aos 3, Renato outra vez provou que, para ele, jogar contra o Hambur-

ALEGRE LEMBRANÇA
Renato: craque que conquistou o mundo

FOTOS ABRIL

TÓQUIO VIROU TRICOLOR
Este timaço estava tenso até Renato gritar que era a mesma coisa que jogar conta o Aimoré. Resultado: campeões do mundo. Com show

NINHO DE CAMPEÕES
Panorâmica do Estádio Olímpico, a moderna casa do tricolor

O VÔO DO HERÓI
1977: André comemora o gol do título

A CAMINHO DO JAPÃO
Os campeões do Brasil de 1981

go ou contra o Aimoré era a mesma coisa. Deixou Jakobs deitado no chão com um drible e fuzilou Stein com um petardo de esquerda. Grêmio campeão do mundo.

Um título ganho sem dúvida na molecagem de Renato. Se esse jogo tivesse acontecido na década de 60, poderia muito bem ter sido decidido pela irreverência de outro ponta — o canhoto Volmir, um dos poucos jogadores do mundo que podem contar para os netos: "Eu entortei o magnífico Djalma Santos". Foi em 1965, pela Taça Brasil, no Olímpico. O Palmeiras era cantado em prosa e verso como a *Academia*. Volmir não quis saber. No terceiro gol gremista (o jogo terminou 5 x 1), pegou a bola no meio de campo e foi driblando — Dudu, Djalma Santos, Djalma Dias, Procópio —, até fuzilar à queima-roupa o goleiro palmeirense. Inesquecível aquele Grêmio: Arlindo, Altemir, Aírton, Paulo Souza e Ortunho; Cléo e Sérgio Lopes; Vieira, Joãozinho, Alcindo e Volmir.

Na década seguinte, outro camisa 11, de futebol igualmente irreverente, também faria a torcida tricolor chorar de alegria: Éder. Com ele na esquerda, Tarciso na direita e André no meio do ataque, o Grêmio acabou com a banca do Inter na decisão de 1977 e sagrou-se campeão gaúcho, depois de ficar oito anos na fila.

Aí, quebrado o encanto, títulos de todos os jeitos e tamanhos começaram a vir numa seqüência alucinante. De todos, talvez o que tenha exigido mais determinação e valentia foi a conquista da Libertadores, em 1983, contra o Peñarol. No primeiro jogo, um empate de 1 x 1 dentro do Estádio Centenário, em Montevidéu. Em casa, uma vitória por 2 x 1, arrancada a ferro e fogo. No final desta partida o capitão De León ergueu a taça, com o supercílio sangrando, heroicamente. Tão heróico como fora Juarez no Gre-Nal do Campeonato Gaúcho de 1958. Naquele dia, ele desmantelou a defesa colorada a peitadas e levou o tricolor à vitória, de virada. Camelinho, o torcedor-símbolo do clube, contaria depois aos amigos: "O negrão se deslocava para a esquerda e vinha, levantando *polvadeira*, espalhando *retratista*..."

Renato, como Éder, como Volmir, como Valdo, como...

GRÊMIO FOOT-BALL PORTO-ALEGRENSE

ENDEREÇO: Largo dos Campeões, s/n.°, CEP 90640, Porto Alegre, RS
FUNDAÇÃO: 1903
UNIFORME: camisa azul, preta e branca em listras verticais; calção preto e meias brancas
ESTÁDIO: Olímpico (55 000)
TÍTULOS: *28 Campeonatos Gaúchos* (1921, 22, 26, 31, 32, 46, 49, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 77, 79, 80, 85, 86, 87, 88, 89, 90); *1 Campeonato Brasileiro* (1981); *2 Taça Libertadores da América* (1983); *1 Campeonato Mundial Interclubes* (1983)
GRANDES JOGADORES: Lara, Osvaldo Rolla (Foguinho), Luís Carvalho, Aírton, Juarez, Gessy, Everaldo, Élton, Milton, Calvet, Alcindo, De Léon, Renato, R NUNES, JARDEL

1903 Uma semana depois de fundado (15 de setembro), as cores do clube são escolhidas por eleição: havana, branco e preto. Como no comércio a cor havana não era disponível, foi trocada pelo azul.

1904 O Grêmio faz sua primeira partida contra o Fuss-Ball Clube Porto Alegre, no dia 16 de março.

1908 No dia 19 de julho, acontece o primeiro Gre-Nal, que o Grêmio vence por 10 x 0.

1952 O ponta-direita Tesourinha é o primeiro negro a vestir a camisa do clube, quebrando um preconceito de 49 anos.

1954 Em setembro, é inaugurado o Estádio Olímpico.

1955 Uma das lendas gremistas, o zagueiro central Aírton é contratado junto ao Força e Luz, trocado por uma arquibancada de madeira

1983 Ao vencer o Hamburgo por 2 x 1, em Tóquio, o Grêmio conquista o título mundial interclubes.

E DÁ-LHE COLORADO!
As arquibancadas tingidas de vermelho no Beira-Rio fazem a festa para o grande tricampeão brasileiro de 1979

Internacional

DELÍRIO DO POVO

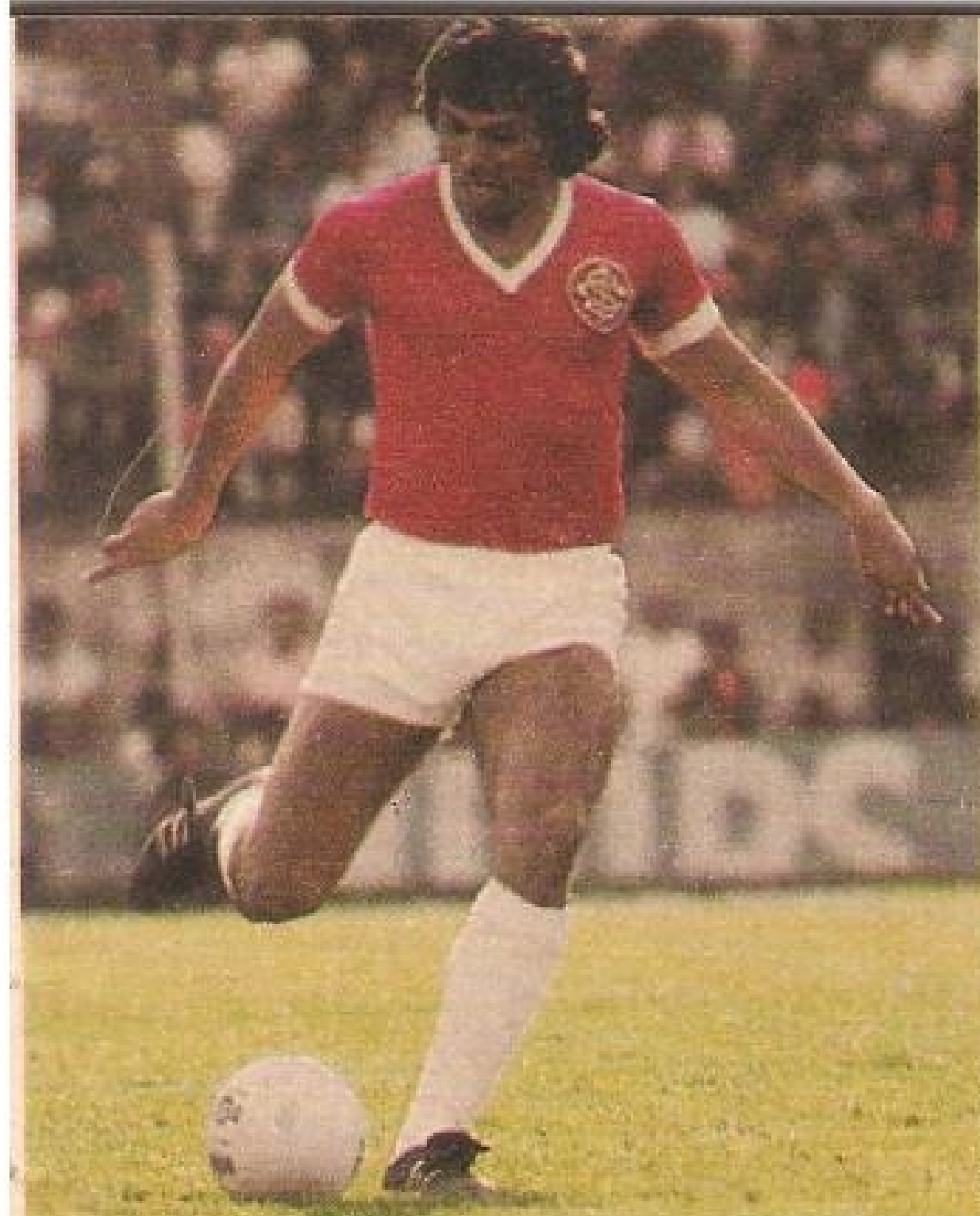
Tricampeão brasileiro, 29 vezes campeão gaúcho, o colorado leva a galera à loucura. Com sua fibra e sua classe

Beira-Rio, final do Campeonato Brasileiro de 1975. Aos 2 minutos de jogo, o cruzeirense Palhinha invade a área do Inter velozmente. Sem se abalar, Don Elías Figueroa o desarma com um leve toque e sai jogando. A galera delira. Durante todo o primeiro tempo foi assim, com Figueroa esbanjando classe e transformando a defesa colorada em um fortim inexpugnável. No segundo, não satisfeito em apenas defender com perfeição, foi para a área do Cruzeiro escorar um cruzamento de Valdomiro. Eram 11 minutos quando ele subiu mais que todos e cabeceou no canto direito de Raul. Era gol, era o título brasileiro.

Bem que o velho Charuto merecia ver aquilo. Desde a década de 30 e até morrer, em 1952, ele não perdia um jogo do Inter. Mais que um torcedor-símbolo, era uma parte da história colorada, uma testemunha ocular das grandes e inesquecíveis batalhas travadas pelo clube.

Ah, o que os olhos cansados de Charuto viram! Era tanta emoção acumulada que seu discurso parecia um

CLASSE EXTRA
Falcão: o comandante das grandes viradas

JB SCALCO

O DONO DA ÁREA
Figueroa: técnica e fibra de um líder

SILVIO FERREIRA

MANGA, MANGUINHA
Um goleiraço que marcou a história

delírio. E nada mais lógico: onde arranjar, afinal, palavras suficientes para tantos gols, tantas defesas, tantas bolas raspando ou se chocando contra as traves?

Naquela tarde de 8 de outubro de 1944, Charuto estava lá, no campo do Força e Luz, onde mais um Gre-Nal iria decidir um título. O jogo começa e... é gol. Do Inter, Carlitos. Os gremistas ficam pasmos. Como era um bom time, porém, reage e equilibra o jogo. Na segunda etapa, aos 8, Volpi aumenta. Agora vem o baile, pensavam os colorados. Engano. Carlitos mal consegue andar em campo e o lateral Assis também está machucado. Aproveitando-se das baixas adversárias, o Grêmio desconta aos 23 e parte com tudo para o empate. No Inter, outro jogador se machuca: Alfeu. Parecia o fim. Mas o colorado resiste. Por intermináveis 22 minutos ele resiste. E ganha. E conquista o pentacampeonato.

Os olhos de Charuto viram isso e muito mais. Mas não viram, já em 1955, como a soberba classe de Oreco e Chinesinho e as desconcertantes tabelinhas de Bodinho e Larri desmontaram o Grêmio. Foi 3 x 1, mas poderia ter sido muito mais. Seus olhos também não viram a virada em cima do Atlético, pelas semifinais do Campeonato Brasileiro de 1976. Foi demais. Se tivesse visto, o velho Charuto estaria ainda hoje contando em sua linguagem delirante como Falcão e Escurinho, ziguezagueando entre os zagueiros, tabelaram de cabeça até que o primeiro ficasse cara a cara com o goleiro Ortiz, fulminando com um chute de direita, no último minuto. Aquele 2 x 1 foi demais.

Ganhar depois do Corinthians nas finais nem foi tão dramático. Como também vencer o Vasco nas finais de 1979 não teve o mesmo sabor da vitória sobre o Palmeiras no primeiro jogo das semifinais, no Morumbi. Por duas vezes o time paulista comandou o marcador. Então, um monstro acordou: Falcão. Era como se o Inter tivesse dezenas de Falcões espalhados por todo o gramado. E foi ele quem empatou e marcou o gol da vitória, aos 19 do segundo tempo.

Ah, se o velho Charuto tivesse visto! Ah, se tivesse visto aqueles 6 x 2 contra o Peñarol, pela Libertadores de 1989! Que frases encharcadas de poesia não declamaria. Porque o Inter é isso: um delírio.

JB SCALCO

O BEM-AMADO
Valdomiro: ponta das grandes conquistas

SPORT CLUB INTERNACIONAL

ENDEREÇO: Avenida Padre Cacique, s/n.º, CEP 90650, Porto Alegre, RS
FUNDAÇÃO: 1909
UNIFORME: camisa vermelha com gola branca; calção branco; meias brancas.
ESTÁDIO: Beira-Rio (90 000)
TÍTULOS: *29 Campeonatos Gaúchos* (1927, 34, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 61, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 81, 82, 83, 84); *3 Campeoantos Brasileiros* (1975, 76, 79)
GRANDES JOGADORES: Alfeu, Ávila, Adãozinho, Tesourinha, Bodinho, Larri, Falcão, Figueroa, Manga, Oreco, Chinesinho, Nena, Russinho, Villalba, Lula

1909 Os irmãos Henrique, José e Luís Poppe, comerciantes paulistas, chegam a Porto Alegre e fundam o Internacional (4 de abril). O nome era uma homenagem ao Internacional de São Paulo.

1925 Um jogador negro veste pela primeira vez a camisa colorada. Chamava-se Dirceu Alves e atuava na defesa.

1929 Inaugurado o Estádio dos Eucaliptos, casa colorada até o aparecimento do Beira-Rio, em 1969.

1945 O Inter sagra-se hexacampeão gaúcho e o time passa a ser chamado de Rolo Compressor. Time-base (1942): Ivo, Alfeu e Nena; Assis, Ávila e Abigail; Tesourinha, Russinho, Villulba, Motorzinho e Carlitos.

1975 Primeiro título brasileiro. Time: Manga, Cláudio, Figueroa, Hermínio e Vacaria; Falcão, Carpegiani e Escurinho; Valdomiro, Flávio e Lula.

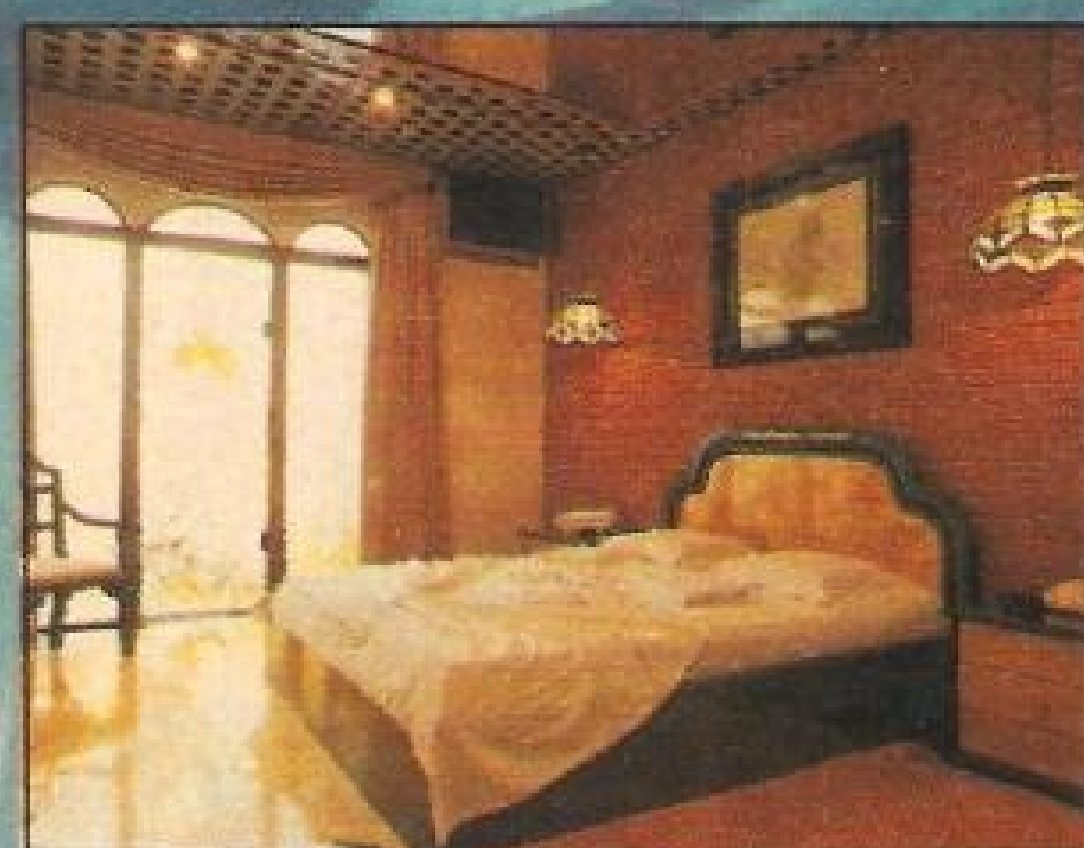
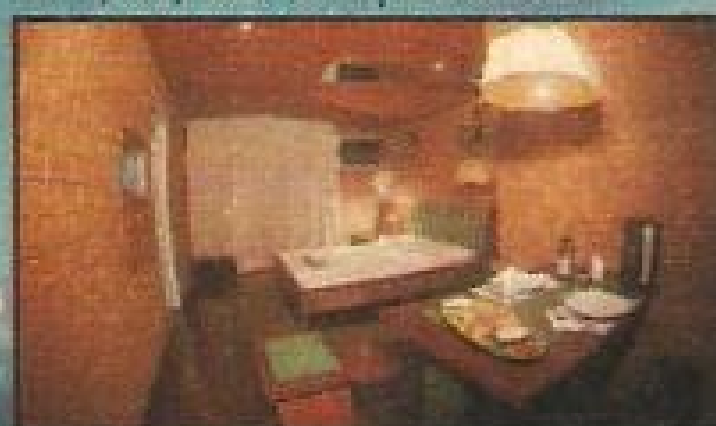
1976 Bicampeão brasileiro e octacampeão gaúcho.

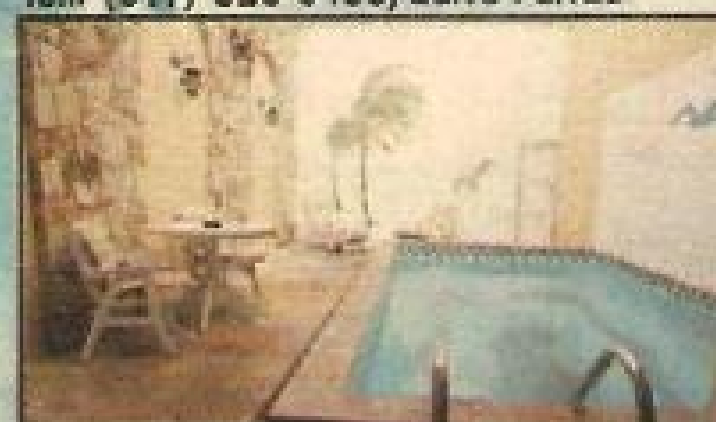
OS MEL MO DE SÃO

RARU'S

Todo o requinte de um 5 estrelas no ABC.
Ambiente de sonhos em Ap. Triplex com lareira, piscina térmica, hidro, sauna e cozinha internacional.
Av. Maria Servidei Demarchi, 256 Saída 23 da Via Anchieta
São Bernardo do Campo, SP - PBX (011) 419-8355

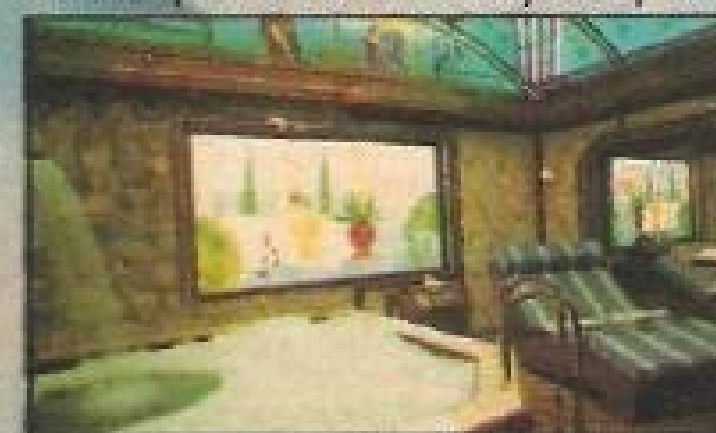
OPIUM

Totalmente equipado, amplos espaços e piscinas térmicas, o Opium faz os melhores convites para quem exige sofisticação e comodidade.
Pça. Paschoal Martins, 54
Tel.: (011) 825-5099, Barra Funda

CARIBE

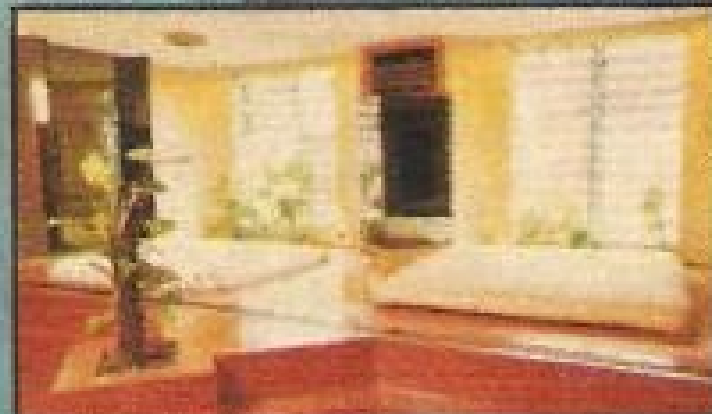
Para liberar as fantasias do prazer, o Caribe dispõe de deliciosas suítes com hidro. E, para esquentar ainda mais o clima, piscina térmica, máximo conforto.
Av. Antártica, 2
Tel.: (011) 826-0488, Barra Funda

BARILOCHE

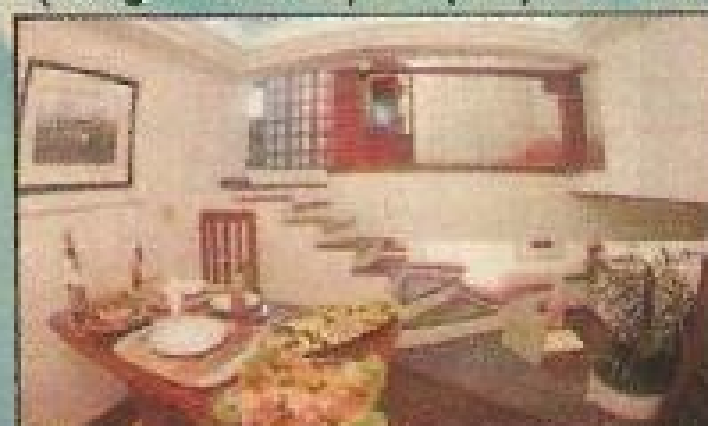
Na realidade do conforto, o Motel Bariloche recria no relax as melhores fantasias do prazer a dois.
E agora, em exclusivas mansões, totalmente equipadas.
Rod. Raposo Tavares, Km 16,5
Tel.: (011) 869-5477, Butantã

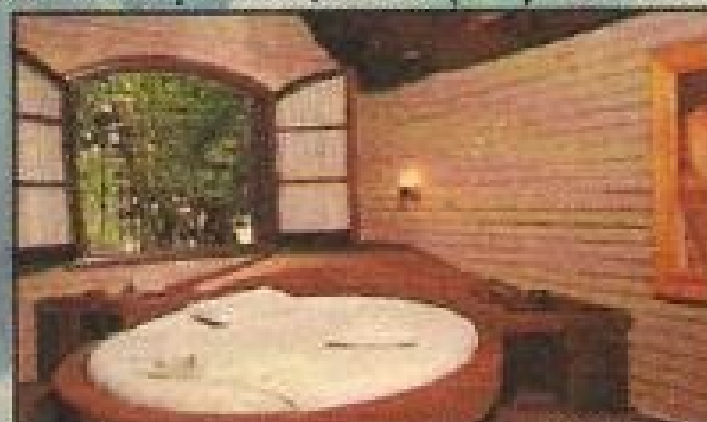
ROMAIN VILLE

Mergulhe na paixão. Camas com espelhos e vitrais, sauna, vídeo e as suítes Ouro e Eros com banheiras hidrogigantes. Espaço para o amor e para as delícias da hidromassagem. Romain Ville. Um clássico.
Av. Marquês de São Vicente, 1678, Tel.: (011) 67-1753

HORES
TÉIS
PAULO.

SWING

Dentro das últimas novidades 5 estrelas do conforto e privacidade, o Swing reserva o bom gosto para você em ambientes muito distintos.
Av. Duquesa de Goias, 430
Tel.: (011) 531-9199, junto à Pte. do Morumbi.

VEGAS

Para curtir os momentos agradáveis da vida, o VEGAS reservou para você suites com muito luxo e sensualidade, finamente decoradas para fazer o prazer a dois ainda mais intenso.Cozinha internacional.
Av. Nações Unidas, 16091 (Marg. Pinheiros) Tel. (011) 522-9222

MAYTÊ

Em tempo de novos amores, novas emoções. Natureza e muito requinte, o MAYTÊ tem suites de luxo em chalés normandos, com muito verde e o charme da arte do Embú. Aceita cartões de crédito.
Rod. Regis Bitencourt, km 21,5 PBX (011) 791-1066

ÁLIBI

Pela categoria 5 estrelas, o Motel Álibi confirma seu conforto e sofisticação.
livre pernoite de domingo a 5ª, após às 22h.
Av. Condessa Elizabeth Rubiano, 4810
Tel.: (011) 293-9011, Penha

MY FLOWERS

O endereço certo do melhor programa. Aqui estão todas as vantagens para quem escolhe acomodações 5 estrelas.
Pernoite liberado de domingo a 5ª, após às 22h.
Av. Ricardo Jafet, 1.188
Tel.: (011) 273-1499, V. Mariana

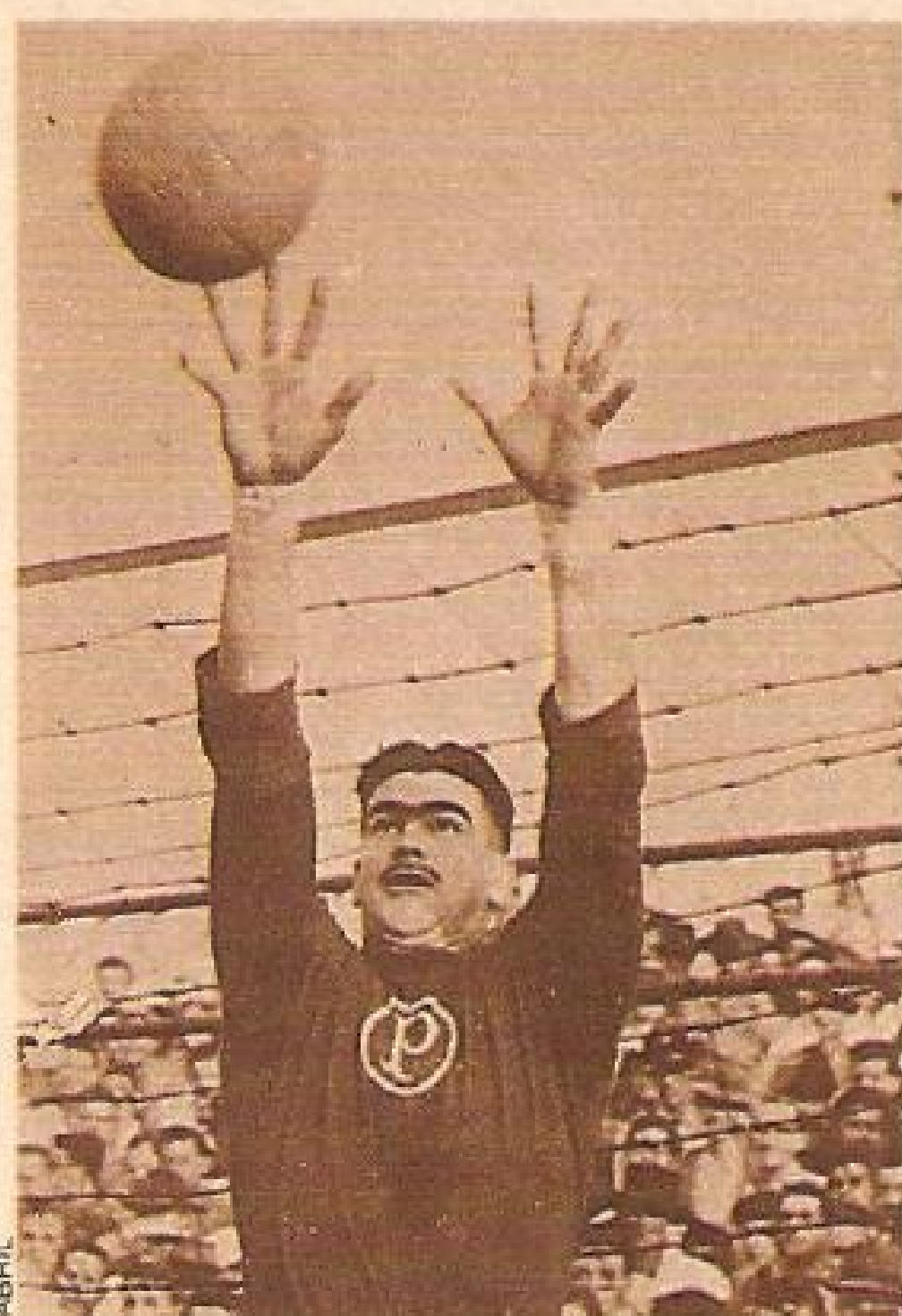
O GLOBO

O RIO FICOU VERDÃO
Maracanã, 1951: o Palmeiras vence os melhores do mundo

RONALDO KOTSCHO

A OUTRA ACADEMIA
Surge mais uma escola de bola: bi brasileiro em 1973

Palmeiras VIVA A ETERNA ACADEMIA

Ao longo de sua história, o Verdão formou times inesquecíveis e criou uma escola. De futebol e paixão

ABRIL

MÃOS DE GIGANTE
Oberdan Cattani: lenda sob as traves

Definitivamente, aquele não era um time comum — era uma verdadeira escola: Valdir, Djalma Santos, Djalma Dias, Waldemar Carabina e Ferrari; Dudu e Ademir da Guia; Julinho, Servílio, Tupãzinho e Rinaldo. Nada mais justo então que passasse para a história como *Academia*. Assim como nada mais justo e lógico que fosse escolhido pela extinta CBD para representar o Brasil na inauguração do Mineirão, em 1965. O adversário seria a sempre perigosa Seleção Uruguaia, mas não deu outra: Palmeiras 3 x 0, fácil, com gols de Rinaldo, Tupãzinho e Germano (que entrara no lugar de Julinho).

PEDRO MARTINELLI

LUÍS PEREIRA
O melhor zagueiro de todos os tempos

ABRIL

SELEÇÃO PALMEIRENSE
Mineirão, 1965: o time com a camisa da Seleção Brasileira

ABRIL

O JUSTO APELIDO
Waldemar Fiume: chamado de *Pai da Bola*

De certa forma, vestir a camisa da Seleção Brasileira foi uma doce vingança contra as perseguições políticas que o clube sofreu na década de 40. Fundado pela colônia italiana com o nome de Palestra Itália, o clube já havia conquistado oito campeonatos quando foi obrigado a mudar sua denominação em 1942, tornando-se a atual Sociedade Esportiva Palmeiras.

A troca de nomes, porém, não alterou em nada seu poderio: naquele mesmo ano se sagraria pela nona vez campeão paulista e mais títulos viriam nos anos seguintes (1944, 1947, 1950). Palestra ou Palmeiras, não importava. Ali estava um clube ganhador, capaz de vencer as melhores equipes do mundo na Copa Rio, disputada no Maracanã em 1951, ou de vestir a camisa da Seleção Brasileira — então bicampeã mundial — em 1965.

LEMYR MARTINS

UMA DUPLA PERFEITA
A garra de Dudu completava a técnica de Ademir da Guia

Aliás, a década de 60 marcou uma das melhores épocas do clube, a da *Academia*. Foram dois Campeonatos Paulistas e três Torneios Roberto Gomes Pedrosa (1965, 1967, 1969), com jogadores do calibre técnico de Julinho, Djalma Santos, Djalma Dias, Chinesinho, Dudu, Ademir da Guia, Vavá e Servílio. Mas ainda tinha mais: na primeira metade da década de 70, o Verdão foi acumulando glórias sobre glórias — era o tempo da *Nova Academia*, com Leão, Luís Pereira, Zeca, Artime, César, Leivinha, Edu, Alfredo, Dudu e Ademir da Guia. Com eles, o Palmeiras foi bicampeão brasileiro (1972/73), campeão paulista de 1972 e 1974, bicampeão do Torneio Ramón de Carranza (1974/75), na Espanha, além de campeão do Torneio Laudo Natel.

Na virada da metade dos anos 70, tudo indicava que o clube continuaria obrigado a arranjar mais espaço em sua sala de troféus. Sob o comando de Dudu, agora como técnico, o Palmeiras chegou a seu 18.º título paulista. Mas a fonte, que parecia inesgotável, secou. Nenhum título mais. No entanto, nunca a torcida cresceu tanto, confiou tanto, foi tão fiel. E nada mais justo e lógico: o Palmeiras não é um clube comum — é a *Academia*. A eterna academia. Do futebol e da paixão.

RICARDO CORREA

A NOVA ESPERANÇA
Careca: um craque dos novos tempos

SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS

ENDEREÇO: Rua Turiassu, 1840, CEP 05055, São Paulo, SP
FUNDAÇÃO: 1914
UNIFORME: camisa verde com gola e punhos brancos; calção branco; meias verdes
ESTÁDIO: Palestra Itália (30 000)
TÍTULOS: 21 *Campeonatos Paulistas* (1920, 26, 27, 32, 33, 34, 36, 40, 42, 44, 47, 50, 59, 63, 66, 72, 74, 76); 4 *Campeonatos Brasileiros* (1972, 73); *4 Torneios Roberto Gomes Pedrosa* (1951, 65, 67, 69); *2 Taças Brasil* (1960, 67)
GRANDES JOGADORES: Heitor, Primo, Serafino, Ministrinho, Amílcar, Xingo, Oberdan, Luís Villa, Liminha, Jair Rosa Pinto, Waldemar Fiume, Mazzola, Julinho, Vavá, Djalma Santos, Ademir da Guia, Luís Pereira, Leão, Dudu, EVAIR, EDMUNDO, DJALMINHA, LUIZÃO, R. CARLOS.

1914 Fundado o Palestra Itália, no dia 26 de agosto.

1915 Primeiro jogo e primeira vitória: 2 x 0 sobre o Savóia, da cidade de Votorantim (SP).

1917 O Palestra abandona a Apea — Associação Paulista de Esportes Atléticos. Retorna em 1919, para ser campeão no ano seguinte.

1942 Por causa da 2.ª Guerra Mundial, o Palestra Itália é obrigado a mudar de nome e passa a se chamar Sociedade Esportiva Palmeiras.

1951 O Palmeiras conquista seu primeiro título internacional, a Copa Rio.

1973 Bicampeonato brasileiro. Time: Leão, Eurico, Luís Pereira, Alfredo e Zeca; Dudu e Ademir da Guia; Edu, Leivinha, César e Nei.

RAFAEL DIAS HERRERA

DIA DE ESPETÁCULO
Vai acontecer mais um show: Lima, Zito, Dalmo, Calvet, Gilmar e Mauro *(em pé)*; Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe *(agachados)*

Santos O FUTEBOL COMO PURA ARTE

Um menino magro e tímido chega à Vila Belmiro e transforma uma boa equipe numa usina de shows inesquecíveis

RONALDO KOTSCHO

UM MANSO TALENTO
Pita: como Mengálvio, calmo e craque

SERGIO BEREZOVSKY

MANTENDO A TRADIÇÃO
Rodolfo Rodriguez: grande como Gilmar

Junho de 1956. O ex-jogador Waldemar de Brito chega à Vila Belmiro levando um rapazinho magro e tímido. Parecia ser um dia como tantos outros, mas o fato é que, ao cruzarem aqueles portões, eles estavam mudando para sempre a história do futebol — no Santos, no Brasil e no mundo. Não que o Santos fosse um timinho qualquer quando aquele menino de 15 anos apareceu. Fora o primeiro clube a possuir um estádio no Brasil, assim como também o primeiro a disputar uma partida de futebol profissional no país. Além disso, já ganhara os títulos paulistas de 1935, 1955 e 1956.

Acontece que aquele rapazinho de olhos arregalados chamava-se Pelé e estava predestinado a ser simplesmente o maior jogador de futebol do mundo, o atleta do século. E ele fez do Santos a mais duradoura máquina de jogar futebol de todos os tempos. Um time que ganhou os títulos que quis, quando quis, até ele se despedir: dez Campeonatos Paulistas, duas Libertadores, dois Mundiais Interclubes, quatro Torneios Rio—São Paulo e torneios na Espanha, França, México, Chile, Costa Rica, Peru, Itália, Venezuela e África.

A maioria destas conquistas, à base da mais pura arte — tabelinhas vertiginosas, dribles mágicos, cabeçadas

SILVIO PORTO

UM PEQUENO TEMPLO
Vila Belmiro foi o primeiro estádio do Brasil e berço de uma geração genial

venenosas, chutes potentes, arrancadas alucinantes. E um dos mais perfeitos exemplos de toda essa arte foi a conquista do primeiro Campeonato Mundial Interclubes, em 1962, contra o Benfica. No primeiro jogo, no Maracanã, o Santos ganhou apertado por 3 x 2 e os portugueses acreditaram que em Lisboa a história seria diferente. E, de fato, foi. O Santos, naquela noite (10 de outubro), fez uma exibição irretocável — tão irresistível que até a torcida adversária aplaudiu. Resultado: Santos 5 x 2 (três gols de Pelé, um de Coutinho e um de Pepe).

ANTONIO ANDRADE

QUE VENHA O MUNDO
O time do bi mundial: Almir no lugar de Pelé

No entanto, quando foi preciso colocar o coração no bico das chuteiras, aqueles finos artistas da bola também souberam ganhar no peito e na raça. Maior exemplo: o bi mundial contra o Milan. Em San Siro, o Milan ganhou de 4 x 2. No Maracanã, depois de estar perdendo por 2 x 0, o Santos devolveu o resultado: 4 x 2. Na "negra", também no Maracanã, deu Santos outra vez: 1 x 0 (Dalmo, de pênalti). Nestas últimas duas partidas a equipe santista mostrou toda a sua fibra e valentia, sob o comando de Almir, que substituíra Pelé, machucado. Foi um título ganho na mais contagiante determinação. E o mundo foi obrigado a reconhecer que o Santos era realmente o melhor time do mundo.

Pelé deixou o clube no dia 3 de outubro de 1974, mas a equipe continuou papando títulos (campeão paulista de 1978 e 1984) e apresentando craques como Pita, Aílton Lira, Rodolfo Rodriguez, Nílton Batata, Serginho e os atuais César Sampaio e Sérgio. Pelé, mais que um clube, formou uma escola.

CLAUDINE PETROLI

PELÉ, O DEUS
Fez do Santos o maior time do mundo

SANTOS FUTEBOL CLUBE

ENDEREÇO: Praça Princesa Isabel, s/n.°, Vila Belmiro, CEP 11100, Santos, SP
FUNDAÇÃO: 1912
UNIFORME: camisa branca; calção branco; meias brancas
ESTÁDIO: Urbano Caldeira (30 000)
TÍTULOS: *15 Campeonatos Paulistas* (1935, 55, 56, 58, 60, 61, 62, 64, 65, 67, 68, 69, 73, 78 e 84); *4 Torneios Rio—São Paulo* (1959, 63, 64 e 66); *1 Taça de Prata* (1968); *2 Taças Libertadores da América* (1962, 63); *2 Campeonatos Mundiais Interclubes* (1962, 63); *5 Taças Brasil* (1961, 62, 63, 64, 65)
GRANDES JOGADORES: Feitiço, Araken, Antoninho, Zito, Pepe, Pagão, Gilmar, Coutinho, Mengálvio, Carlos Alberto Torres, Mauro, Clodoaldo, Orlando, Toninho, Edu, Pita, Pelé

1912 O Santos é fundado no dia 14 de abril, com as cores azul e branco em listras verticais e, entre elas, frisos dourados. Só um ano depois (13 de março de 1913) o clube se tornaria alvinegro.

1927 Siriri (Omar), Camarão, Feitiço, Araken e Evangelista (Hugo Américo) marcam 100 gols no Campeonato Paulista, com a incrível média de 6,25 gols por jogo.

1935 O Santos sagra-se campeão paulista pela primeira vez no dia 17 de novembro, ao derrotar o Corinthians por 2 x 0.

1955 O clube conquista seu segundo título de campeão paulista e começa a sua arrancada para o domínio do futebol brasileiro por quase vinte anos.

1962 Primeiro título mundial, com uma goleada de 5 x 2 sobre o Benfica, em Lisboa, no dia 10 de outubro.

ABRIL

HERÓIS INVENCÍVEIS
Os invictos de 1946, com Bauer, Luizinho e Baltazar

NELSON COELHO

O PAPÃO ESTÁ DE VOLTA
Os conquistadores, em 1987, do quarto título da década

São Paulo O TIME QUE FAZ A HORA

Ganhando títulos na raça, construindo estádio no peito e formando esquadrões, o tricolor conduz a história

ABRIL

OBRIGADO, MESTRE
Zizinho: construtor do título de 1957

Tudo estava contra o São Paulo naquela noite de 5 de março de 1978, no Mineirão. Além de contar com o apoio de sua apaixonada torcida, o Atlético Mineiro era um timaço. Se o Campeonato Brasileiro daquele ano (1977) fosse decidido pelo critério de pontos corridos, o Galo já teria tranqüilamente faturado o título. Seu ataque havia marcado 55 gols e a equipe não perdera nenhuma partida, acumulando 49 pontos. Mas futebol é mais do que frias estatísticas — é vaidade, paixão, fibra.

E o São Paulo, naquela noite, estava possuído pelas qualidades que realmente valem numa final: valentia, determinação, amor à camisa. Com essas armas, o tricolor parou a máquina atleticana no tempo normal e na prorrogação: 0 x 0. Na decisão por pênaltis, Waldir Peres catimbou e enervou os cobradores mineiros. Toninho Cerezo e Márcio chutaram para fora, Joãozinho, nas mãos do goleiro tricolor. Para o São Paulo marcaram Peres, Antenor e Bezerra. O que parecia

ABRIL

A MARCA DO GÊNIO
Leônidas da Silva, no Pacaembu, em sua jogada característica: a bicicleta

CARLOS FENERICH

UM COLOSSO DE AMOR
Praticamente do nada, o São Paulo construiu o Morumbi e se tornou rico

SERGIO BEREZOVSKY

LEMYR MARTINS

MARCAS DE DUAS ÉPOCAS
Careca e Pedro Rocha: dois gênios da história tricolor

impossível tornou-se realidade: São Paulo campeão brasileiro.

Vinte anos antes, em 1957, o tricolor também entrara em campo aparentemente em situação de desvantagem, na decisão do Campeonato Paulista. O Corinthians era considerado o grande time daquele ano. Outra vez, no entanto, o São Paulo pegou a história pelas mãos e a modificou. Comandado pelo talento extraclasse do veterano Zizinho, o tricolor ganhou por 3 x 1, jogando à base de contra-ataques fulminantes. E com raça, muita raça.

Mas, envolvidos pela construção do Morumbi — o maior estádio particular do mundo —, os são-paulinos passaram toda a década de 60 sem forças para montar bons times e conquistar títulos. Os bons tempos de craques como Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Bauer haviam ficado para trás. Mais precisamente na década de 40, quando o clube ganhou um campeonato avulso e dois bi, o primeiro deles (1945/46) invicto.

Concluído o Morumbi, porém, o São Paulo começou a correr atrás do prejuízo. Em 1970, trouxe o tricampeão mundial Gérson e Pedro Rocha — o uruguaio convocado para a Seleção da Fifa como um dos melhores jogadores do mundo. Resultado: o clube é pela nona vez campeão paulista. O bi viria em seguida e o 11.º título, em 1975. Cada vez mais ousado, o tricolor partiu para a montagem de verdadeiras seleções no início da década de 80, com craques como Waldir Peres, Oscar, Renato, Mário Sérgio, Serginho, Zé Sérgio, Getúlio e Paulo César — todos de Seleção Brasileira — e mais o formidável Dario Pereyra, da Seleção Uruguaia.

Era a maravilhosa década de 40 revivida e que o São Paulo não pretendia mais deixar fugir. A ousadia continuou com a contratação de Careca, Falcão, Pita, Zé Teodoro, Bobô, Ricardo Rocha, Mário Tilico e Raí. Assim, nada mais natural do que novos títulos e glórias. Porque, mais do que qualquer outro clube brasileiro, o São Paulo faz a história — não deixa acontecer.

SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

ENDEREÇO: Praça Roberto Gomes Pedrosa, s/n.º, CEP 05653, São Paulo, SP

FUNDAÇÃO: 1935

UNIFORME: camisa vermelha e preta em listras verticais e, entre elas, frisos brancos; calção branco; meias brancas

ESTÁDIO: Morumbi (120 000)

TÍTULOS: *16 Campeonatos Paulistas* (1931, 43, 45, 46, 48, 49, 53, 57, 70, 71, 75, 80, 81, 85, 87, 89); *2 Campeonatos Brasileiros* (1977, 86)

GRANDES JOGADORES: Valdemar de Brito, Friedenreich, Luizinho, De Sordi, Mauro, Zizinho, Canhoteiro, Sastre, Bauer, Leônidas, Gérson, Pedro Rocha, Oscar, Dario Pereyra, Serginho, Careca, Müller

1930 Da fusão da Associação Athletica das Palmeiras e do Club Athletico Paulistano nasce o primeiro São Paulo Futebol Clube, campeão paulista de 1931.

1935 Um novo São Paulo Futebol Clube é fundado a 16 de dezembro, depois de um racha interno. Legalmente era um outro clube. Por isso, a data de fundação do atual São Paulo é oficialmente esta última.

1960 O São Paulo joga sua primeira partida no ainda inacabado Estádio do Morumbi e vence o Sporting Lisboa por 1 x 0, gol de Peixinho.

1970 Disputando a final com o Palmeiras, num Morumbi lotado e já totalmente pronto, o tricolor conquista seu nono Campeonato Paulista.

1977 Primeiro título de campeão brasileiro, em decisão com o Atlético Mineiro, no Mineirão. A vitória só veio na disputa dos pênaltis (3 x 2).

RONALD THEOBALD/JB

ROBERTO, A DINAMITE
Campeão brasileiro de 1974 e carioca de 1977, 82, 87 e 88, ele é o maior artilheiro e ídolo que o clube já produziu

Vasco O CAMPEÃO DA DEMOCRACIA

Primeiro clube a aceitar negros, foi perseguido por isso. Sua resposta: construiu São Januário e papou títulos

ORLANDO KISSNER

O BRASIL SE RENDEU
Arrancada de Bebeto, o novo ídolo: é o Vasco campeão brasileiro de 1989

Quando o Vasco começou a ser grande? Ao ganhar seu primeiro Campeonato Carioca, em 1923? Com o formidável time da década de 40, que passou para a história como o "Expresso da Vitória"? Ou teria sido em 1950, quando praticamente toda a Seleção Brasileira era formada por jogadores vascaínos?

Se um time se torna grande apenas por causa dos títulos conquistados em campo, qualquer um desses anos serve como resposta. No entanto, se para ser realmente grande um clube necessita de outros tipos de vitória, pode-se dizer que o Vasco já nasceu grande — por sua absoluta fé na democracia. Enquanto os outros clubes, formados em geral por rapazes oriundos das chamadas "boas famílias", não aceitavam negros ou mulatos, o Vasco abriu suas portas a todos, sem qualquer discriminação.

Assim, quando ganhou seu primeiro título, metade da equipe era de negros e mulatos. Para os adversários, um escândalo inaceitável. Como podia aquele "time de negros e caixeiros" ousar derrotar os bem-nascidos? Flamengo, Fluminense, Botafogo e América fundam, então, a Associação Metropolitana de Esportes Amadores (Amea) e deixam o Vasco de fora. Primeiro, sob a alegação de que seus atletas não passavam de profissionais disfarçados. Quando a acusação se mostrou infundada, apelou-se para outro argumento: analfabetos não podiam disputar os campeonatos da associação. O Vasco contratou professores, em vão. As portas estavam mesmo fe-

ABRIL

O INÍCIO DA HISTÓRIA
Foi este time, campeão invicto de 1945, que deu origem ao "Expresso da Vitória"

ANTONIO C. MAFALDA

JUVENTUDE E GARRA
O time campeão carioca de 1987: uma equipe de jovens se tornando craques

SILVIO VIEGAS

E TOME CANECO
Roberto ergue mais uma taça de campeão

chadas. Tudo bem. O "clube dos negros e caixeiros" resolveu construir o maior estádio do Brasil para mostrar aos adversários toda a força de seus torcedores. São Januário, o grande estádio do país até o surgimento do Pacaembu, em 1940, foi inaugurado em 1927.

Só aí os outros voltaram atrás e o Vasco foi novamente aceito entre seus pares. Estava provado que a democracia era um bom negócio. Tão bom negócio que o time não parou mais de acumular glórias e se tornou, na década de 40, o "Expresso da Vitória", formado por craques da estirpe de Barbosa, Jair Rosa Pinto, Lelé, Chico, Ademir e Friaça, entre outros tantos.

Os doces frutos democráticos continuaram a aparecer na década de 50 e culminaram com a conquista do supercampeonato carioca de 1958. Foi uma loucura. Vasco, Flamengo e Botafogo terminaram a competição empatados e partiram para um torneio decisivo. Os adversários eram dois timaços. O Botafogo tinha Garrincha, Nílton Santos, Didi e Quarentinha; o Flamengo, Dida, Moacir, Henrique e Pavão. Mas o Vasco tinha Almir, Bellini, Paulinho, Sabará e Pinga, e botou a faixa.

Durante toda a década de 60, o clube jejuou. A longa noite de inverno só acabou em 1970, com a conquista de mais um título carioca. Mesmo assim faltava um grande craque que catalisasse a força e a paixão dos torcedores. Aí, surgiu Roberto e se fez a luz. Com ele, o maior ídolo da história do clube, o Vasco reencontrou o rumo das vitórias e, mais que nunca, foi o *Machão da Gama*.

CLUBE DE REGATAS VASCO DA GAMA

ENDEREÇO: Rua Gen. Almérico de Moura, 131, São Januário, CEP 20921, Rio de Janeiro, RJ
FUNDAÇÃO: 1898
UNIFORME: camisa branca, com faixa transversal preta; calção preto; meias brancas
ESTÁDIO: São Januário (50 000)
TÍTULOS: *16 Campeonatos Cariocas* (1923, 24, 29, 34, 45, 47, 49, 50, 52, 56, 58, 70, 77, 82, 87, 88); *2 Torneios Rio—São Paulo* (1958, 66) *2 Campeonatos Brasileiros* (1974, 1989)
GRANDES JOGADORES: Jaguaré, Fausto, Domingos da Guia, Leônidas, Berascochea, Ademir Menezes, Barbosa, Danilo, Heleno de Freitas, Chico, Orlando, Bellini, Vavá, Roberto Dinamite, BEBETO, ROMÁRIO

1915 Pressionada pelos sócios, a diretoria do Vasco, um clube até então apenas de remo, adere também ao futebol, absorvendo o Lusitânia.

1920 Campeão da Segunda Divisão, o clube ascende à Primeira.

1923 O primeiro título carioca. Time: Nélson Chofer, Leite e Mingote; Claudionor, Bolão e Artur; Paschoal, Torterolli, Arlindo, Ceci e Negrito.

1927 Inaugurado (21 de abril) o Estádio São Januário, o maior do Brasil até a inauguração do Pacaembu, em 1940.

1945 Primeiro Campeonato Carioca invicto, façanha que seria repetida em 1947 e 49. Eram os anos de ouro do *Expresso da Vitória*.

1948 Chile: o Vasco torna-se o campeão dos campeões sul-americanos, vencendo o River Plate, o time argentino que o mundo conhecia como *La Máquina*.

GAMMA

ETERNA COMEMORAÇÃO
Ganhar títulos e dar voltas olímpicas é um costume do Barcelona. Como em 1989, quando levou sua terceira Copa da Uefa

Barcelona HONRAS E BÊNÇÃO DO PAPA

O poder de um clube milionário, elogiado até por Sua Santidade e que não vê obstáculos a sua frente

"O Barcelona não é só uma equipe de futebol, é muito mais que isso." A apaixonada declaração de amor ao poderoso clube espanhol não foi feita por nenhum torcedor catalão. Nem por nenhum basco ou madrilenho. Na verdade, ela foi dita por um conhecido polonês, reverenciado em todo o mundo e que atende por papa João Paulo II. Ele fez tal comentário ao receber, em 1987, do presidente José Luis Nunes, o título de sócio honorário do clube. E não poderia ter sido tão feliz ao agradecer essa significativa homenagem.

De fato, João Paulo II estava certo. O Barcelona é muito mais que uma simples equipe de futebol. É, sem exagero, ao lado do Milan, o clube mais rico do planeta. O dinheiro corre solto na Catalunha. E sempre foi assim. Na equipe grená e azul já jogaram Puskas, Kocsis, Cruyff, Maradona, Schuster, Stielike e Lineker, entre outros monstros sagrados. Todos eles custeados

FOTOS ABRIL

A MARCA DO BARÇA
De jogador a técnico, Cruyff

FOTOS ABRIL

A GARRA É O SÍMBOLO
Uma das características do Barcelona é a raça de jogadores como Esteban

por mais de 200 000 associados, assinantes e empresários, alguns deles banqueiros da região. Para quem duvida do poder financeiro do Barça, como é carinhosamente conhecido, um detalhe significativo: foi o primeiro clube do mundo a ter um banco próprio, à disposição de seus simpatizantes.

O Barcelona é um time com características bem próprias. A começar pela definição de suas cores, totalmente exóticas. Hans Gamber, estilista suíço, foi indicado para traçar o layout das camisas, inclusive as cores. Só que os únicos lápis disponíveis eram o azul e o grená. A improvisada combinação deu certo e tornou-se um dos maiores atrativos dos torcedores.

A vida do Barcelona é um infinito de conquistas. E também de grandeza. Ao contrário do Español, o outro time da cidade, sempre foi forte e vencedor. Teve grandes times, craques em excesso e um estádio (Nou Camp), construído com capacidade para 115 000 torcedores. O motivo? Os dirigentes consideraram que Ladislao Kubala, um dos maiores jogadores da história catalã, merecia jogar para um grande público.

É inquestionável o brilho do passado do Barcelona nos gramados mundiais. Nos anos 20, teve um grande plantel, com destaque para o goleiro húngaro Platko e o ótimo goleador Samitier. Depois, na campanha do tricampeonato (1951/52/53), foi comandado por Ladislao Kubala. Alguns brasileiros também passaram por lá. O último foi o zagueiro Aloísio, agora defendendo o Porto. Mas quem se deu melhor foi Evaristo de Macedo, em 1957, que superou em brilho as passagens de Bio, Marinho Peres, Silva e Roberto Dinamite.

Assim é o Barcelona. Um dos clubes mais idolatrados do mundo, cantado em verso e prosa por parte dos espanhóis e que, garantem seus dirigentes, jamais terá limites para ganhar e crescer. Um time que já conquistou de tudo, menos a Copa Européia de Clubes Campeões e o Mundial Interclubes. Mas, com tanta tradição e dinheiro em caixa, isso está bem longe de ser uma tarefa impossível.

MADE IN BRAZIL
Aloísio, agora no Porto, foi bem

SVEN SIMON

DRAMA POLICIAL
Quini, ídolo seqüestrado em 1982

FÚTBOL CLUB BARCELONA

ENDEREÇO: Aristides Maillol, s/n.º, 08028, Barcelona
FUNDAÇÃO: 1899
UNIFORME: camisa vermelha e azul, em listras verticais; calção azul; meias azuis
ESTÁDIO: Nou Camp (115 000)
TÍTULOS: *10 Campeonatos Nacionais* (1929, 45, 48, 49, 52, 53, 59, 60, 74, 85); *21 Copas da Espanha* (1910, 12, 13, 20, 22, 25, 26, 28, 42, 51, 52, 53, 57, 59, 63, 68, 71, 78, 81, 83, 88); *3 Copas das Copas da Europa* (1979, 82, 89); *3 Copas da Uefa* (1958, 60, 66)
GRANDES JOGADORES: Samitier, Zamora, Jubala, Evaristo de Macedo, Cruyff, Sotil, Neeskens, Asensi, Quini, Michels, Koeman, Roberto, Salinas, Laudrup, Zubizarretta, Lineker, Romerito, ROMÁRIO, RONALDO, GIOVANNI

1899 O F.C. Barcelona é fundado neste ano, já com seu nome definitivo.

1929 É o primeiro Campeonato Espanhol, e o Barça fatura o título. Antes, já havia vencido oito Copas da Espanha, que, até 1928, era a única competição oficial existente

1951 É o ano da décima vitória na Copa da Espanha, uma conquista que abre caminho para a melhor década do Barcelona. Nos anos 50, o clube ganhou os títulos nacionais de 1952, 53 e 59, além de conquistar as Copas da Espanha de 1952, 53, 57 e 59, e as Copas da Uefa de 1958 e 60.

1979 O Barcelona goleia o Tarragona por 10 x 1, estabelecendo seu recorde de gols em uma partida. O mesmo placar seria repetido em 1979, contra o Rayo Valecano.

1989 Este ano marca o último título internacional do Barça: a conquista de sua terceira Copa das Copas.

ESPANHA

Real Madrid UMA AMBIÇÃO DESMEDIDA

DI STÉFANO
Com ele surge o grande Real em 1953

Impulsionados pela mítica do timaço dos anos 50, "Los Merengues" se acostumaram à rotina das faixas e taças

Eis uma novidade: o Real Madrid não será campeão espanhol da temporada 1990/91. Está muito atrás do Barcelona, que provavelmente ficará com a taça. E já se pode prever que vem aí uma pequena revolução, com dispensa de jogadores e compra de superestrelas a preços astronômicos. Pois, como dizia com toda a empáfia Santiago Bernabeu, o maior dirigente da história do clube, o Real foi feito para vencer sempre.

Tudo porque o pentacampeão nacional não conseguiu ser hexa, embora conte com estrelas como Butragueño, Hugo Sanchez e Michel. Afinal, a rotina de títulos faz parte da história do Real a partir dos anos 50 (*veja quadro ao lado*) e seus cartolas detestam quebras na seqüência. Imagine-se agora o inconformismo do multimilionário Santiago Bernabeu ao assumir a presidência no longínquo ano

MAESTRO HÚNGARO
O magnífico Puskas estreou em 1958

ARRIBA, MÉXICO!
Oportunista e driblador, o mexicano Hugo Sanchez virou atração em Madrid

ALL-SPORT

CAMPEÃO VORAZ
Em 1989, a melhor equipe da Espanha chegou ao tetra com facilidade

de 1943: fazia uma década que seu clube não comemorava nada. Contudo, começou ali a lenta, porém implacável, ascensão do Real Madrid como um dos maiores do mundo. Quatro anos depois, Bernabeu inaugurava um estádio com seu nome no bairro Chamartín. Capacidade: 101 000 pessoas. Mas só em 1953 ele encontraria o gênio que procurava para fazer o time do Real ser respeitado. O homem se chamava Di Stéfano e jogava no Millonarios, da Colômbia — país que fundara uma liga pirata e cujos clubes traziam os melhores jogadores argentinos sem pagar nada pelos passes.

Com Di Stéfano, o Real iniciaria naquela temporada mesmo a sua impressionante coleção de títulos. De 1953 a 1966, venceu nove dos treze Campeonatos Espanhóis, ficando como vice três vezes. De 1955 a 1966, chegou oito vezes à final da Copa dos Campeões, ganhando seis vezes — e, o mais incrível, cinco delas consecutivas. Em 1960, foi campeão mundial interclubes vencendo o Peñarol. Na segunda metade dos anos 50, o Real Madrid formou aquele que, sem dúvida, ficaria como o melhor time da Europa em todos os tempos. Na época, o mundo inteiro queria ver "Los Merengues" (pelo uniforme todo branco), que recebiam por amistoso 60 000 dólares, o dobro do que se pagava ao Santos de Pelé.

O Real chegou a isso porque Bernabeu, seu chefão, era mais do que inconformista — era perfeccionista. Não importava que a equipe fosse campeã, ano após ano novas estrelas iam sendo contratadas. Entre outros, o uruguaio Santamaría, os argentinos Dominguez e Rial, o francês Kopa e o excepcional atacante húngaro Puskas. Após a Copa do Mundo de 1958, dois brasileiros se somaram à constelação: o ponta-direita Canário, ex-América (que deu certo) e o grande Didi (que paradoxalmente não se adaptou).

Essa maravilhosa concentração de craques só perderia fôlego nos primeiros anos da década de 60. Mas vem daqueles tempos a desmedida ambição por faixas e taças. Curioso: apesar de tudo, o Real ainda tem menos torcida do que o rival Atlético de Madrid.

ABRIL

MONUMENTO AO FUTEBOL
Motivo de orgulho: o Estádio Santiago Bernabeu

REAL MADRID
CLUB DE FÚTBOL

ENDEREÇO: Avenida Concha Espina 1, 28016, Madrid
FUNDAÇÃO: 1902
UNIFORME: camisa branca; calção branco; meias brancas
ESTÁDIO: Santiago Bernabeu (101 000)
TÍTULOS: *25 Campeonatos Nacionais* (1932, 33, 54, 55, 57, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 72, 75, 76, 78, 79, 80, 86, 87, 88, 89, 90); *16 Copas da Espanha* (1905, 1906, 1907, 1908, 17, 34, 36, 46, 47, 62, 70, 74, 75, 80, 82, 89); *6 Copas dos Campeões da Europa* (1956, 57, 58, 59, 60, 66); *2 Copas Uefa* (1985, 86); *1 Campeonato Mundial Interclubes* (1960)
GRANDES JOGADORES: Zamora, Muñoz, Di Stéfano, Kopa, Puskas, Santamaría, Canário, Gento, Santillana, Hugo Sanchez, Brutagueño, Michel, Schuster, ROBERTO CARLOS,

1902 O clube é fundado com o nome de Madrid F.C.

1917 Primeira alteração no nome: passa a ser Real Madrid F.C. É com essa denominação que vence os Campeonatos Espanhóis de 1933 e 1934.

1941 Segunda e última alteração no nome do clube: Real Madrid Club de Fútbol, que perdura até hoje.

1960 O Real é pentacampeão da Copa dos Campeões da Europa e, em finais com o Peñarol, sagra-se campeão mundial interclubes.

1965 Mais um pentacampeonato para a história do clube, o da Espanha.

1969 É o fecho de ouro para uma década de brilho incomum. O Real torna-se campeão espanhol pela oitava vez em dez campeonatos disputados nos anos 60.

SIPA PRESS

A GARANTIA DOS GOLS
Papin *(à esquerda)* é quem decide a maioria das partidas para o Olympique

SIPA PRESS

O TODO-PODEROSO
Bernard Tapie agora quer Maradona

Olympique QUANDO O LEMA É GASTAR

O desejo do atual bicampeão francês de superar desafios pela constante ajuda dos apaixonados mecenas

O sonho de Marselha sempre foi ter um grande time de futebol. Um time forte o suficiente não só para acabar com o monopólio exercido nacionalmente pelas equipes de Paris mas que conseguisse também a proeza de levar pela primeira vez um clube da França a vencer uma das três Copas Européias. Nos últimos vinte anos, o Olympique decidiu que chegara a hora de assumir este sonho da cidade de quase 1 milhão de habitantes. E, além de ganhar quatro campeonatos nacionais nas décadas de 70 e 80, o time de Marselha passou a ser encarado como uma das maiores forças do futebol europeu — uma equipe capaz, por exemplo, de eliminar o poderoso Milan de Gullit e Van Basten da Copa de Clubes Campeões da Europa deste ano.

Boa parte do respeito que hoje as camisas brancas do Olympique impõem nos campos europeus deve-se à ousadia de um homem: Fernan Meric. Rico, proprietário de todos os cinemas de Marselha e, dizia-se, ligado ao tráfico

SIPA PRESS

DIREÇÃO CERTA
Tapie confiou seu time a Beckenbauer

LEMYR MARTINS

***MONSIEUR* JAIR**
Jairzinho fez muitos gols na França

SIPA PRESS

FOTO HISTÓRICA
O regular time do Olympique, bicampeão francês no ano passado, com Mozer

de drogas, ele foi o responsável pela montagem de uma equipe que marcou época no futebol francês e mundial. Na época, 1974/76, o clube já possuía jogadores brilhantes, como o ponta Six, o meio-campo Beretta e, ídolo dos ídolos, o elegante zagueiro Marius Trésor — todos da Seleção Francesa.

Maric, porém, queria mais. Ambicionava ver seu clube nas páginas esportivas dos jornais de todo o mundo. Assim, nada melhor que partir para contratações de impacto. E os brasileiros Jairzinho e Paulo César "Caju" foram os escolhidos para dar à equipe a experiência internacional que ainda lhe faltava.

O primeiro passo estava dado: o Olympique deixou de ser encarado como apenas um time de província. Ainda assim, todos questionavam na Europa se, mesmo após a saída de Meric da presidência, o clube teria forças para se manter no topo. Foi então que o polêmico empresário Bernard Tapie assumiu o futebol da equipe marselhesa, como presidente eleito, no final dos anos 80. "Nosso objetivo não é o título francês, o que é muito pouco. Queremos, no mínimo, uma Copa Européia", foi logo tratando de avisar. E o aviso, mais do que nunca, está valendo.

Hoje, falar do Olympique é tocar no nome de Tapie, um negociador nato, corajoso e acostumado a grandes vôos no duro universo dos altos negócios, como a aquisição da Adidas — a maior empresa de material esportivo do mundo —, que ele comprou com os bolsos vazios. Um lance característico da audácia de quem contratou ninguém menos que Franz Beckenbauer para gerenciar o time e levou para Marselha craques de categoria internacional, como o brasileiro Mozer, o inglês Chris Wadle, o iugoslavo Stojkovic e os franceses Papin, Tigana e Cantona. E tudo isso pela bagatela de 23 milhões de dólares. O próximo lance, jura Tapie, é contratar Diego Maradona, um namoro já antigo e que quase se tornou realidade no ano passado.

É por essas e outras saudáveis loucuras que o Olympique é, indiscutivelmente, um dos maiores clubes do futebol mundial.

GAMMA

VELHO CONHECIDO
Mozer tem cartaz na bela Marselha

OLYMPIQUE DE MARSEILLE

ENDEREÇO: 441, Avenue du Prado, B.P. 124, 13267, Marseille
FUNDAÇÃO: 1899
UNIFORME: camisa branca; calção branco; meias brancas
ESTÁDIO: Vélochome (46 000)
TÍTULOS: *6 Campeonatos Nacionais* (1937, 48, 71, 72, 89, 90); *9 Copas da França* (1924, 26, 27, 35, 38, 43, 69, 72, 76)
GRANDES JOGADORES: Skoblar, Loubet, Carnus, Magnusson, Trésor, Beretta, Six, Jairzinho, Yazalde, Giresse, Genghini, Amoros, Mozer, Tigana, Papin, Allofs

1924 O clube vence a Copa da França deste ano e fatura seu primeiro título.

1932 Seguindo a tendência em todo o mundo, o Olympique rende-se ao profissionalismo.

1937 É o ano do primeiro título nacional.

1948 O Olympique goleia o Ales por 8 x 0, estabelecendo seu recorde de gols em uma partida.

1949 O ataque do time de Marselha encerra o campeonato com 95 gols marcados, um recorde na história do clube que perdura até hoje.

1972 O Olympique conquista seu primeiro bicampeonato francês.

1980 Pela primeira vez em sua história, o clube cai para a Segunda Divisão, só voltando para a Primeira em 1984.

1990 Comandado pelo brasileiro Mozer, o Olympique fatura seu segundo bicampeonato nacional. Seu atacante Jean Pierre Papin, também da Seleção Francesa, é o artilheiro do torneio com 22 gols.

RICHIARDI

JUVENTUDE VENCEDORA
Um time de jogadores jovens ganhou a Recopa (86/87) para o renovado Ajax

Ajax O FURACÃO VERMELHO E BRANCO

A consagração de um time inexpressivo da Holanda que se reformulou para assombrar o mundo

Já não seria pouca coisa dizer que o Ajax foi o clube que apresentou Rinus Michels para o futebol mundial e, de quebra, revelou verdadeiros astros, como Johan Cruyff, John Neeskens e Rud Krol. Mas, na verdade, esse furacão holandês, de uniforme vermelho e branco, fez muito mais: contra todos os princípios táticos idealizados até o início da década de 70, fez surgir o maravilhoso futebol-total, aquele incrível conceito de ocupação de espaço que depois se consagraria na Seleção Holandesa, vice-campeã nas Copas do Mundo da Alemanha e da Argentina, com o nome de carrossel. Enfim, o Ajax foi o pai de uma das mais profundas revoluções táticas e técnicas.

E o clube não teve um começo grandioso. Era um frágil representante de Amsterdã, de poucos títulos e quase nenhuma projeção internacional. Com a entrada do bem-sucedido industrial Van Praag na presidência, houve a completa metamorfose. O Ajax também foi um dos primeiros no mundo a tornar-se empresa. E passou a investir de maneira maciça no futebol. "A riqueza de um clube não está nos cofres mas sim dentro de campo", era a filosofia de Praag.

O mais curioso, porém, é que a maior pedra preciosa do Ajax não custou quase nada ao clube, apenas paciência e atenção no trabalho de acompanhamento. Nas categorias de base, treinava um mirrado menino de 17 anos, narigudo, chamado Johan Cruyff. Um jovem craque que logo

ABRIL

ELENCO DE CRAQUES
Cruyff, o terceiro da esquerda para a direita, em pé, era o grande nome do Ajax da década de 70

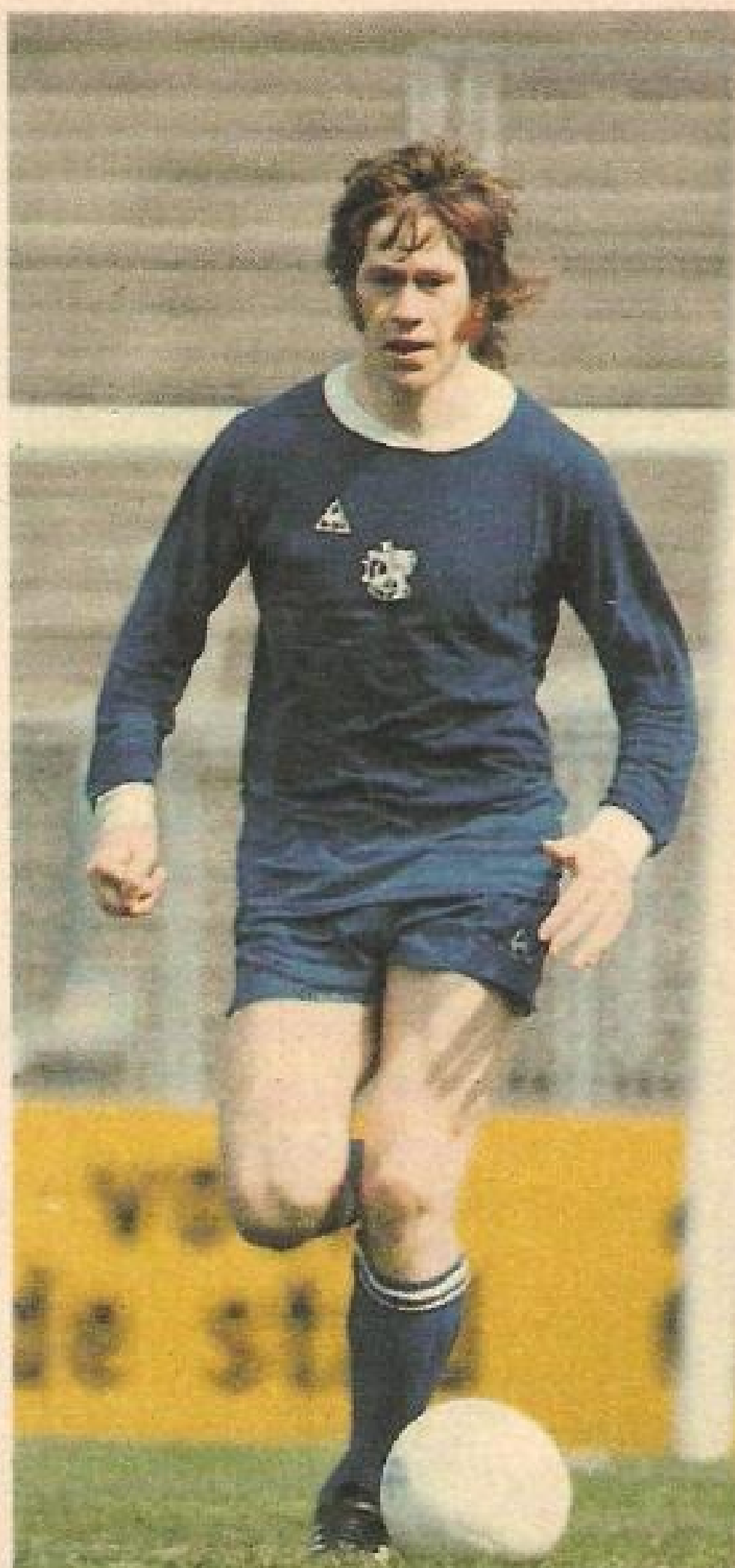
ABRIL

O PAI DO CARROSSEL
Rinus Michels foi quem armou o Ajax

RICHIARDI

GERAÇÃO 80
Wouters representa os novos tempos

RICHIARDI

QUE SEGURANÇA!
O grandalhão Menzo é o novo goleiro

ABRIL

O PARCEIRO IDEAL
Neeskens: o par preferido de Cruyff

saltou aos olhos do inteligente Michels e que, ao lado de um grupo formado por brilhantes jogadores, comandou um caminho de vitória que nem o mais fanático torcedor poderia imaginar.

Jamais foi exagero o comentário de que o Ajax conquistou o mundo de maneira meteórica. Cada partida daquele time era aplaudida de pé. Choviam gols, proliferavam gráficos nos jornais e revistas apontando como era aquela tática revolucionária em que ninguém tinha posição definida, muito menos camisa. Nada era burocrático. Cada jogo era uma surpresa para os atarantados adversários. Cruyff, Neeskens, Rep, Haan, Krol, enfim, um time simplesmente maravilhoso, que ganhou tudo o que quis.

Era um massacre. O time de Michels assombrava os estádios, choviam convites para assistir ao futebol-total. Ver em ação os tricampeões da Copa Européia de Clubes Campeões (1971/72/73) era o *must* daquele início de década. Uma equipe sensacional, tão moderna que ainda hoje os grandes times sonham copiar. Com o Ajax surgiu a última revolução do futebol mundial.

AMSTERDAMSCHE FOOTBALL CLUB AJAX

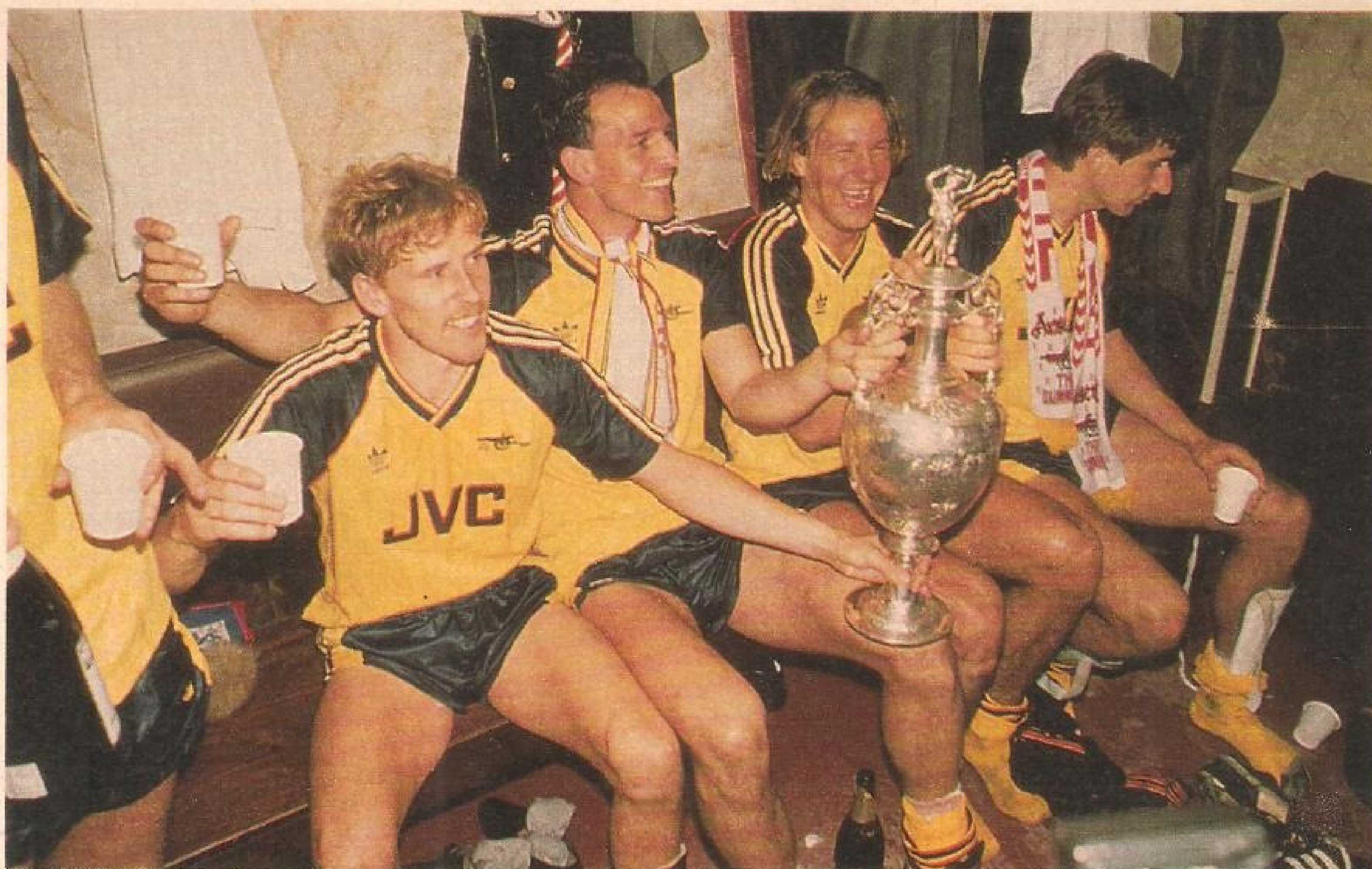
ENDEREÇO: Middeneweg 401, 1009, Amsterdã
FUNDAÇÃO: 1900
UNIFORME: camisa branca com faixa vertical vermelha; calção branco; meias brancas com dobra vermelha
ESTÁDIO: De Meer (27 000)
TÍTULOS: *23 Campeonatos Nacionais* (1918, 19, 31, 32, 34, 37, 39, 47, 57, 60, 66, 67, 68, 70, 72, 73, 77, 79, 80, 82, 83, 85, 90); *11 Copas da Holanda* (1917, 43, 61, 67, 70, 71, 72, 79, 83, 86, 87); *3 Copas dos Campeões da Europa* (1971, 72, 73); *1 Copa das Copas da Europa* (1987); *2 Supercopas* (1972, 73); *1 Campeonato Mundial Interclubes* (1972)
GRANDES JOGADORES: Swart, Cruyff, Haan, Krol, Neeskens, Rep, Suurbier, Van Basten, Larsson, Veerlat, Ronald De Boer, Peterson, Vasovic

1918 Depois de dezoito anos de fundação, o Ajax ganha seu primeiro campeonato nacional. No ano seguinte, conquistaria seu primeiro bicampeonato.

1968 O Ajax sagra-se tricampeão holandês, um título então inédito.

1970 O time alvi-rubro de Amsterdã conquista seu 14.° título nacional e arranca para uma década sem igual em sua história, vencendo seis Copas Européias e um Campeonato Mundial Interclubes em 1972, com um time cheio de craques como Suurbier, Krol, Neeskens e Cruyff.

1985 Neste ano o Ajax venceu seu 22.° campeonato. Só voltaria a ganhar o 23.° em 1990, quando desbancou o PSV Eindhoven, então tetracampeão holandês.

1987 O Ajax vence a Copa dos Campeões, seu último título internacional.

CHAMPANHE NO GELO
Em 1989, o Arsenal faturou o título inglês após jejum de dezoito anos e seus jogadores comemoraram a vitória com fartos brindes

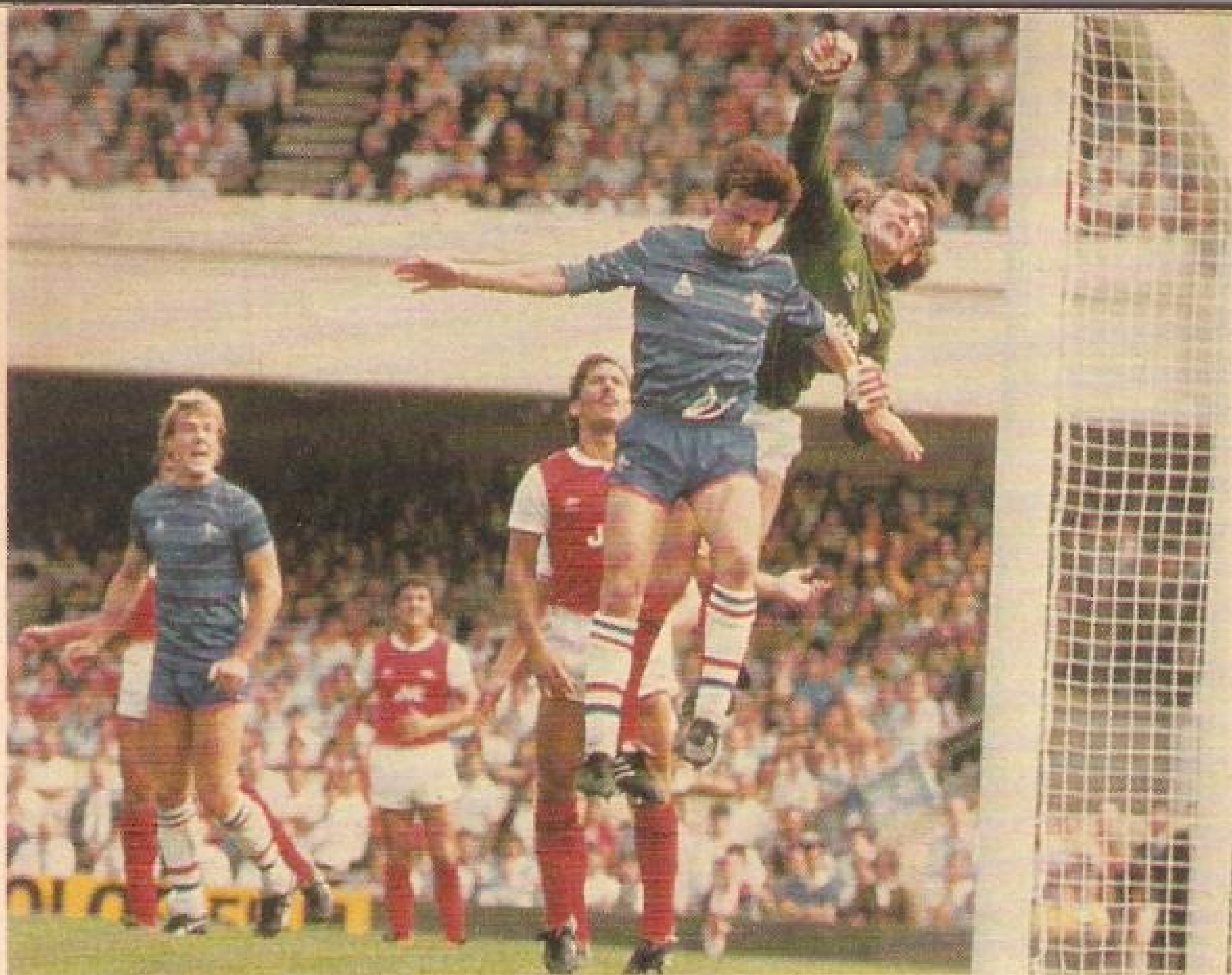
Arsenal EM CAMPO, UM TIME DE LORDES

O estilo do tradicional clube inglês, que já foi aplaudido no Brasil e ainda cultua o jeito elegante de ser

Trata-se do mais aristocrático entre todos os clubes ingleses. O elegante Arsenal cultivou durante mais de um século a fleuma de ser o time dos lordes, da realeza, da Coroa britânica. Qualidades que ainda orgulham sua severa diretoria, dona, como em toda história, de regras rígidas e disciplinadoras, semelhantes às de um colégio da alta classe londrina. Um código de comportamento criado pelo presidente Herbert Chapman, que adotou, na sede do Highbury Stadium, a norma de que os jogadores jamais deveriam andar mal vestidos — nem mesmo um nó de gravata frouxo.

Esse é mais um lado da vida social do monárquico Arsenal, acostumado a comemorar seus títulos com generosos brindes de champanhe e com tradicionais chás nos salões londrinos. Mas é a vida esportiva do clube que move seus torcedores e é capaz de emocionar o mais nobre dos lordes britânicos criadores do *football*; os ingleses — por mais pedantes — só poderiam amá-lo.

Em 1949, um grupo desses homens muito brancos, de calções compridos e fisionomias surpresas, desfilou pelos gramados brasileiros. Era o Arsenal, o símbolo do futebol e da diplomacia britânica, que, naquele período, apresentava o que existia de mais moderno em termos táticos no mundo. Foi uma visita importante para a evolução dos técnicos no Brasil. O público compareceu, houve recorde de renda e juízes ingleses apitaram as partidas. O primeiro amistoso foi em São Januário, num dia em que o Fluminense estreava um certo Valdir Pereira, mais tarde conhecido pelo

ETERNA PAIXÃO
Um caso de amor: George Graham e Arsenal

EXEMPLO DE ATLETA
O profissionalismo do irlandês Pat Jennings o fez ídolo da torcida

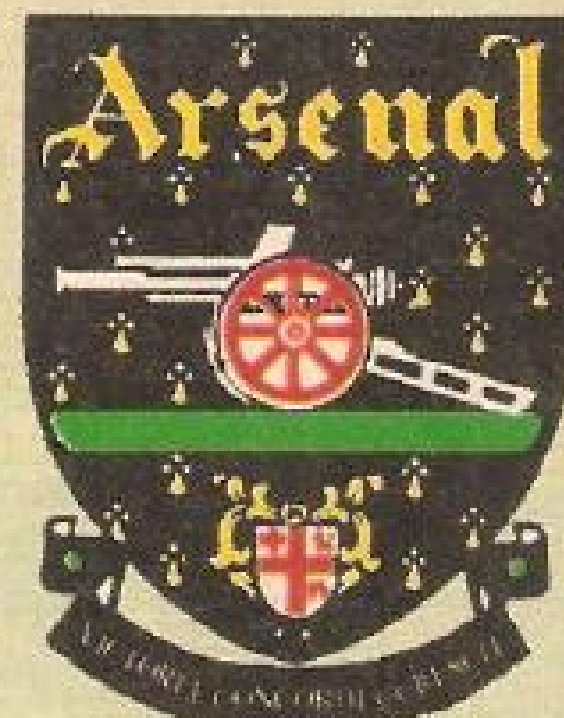
singelo apelido de Didi. A goleada dos gringos treinados pelo calculista Walter Winterbotton não poderia ser mais contundente: 5 x 1. Foi o show do WM, sistema ousado, prático e eficiente.

Ainda hoje o Arsenal é um clube vencedor. Um gigante inglês, acostumado a ganhar, a ser condecorado por honras reais, como depois do título nacional de 1989, e que se orgulha de jamais ter experimentado o amargo sabor do rebaixamento. Pelo contrário, foi um clube que marcou época e continua firme em sua realeza. Até torcedores parecem ter adquirido a elegância de seus dirigentes — são bem mais calmos se comparados aos *hooligans* do Liverpool.

Os próprios jogadores parecem ser fiéis e favoráveis às regras do Highbury Stadium. Seu atual técnico, George Graham, conhece bem a casa, pois integrava a grande equipe bicampeã inglesa nas temporadas 1970/71. Impregnado pela fleuma do clube, procura orientar David, Rocastle, Alan Smith e Toni Adans, novos ídolos, sobre como ser um verdadeiro atleta do Arsenal. Afinal, não é qualquer um que está habilitado a vestir a real camisa amarela do time e passar pelo portão do Highbury Stadium.

FOTOS ALL SPORT

BOAS REVELAÇÕES
Destaques do Arsenal no Campeonato Inglês de 1989: Michael Thomas e Hayes

ARSENAL FOOTBALL CLUB

ENDEREÇO: Arsenal Stadium, Highbury, Londres, N5 1BU
FUNDAÇÃO: 1886
UNIFORME: camisa vermelha com mangas brancas; calção branco; meias vermelhas
ESTÁDIO: Highbury (57 000)
TÍTULOS: *9 Campeonatos Nacionais* (1931, 33, 34, 35, 38, 48, 53, 71, 89); *5 Copas da Inglaterra* (1930, 36, 50, 71, 79); *1 Copa da Uefa* (1970)
GRANDES JOGADORES: Armstrong, Jennings, Bastin, Brain, Sanson, Johns, Buchan, A. James, Mercer, George, Alan Smith, Tony Adans, David Rocastle

1886 O Arsenal é fundado, mas levando o nome de Dial Square F.C. Em dezembro do mesmo ano, transforma-se em Royal Arsenal F.C.

1914 Depois de ser conhecido como Woolwich Arsenal desde o ano de 1893, o clube passa a ter o nome atual.

1931 O Arsenal ganha pela primeira vez o título inglês conseguindo estabelecer um recorde que perdura até hoje: venceu o Grimsby Town Town por 9 x 1, no placar mais elástico de sua história em jogos de campeonato.

1935 Provando que a década de 30 foi sua época de ouro, o Arsenal sagra-se tricampeão da Inglaterra.

1970 Primeiro e único título internacional: vence a Copa da Uefa (União Européia de Futebol Association), derrotando o Anderlecht, da Bélgica, por 3 x 0 na final. Foi também nesta competição que o Arsenal estabeleceu a maior goleada em jogos internacionais: 7 x 1 sobre o Dinamo Becau, da Romênia.

INGLATERRA

Liverpool BEATLES DO FOOTBALL

O perfil do time com sede na cidade do mais famoso grupo de rock do mundo e que também virou sucesso

"MEU NOME É GOL"
Ian Rush, um centroavante competente

ALL-SPORT

Um verdadeiro exército vermelho, apoiado por uma massa formada pelos mais fanáticos e inconseqüentes torcedores. Uma legião com a honra de dizer que cresceu no futebol ao som dos Beatles. Este é o Liverpool Football Club, time inglês da cidade onde nasceu o mais famoso grupo de rock de todos os tempos. O poder de levar gente aos estádios e de fascinar aqueles que assistem aos seus espetáculos era o mesmo e logo o clube se tornou uma potência. A mística da camisa vermelha é mágica, capaz de explicar o sucesso da equipe do coração de John Lennon.

O Liverpool é um verdadeiro fenômeno — e que merece uma explicação para tanta ovação em torno de seu nome no futebol mundial. Os brasileiros, acostumados a acompanhar mais o futebol italiano e espanhol, conhecem poucos detalhes da vida do Liverpool, clube situado na tradicional Anfield Road. Talvez se lembrem com mais

GUERIN SPORTIVO

DESESPERO ROMANO
Uma decisão para a torcida da Roma esquecer. Em 1984, o Liverpool foi ao Estádio Olímpico e venceu a Copa Européia de Clubes

ALL-SPORT

PODER DE ATAQUE
Um dos maiores craques dos tempos atuais é o rápido Barnes

SVEN SIMON

O HERÓI DOS "REDS"
Clemence foi ídolo na Anfield Road

clareza da derrota para o Flamengo por 3 x 0, em 1981, na final Interclubes, em Tóquio, ou do trágico acontecimento na decisão da Copa Européia de Clubes, em 1985, quando morreram vários torcedores da Juventus em confronto com os *hooligans*.

Mas o Liverpool é muito mais do que essas tristes lembranças. Para começo de conversa, trata-se de um clube centenário, marco relevante para um time de fora da capital londrina e que, durante esse período, nada mais fez do que acumular glórias, glórias e mais glórias.

O Liverpool é uma paixão nacional, muito embora Arsenal e Manchester United tenham tantos ou mais torcedores. Na verdade, o "Exército Vermelho" sabe como poucos mexer com a galera. Durante sua história, seus jogadores aprenderam a comemorar os gols junto aos torcedores, quase uma união entre a emoção e a razão. "Eu adoro o Liverpool, amo os Reds, sinto-me em casa na Anfield Road", repete até hoje o lendário Ray Clemence, maior goleiro da história do Liverpool.

O "Exército Vermelho" sempre esteve intimamente ligado ao sucesso. Uma verdade que começou a ser construída com a chegada da década de 70 e, por coincidência, com o fim dos Beatles. Talvez o Liverpool tenha resolvido preencher na cidade o espaço vazio deixado pelo silêncio de John, Paul, George e Ringo. E o som começou a vir das arquibancadas.

A partir daí, "The Reds" colecionaram campeonatos e Copas Inglesas, Copas Européias, entre outras taças. Surgiram craques — Aldridge, Grobbellaar, Barnes, Bearsdley, Ian Rush — e a fama de sucessores dos Beatles cresceu a níveis alucinantes. O Liverpool virou mania, tão forte quanto aquelas guitarras que, durante a década de 60, emocionavam o mundo ao som de *Let It Be*.

LIVERPOOL FOOTBALL CLUB

ENDEREÇO: Anfield Road, Liverpool, L 4 OTH
FUNDAÇÃO: 1892
UNIFORME: camisa vermelha; calção vermelho; meias vermelhas
ESTÁDIO: Goodson Park (56 400)
TÍTULOS: *17 Campeonatos Nacionais* (1901, 1906, 22, 23, 47, 64, 66, 73, 76, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 86, 88); *4 Copas da Inglaterra* (1965, 74, 86, 89); *4 Copas dos Campeões da Europa* (1965, 74, 86, 89); *2 Copas da Uefa* (1973, 76); *1 Supercopa Européia* (1977)
GRANDES JOGADORES: Ray Clemence, Kenny Danolish, John Barnes, Bearsdley, Steve McNahon

1901 O Liverpool conquista seu primeiro título inglês.

1965 O time começa a viver sua grande fase no futebol mundial. Neste ano, venceu sua primeira Copa da Inglaterra, decisão que foi acompanhada pelos quatro ex-integrantes dos Beatles. Nessa mesma temporada, é iniciada a rotina de colecionar títulos das Copas Européias.

1985 O momento mais triste e trágico da história do Liverpool. Os hooligans atacam de maneira selvagem os torcedores da Juventus no Estádio Heysel, na Bélgica, e no conflito morrem dezenas de torcedores. Era a final da Copa Européia dos Clubes Campeões e, por causa dos conflitos, o Liverpool foi suspenso das competições internacionais pela Uefa.

1990 A Uefa reconsidera sua posição para todos os clubes ingleses, com exceção do Liverpool, que recebeu a promessa da entidade de ter sua posição analisada para a próxima temporada.

FOTOS PASTORE

A MAIOR DAS ESTRELAS
O alemão Lothar Matthäus, campeão em 89/90, é o símbolo da nova Inter

LATERAL GOLEADOR
Jogador de defesa, Brehme sabe atacar

ABRIL

ÉPOCA DISTANTE
Na década de 70, Boninsegna foi ídolo

GUERIN SPORTIVO

TANQUE ALEMÃO
O atacante Klinsmann garante os gols

Internazionale

O LUXO É PRIORIDADE

O estilo do clube da elite de Milão que, além de ganhar títulos, orgulha-se de sua própria elegância

Para os embevecidos torcedores da Internazionale — os habitantes mais bem aquinhoados pela fortuna da sofisticada Milão, no norte da Itália —, o clube ao qual dedicam suas emoções esportivas é *Il Principe della Lombardia*. A Inter sempre exibiu essa pose. Fundada em 1908, orgulha-se de não ter copiado nada de seus antecessores. A própria escolha das cores — azul e preto — foi determinada pelo fato de até aquele ano nenhum adversário ter adotado essa combinação. Mais tarde o Atalanta passou a usar uniforme idêntico.

Suas instalações, em Appiano Gentile, distante 40 quilômetros do centro de Milão, estão à altura de

PASTORE

DE PONTA A PONTA
O grande time da Internazionale campeã nacional em 89/90

ABRIL

BICHO-PAPÃO
Uma das formações da época do bi italiano (1965/66) e do bi mundial (1964/65)

instituição tão poderosa: vários campos de treinamento muito bem cuidados, departamento médio dotado de equipamento moderníssimo e uma concentração luxuosa. "Não conheço outro clube que dê tanto conforto a seus jogadores", afirma o armador Lothar Matthäus, a grande estrela da equipe.

Assim, a Inter só precisa gastar bem seu dinheiro para formar bons esquadrões e disputar com chances o Campeonato Italiano. Foi com a contratação dos alemães Matthäus e Brehme, em 1988, que isso voltou a acontecer depois de muitos anos. Logo na primeira temporada (1988/89) o time fez ótima campanha. O técnico Giovani Trappatoni ficou tão entusiasmado que, para o campeonato seguinte, indicou a contratação de outro alemão, o centroavante Klinsmann. E o título veio.

O novo estilo — bem germânico, aliando força, resistência e técnica — aproxima o atual time daquele que os próprios torcedores consideram o melhor da história da Inter, o de meados dos anos 60, em que Facchetti comandava a defesa e Sandrino Mazzolla e o brasileiro Jair da Costa iluminavam os lances de ataque. Nessa época, três troféus nacionais, dois europeus e dois mundiais foram parar nos armários de Appiano Gentile. Em 1970, quando a Itália perdeu a final da Copa do Mundo para o Brasil, quatro de seus jogadores pertenciam à Inter: Facchetti, Burgnich, Mazzolla e Boninsegna.

Muitos craques estrangeiros já vestiram a camisa azul e preta. Entre eles, os espanhóis Suárez e Peiró e o argentino Angelillo, além de Jair da Costa, ponta-direita que começou a carreira na Portuguesa.

F.C. INTERNAZIONALE MILANO S.P.A.

ENDEREÇO: Piazza Duse, 1, 20122, Milão
FUNDAÇÃO: 1908
UNIFORME: camisa azul e preta, em listras verticais; calção preto; meias pretas
ESTÁDIO: Giuseppe Meazza (75 500)
TÍTULOS: *13 Campeonatos Nacionais* (1910, 20, 30, 38, 40, 53, 54, 63, 65, 66, 71, 80, 89); *3 Copas da Itália* (1939, 78, 82); *2 Copas dos Campeões da Europa* (1964, 65); *2 Campeonatos Mundiais Interclubes* (1964, 65); 1 Mundialito de Clubes (1981)
GRANDES JOGADORES: Meazza, Sarti, Burgnich, Facchetti, Jair da Costa, Mazzolla, Angelillo, Suárez, Baresi, Brehme, Matthäus, Zenga, Klinsmann, Serena, Bergomi, RONALDO,

1910 Apenas dois anos depois da fundação, a Internazionale conquista seu primeiro Campeonato Italiano.

1920 Dez anos tiveram que se passar para que a Internazionale voltasse a pôr a mão no *scudetto*. Mas, no que se refere a conquista de títulos, esta acabou sendo também uma das piores décadas em toda a história do clube. Só em 1930 ele conquistaria o título de campeão pela terceira vez.

1963 Ao conquistar seu oitavo campeonato, o time milanês inaugura sua melhor época, a década de 60. Nos anos seguintes se sagraria bicampeão europeu e bicampeão mundial, com um time que marcou época: Sarti, Burgnich, Facchetti, Bedin (Tagnin), Guarnieri, Picchi, Jair da Costa, Mazzolla, Peiró, Suárez, Corso. De quebra, este time seria também bicampeão italiano, em 1965/66.

ITÁLIA

Juventus A MAGIA DA "VELHA SENHORA"

Clube mais antigo e também o maior vencedor entre os italianos, o time dos Agnelli é uma paixão nacional

Para quem duvida que a Juventus é um dos clubes mais poderosos do mundo, basta prestar atenção num detalhe dos mais significativos: o time de Turim carrega o recorde de ter feito a contratação mais cara do futebol em todos os tempos. Antes da Copa do Mundo do ano passado, o megaempresário Gianni Agnelli, presidente da Fiat, desembolsou a astronômica quantia de 22 milhões de dólares pelo passe do meio-campo Roberto Baggio junto à Fiorentina. Uma ousadia que não tem limites e retrata bem o quanto os dirigentes investem para chegar às vitórias. "Para ser campeão, pago o que for preciso para formar um grande time. Dinheiro nunca foi nosso problema", avisa Agnelli, orgulhoso com o fato de nenhum clube ter ganhado mais títulos que a Juve.

Assim funciona o modo de trabalhar e agir do mais amado time da industrializada Turim. E também o mais antigo da Itália, referência logo transferida para a forma doce e singela como o clube foi batizado: "Velha Senhora". Os *tiffosi* alvinegros não fazem questão nenhuma de esconder o que sentem e, numa verdadeira declaração de amor, passam os jogos a um só grito: *"Forza, Juve"*.

Torcer pela Juventus é uma prova de bom gosto e tranqüilidade. Essa é a filosofia dos amantes da "Velha Senhora", satisfeitos com a grandeza e a estrutura que o clube ostenta durante toda sua existência. "Passei a ver o time como uma religião, uma seita, gostosa e apaixonante", revelou Michel Platini, craque da Juve nos anos 80 — foi inclusive campeão, em 1985.

ABRIL

QUEM SE LEMBRA?
No time campeão nacional de 1973 brilhavam Zoff, Altafini e Bettega

ABRIL

CRAQUE À BRASILEIRA
Mazzolla (ou Altafini) brilhou na Juve

ABRIL

QUASE A AZZURRA...
Em 1975, a Juventus era a base da Seleção Italiana: Gentile, Scirea, Causio...

ABRIL

UM GRANDE LÍDER
Zoff, de belo goleiro a técnico

A NOVA JUVENTUS
Os novos destaques em atividade: "Totó" Schillaci, Roberto Baggio e Júlio César

Uma devoção que se consolidou a partir do momento em que a Juventus passou a formar times inesquecíveis, fantásticos, saudosos, com a capacidade de ganhar torcedores em todas as partes do mundo. Todo italiano já ouviu falar da maravilhosa *squadra* que, entre 1930 e 1935, foi pentacampeã nacional, comandada pelo técnico Carlo Carcano, que liderou um grupo com craques do nível do goleiro Combi, Rosetta, Orsi, Bertolini e Munerati. Houve a época de Sívori, de Colombo, de Platini, de Zoff e, mais recentemente, de Baggio e Schillacci.

São momentos (e nomes) para ninguém jamais esquecer. E com a vantagem de cultivar a paixão de milhões de *tiffosi* por todo o mundo, que, quase numa mesma corrente, fazem juras de amor para a "Velha Senhora" — que jamais perderá o charme.

UM ASTRO EM TURIM
Platini justificou sua contratação

DIA DE COMEMORAÇÃO
O último título doméstico da Juventus foi a Copa da Itália, no ano passado

JUVENTUS FOOTBALL CLUB

ENDEREÇO: Piazza Crimea, 7, 10147, Turim
FUNDAÇÃO: 1897
UNIFORME: camisa branca e preta, em listras verticais; calções brancos; meias brancas com frisos pretos
ESTÁDIO: Comunale de Turim (49 500)
TÍTULOS: *22 Campeonatos Nacionais* (1905, 26, 31, 32, 33, 34, 35, 50, 52, 58, 60, 61, 67, 72, 73, 75, 77, 78, 81, 82, 84, 86); *8 Copas da Itália* (1938, 42, 59, 60, 65, 79, 83, 90); *1 Copa dos Campeões da Europa* (1985); *2 Copas da Uefa* (1977, 90); *1 Copa das Copas da Europa* (1984); *1 Supercopa Européia* (1984); *1 Campeonato Mundial Interclubes* (1985)
GRANDES JOGADORES: Borel, Zoff, Boniperti, Altafini, Tacconi, Cabrini, Scirea, Platini, Laudrup, Rui Barros, Zavarov, Aleinikov, Schillaci, Júlio César

1905 A Juventus só foi conquistar seu primeiro Campeonato Italiano depois de oito anos da fundação. O segundo título demorou mais: 21 anos, pois só em 1926 o alvinegro de Turim voltou a conquistar o *scudetto*.

1931 Neste ano, "La Vecchia" ganha seu terceiro campeonato e inicia uma série de conquistas que só vai terminar com o pentacampenato, em 1935.

1972 A Juventus dá início a outra série de títulos: cinco ao todo nos anos 70.

1981 Mais uma ótima década para a Juve, que conquista mais quatro campeonatos nacionais, uma Copa das Copas, uma Supercopa e o título mundial, vencendo o Argentinos Juniors nos pênaltis por 6 x 2 (empate de 2 x 2 durante a partida e a prorrogação).

SIPA-PRESS

SEMPRE CAMPEÃO
Este é o time mais forte da história do Milan. Campeão italiano, europeu e mundial entre 1988 e 1990

Milan NASCIDO PARA GANHAR

A história do melhor do mundo na atualidade, seus craques, títulos e patrimônio

O GLOBO

UM RARO TROPEÇO
O Santos conseguiu superar o Milan e, em 1963, venceu a final do Mundial Interclubes

O melhor time de futebol do mundo na atualidade. Este reconhecimento é suficiente para medir o poder do Milan Associazione Calcio, o vermelho-e-preto italiano, que se transformou na maior assombração desse final de século. Uma equipe que consagrou-se pela sagacidade do técnico Arrigo Sacchi, com a vibração dos jogadores italianos aliada à técnica e ao malabarismo de três holandeses que parecem ter nascido para jogar juntos e serem ídolos de uma grande torcida.

O Milan é uma verdadeira potência, não tão aristocrático quanto o arqui-rival Internazionale, mas poderoso. Seus torcedores orgulham-se em dizer que a Itália tem uma cidade a mais em seu mapa: chama-se ''Milanello'', tão grandes são as instalações sociais e esportivas. ''Não acredito que exista algum clube mais forte do que o Milan no planeta'', sempre repete Ruud Gullit, o craque holandês que virou símbolo da atual demolidora formação.

Dono de longas tranças no melhor estilo rastafári e amante de reggae, Gullit ajudou o Milan a chegar ao topo do mundo. Ao lado dos compatriotas Van Basten e Rijkaard, do misterioso Arrigo Sacchi e do estupendo líbero Franco Bare-

RICHARDI

GIGANTE DE CONCRETO
Ao lado da Inter, o Milan tem a honra de jogar no belo Estádio San Siro

PASTORE

CRAQUE RASTAFÁRI
Ruud Gullit, craque da modernidade

SIPA-PRESS

O HOMEM DO GOL
Van Basten: um atacante insuperável

SIPA-PRESS

LÍBERO DE FATO
Baresi é uma unanimidade no mundo

si, construiu uma das mais belas trajetórias de um grande clube no cenário mundial. Estádios lotados, ingressos em falta, torcida em êxtase. Desde 1988, o mundo se curva ao mais popular time da rica e industrializada cidade de Milão. "Só não subimos mais porque não dá", avisa Silvio Berlusconi, homem forte do clube e empresário do ramo de comunicação.

Fundado em 1899, o Milan parece ter nascido para ganhar. O amor dos *tiffosi* pelas cores vermelho e preto ultrapassa fronteiras. No ano passado, 2 000 apaixonados milaneses entraram num avião e foram para o Japão, do outro lado do mundo, assistir à final do Mundial Interclubes contra o Olimpia. Voltaram bicampeões, torpes de alegria, em mais um porre de felicidade. Uma rotina para a cidade de "Milanello".

MILAN ASSOCIAZIONE CALCIO S.P.A.

ENDEREÇO: Via Turati, 3, 20121, Milão
FUNDAÇÃO: 1899
UNIFORME: camisa vermelha e preta, em listras verticais; calção branco; meias brancas com frisos pretos e vermelhos
ESTÁDIO: Giuseppe Meazza (75 500)
TÍTULOS: *11 Campeonatos Nacionais* (1901, 1906, 1907, 51, 55, 57, 59, 62, 68, 79, 88); *4 Copas da Itália* (1967, 72, 73, 77); *4 Copas dos Campeões da Europa* (1963, 69, 89, 90); *2 Copas das Copas* (1968, 73); *1 Supercopa* (1989); *3 Campeonatos Mundiais Interclubes* (1969, 89, 90)
GRANDES JOGADORES: Nordahl, Sormani, Rivera, Schnellinger, Maldini, Liedholm, Schiaffino, Grillo, Trapattoni, Dino Sani, Altafini, Paolo Rossi, Gullit, Van Basten, Baresi, Rijkaard

1901 Apenas dois anos depois de fundado, o Milan levanta seu primeiro Campeonato Italiano.

1907 Terceiro e último título conquistado pelo clube nesta década. Depois, ele somente voltaria a ser campeão no ano de 1951, com um ataque comandado pelo sueco Gunnar Nordahl, que foi também o maior artilheiro da história do clube (210 gols).

1959 Um novo título para encerrar uma das melhores décadas vividas pelo Milan. Foram nada menos de quatro títulos nacionais, um a mais do que em todos os 52 anos anteriores.

1969 O Milan é campeão do mundo, título que tornaria a conquistar em 1989 e 1990.

ITÁLIA

Napoli OBRIGADO, DIEGO MARADONA!

A ascensão de um clube da região mais pobre da Itália, que, com o craque argentino, tornou-se grande

A Società Sportiva Calcio Napoli completou 65 anos, mas uma rápida passada de olhos sobre seu passado mostra que sua história se resume aos últimos seis. Mais precisamente à "Era Diego Armando Maradona", o pequeno gênio nascido na Argentina para dar o brilho que estava faltando ao futebol mundial neste final do século XX. Com suas jogadas maravilhosas, imprevisíveis e demolidoras, Maradona jamais será esquecido pelos enlouquecidos e fanáticos torcedores napolitanos.

Antes mesmo da chegada do craque argentino, o Napoli era a maior coqueluche dos *tiffosi* do sul da Itália. Lá, o amor pelo clube é latente. Mesmo nas vitórias mais simples, o napolitano derrama lágrimas, enrola-se na bandeira do clube e ressalta que a discriminada região, a parte pobre de toda a Itália, mais uma vez derrotou os ricos do norte. "Dedico cada gol a esse povo segregado", costuma dizer Maradona.

Desde a chegada do craque argentino, o Napoli transformou a cidade numa grande festa. Afinal, com ele chegaram ao fim as constantes ameaças de rebaixamento, a insegurança de um clube que sonhava em ser campeão italiano mas que sempre esbarrava nos mais diversos obstáculos. "Ele foi o deus que faltava ao Napoli", disse um torcedor após a conquista do *scudetto* na temporada 1986/87. "Vim apenas cumprir uma missão", amenizou Maradona.

O Napoli orgulha-se de seu patrimônio. "Temos três coisas impagáveis. Nosso estádio, San Paolo, Maradona e a torcida", comentou no auge da euforia o presidente Conrado Ferlaino. É verdade. "Vamos montar um grande time", prometeu, com convicção, esse industrial que assumiu o clube no início dos anos 80. E a confirmação desse propósito aconteceu em

ALL SPORT

REI DOS NAPOLITANOS
Apesar do temperamento intempestivo, Maradona é tratado como um deus no clube

ALL SPORT

LIGAÇÃO TOTAL
Até no nome De Napoli lembra o time

1984, quando foi anunciada a contratação de Maradona junto ao Barcelona por 10 milhões de dólares. O investimento logo virou ouro, ou melhor, títulos. Dois anos depois, na temporada 1986/87, o time levantou o primeiro *scudetto* de sua história.

A loucura napolitana se multiplicou. A cidade passou a respirar futebol, Maradona virou uma espécie de santo e hoje é comum ver as sacadas dos apartamentos fantasiadas de bandeiras celestes. Ferlaino encheu-se de ânimo e reforçou ainda mais a equipe. Trouxe, quase simultaneamente, dois brasileiros,

ALL SPORT

COMBINAÇÃO PERFEITA
Talentoso e acostumado a marcar gols, Careca faz dupla perfeita com Maradona

Alemão e Careca, que, juntos ao habilidoso baixinho da camisa 10, deram a força que faltava ao time. E o Napoli transformou-se numa autêntica máquina.

Ser campeão com a camisa napolitana transformou-se numa doce rotina. À conquista da Copa da Uefa, 1989/90, frente ao Stuttgart, seguiu-se no mesmo ano a vitória no Campeonato Italiano, com Careca artilheiro, Maradona barbarizando e Alemão como verdadeiro cão de guarda. Enfim, o Napoli era pequeno, queria ser grande e virou gigante. Foi o primeiro time do sul da Itália a conquistar o *scudetto* e agora é respeitado em todo o mundo. Com toda justiça e graças a Alemão, Careca e, sobretudo, a Diego Armando Maradona.

PASTORE

LUTA CONSTANTE
A garra de Alemão deu certo no Napoli

SOCIETÀ SPORTIVA CALCIO NAPOLI S.P.A.

ENDEREÇO: Piazza dei Martiri, 30, 80121, Nápoles
FUNDAÇÃO: 1926
UNIFORME: camisa azul-clara; calção branco; meias azuis
ESTÁDIO: San Paolo (85 000)
TÍTULOS: *2 Campeonatos Nacionais* (1987, 90); *3 Copas da Itália* (1962, 76, 87); *1 Copa da Uefa* (1989)
GRANDES JOGADORES: Sallustro, Juliano, Vojak, Bagni, Bertoni, Careca, Alemão, Maradona, Carnevale, De Napoli

1934 O atacante Vojak, um dos grandes ídolos da história do clube, marca 21 gols no campeonato, um recorde que não foi batido até hoje nem por Maradona.

1956 O Napoli goleia o Pro Patria por 8 x 1, o maior placar que o time conseguiu até hoje.

1962 Nápoles e todo o sul da Itália entram em festa: o clube consegue seu primeiro título importante ao vencer a Copa da Itália.

1984 Diego Maradona é comprado junto ao Barcelona e torna o Napoli um time grande.

1987 É a conquista do primeiro *scudetto*. Maradona vira uma espécie de padroeiro da cidade, ao lado de San Genaro.

1989 O Napoli ganha a Copa da Uefa e prova que é de fato um time respeitável.

1990 Com os brasileiros Alemão e Careca, o clube conquista seu segundo *scudetto*. Na maioria das casas napolitanas, o retrato de Maradona é cultuado.

1991 Maradona envolve-se em escândalos (drogas e prostitutas) e o time perde o pique.

SIPA PRESS / LEMYR MARTINS

O BRILHO DA LUZ
O grandioso Estádio da Luz é orgulho dos benfiquistas

SIPA PRESS

TALENTO LUSITANO
O bom zagueiro Hernani é uma das atuais revelações do clube

GOLEADOR NATO
Destaque do Benfica, o sueco Magnusson garante o ataque

Benfica SUCESSO À PORTUGUESA

O bom exemplo do mais popular clube de Lisboa, que, com administração impecável, virou sinônimo de êxito

O espírito do Sport Lisboa e Benfica está intimamente ligado ao símbolo e ao uniforme do clube. A figura da águia sugere imponência e altivez, marcas registradas do mais querido time português durante sua trajetória. A cor vermelha, que caracteriza a camisa, marca a obrigação de dar o sangue pela vitória, custe o que custar — e sempre. Esse lema transformou-se em máxima a cada partida dos "encarnados", como são conhecidos os jogadores do Benfica no futebol mundial.

Enfim, essa é a regra no Estádio da Luz, de propriedade do Benfica, com

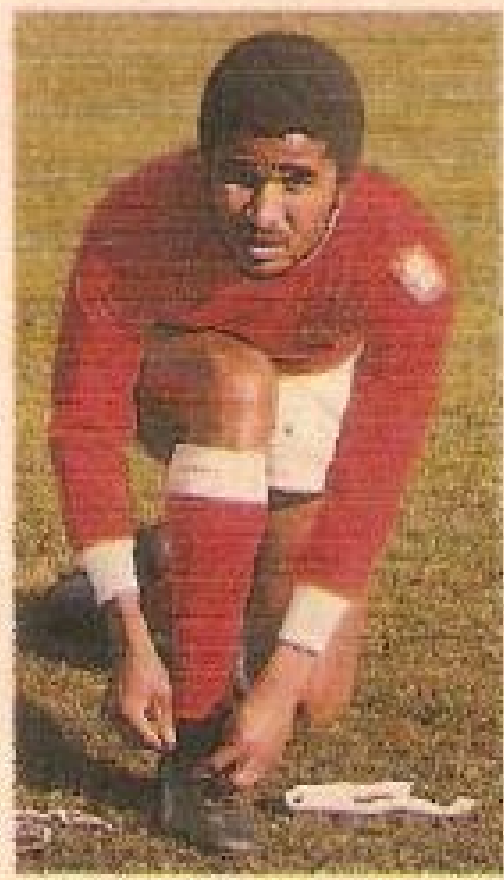
MAIS UM TÍTULO
Dois brasileiros na foto do time bicampeão português em 1989: Mozer e Elzo

capacidade para 120 000 torcedores. Ali, desde a fundação instituiu-se a idéia de que, antes mesmo da técnica, é necessário lutar, dividir, dar tudo pela vitória, sem medo de nada. "Meus técnicos mandavam eu colocar a cara na chuteira dos adversários, se necessário. Essa era a regra básica", disse certa vez Eusébio, moçambicano transformado no maior ídolo da história dos "encarnados".

Os benfiquistas gostam de repetir que torcem por um clube independente, que construiu toda sua estrutura sem ajuda de ninguém. Vão mais longe. Debocham e curtem o fato de terem reunido, abrigados na famosa camisa vermelha, os maiores craques do futebol português em todos os tempos — talentos do porte de Eusébio, Coluna, Chalana, Bento e Augusto. E, por fim, pisam na ferida dos adversários ao lembrar o fato de ninguém ter ganhado mais títulos nacionais do que aquela imponente águia: foram 28 campeonatos nacionais e duas Copas Européias de Clubes Campeões.

Mas, na verdade, toda a aura do Benfica foi bem representada pelo inesquecível Eusébio, hoje técnico da equipe juvenil. Um herói nato, unânime, intocável, verdadeira paixão em quase toda linda Lisboa. Tornou-se o maior artilheiro do clube (317 gols) e participou da maior goleada do time, em 1965, contra o Stade Dedelange (10 x 0). Esse moçambicano sabia como poucos apresentar a raça, a disposição e a luta incansável que cada jogador do Benfica é obrigado a demonstrar. "Era um monstro, um fora de série", enaltecia o falecido técnico brasileiro Otto Glória, ex-Benfica e Seleção Portuguesa.

Essa energia de cada jogador em campo só serve para doutrinar os torcedores, sempre presentes e enlouquecidos nos aplausos depois das belas jogadas e, principalmente, gols do time. Atualmente, a média de público a cada partida é de 40 000 aficionados. "Eles são de uma paixão impressionante, não param de gritar", revela Ricardo Gomes, zagueiro brasileiro que joga atualmente no clube.

Não há dúvida de que o Benfica está definitivamente no primeiro mundo do futebol: tem uma administração perfeita, belas instalações sociais e, o melhor dos patrimônios, uma identificação comovente com jogadores e torcedores. Coisas próprias da teoria "encarnada" do mais popular time de Portugal.

ÍDOLO NACIONAL
Eusébio ainda é o maior craque do país

SPORT LISBOA E BENFICA

ENDEREÇO: Av. General Morton de Matos, 1500, Lisboa
FUNDAÇÃO: 1904
UNIFORME: camisa vermelha; calção branco; meias vermelhas
ESTÁDIO: Estádio da Luz (120 000)
TÍTULOS: *28 Campeonatos Nacionais* (1930, 31, 35, 42, 43, 45, 50, 55, 57, 60, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 81, 83, 85, 87, 89); *24 Copas de Portugal* (1930, 31, 35, 40, 43, 44, 49, 51, 52, 53, 55, 57, 59, 62, 64, 69, 70, 72, 80, 81, 83, 85, 86, 87); *2 Copas dos Campeões da Europa* (1961, 62)
GRANDES JOGADORES: Eusébio, Coluna, Águas, Humberto, Nené, Costa Pereira, Mozer, Valdo, Ricardo Gomes, Mats Magnusson, Aldair, Diamantino, P. NUNES.

1904 É fundado o Sport Lisboa, que, quatro anos mais tarde, funde-se ao Sport Benfica. Da fusão nasce o atual Sport Lisboa e Benfica.

1913 Neste ano, estabelece sua maior goleada em campeonatos nacionais, ao vencer o Sanjoanense pela contagem de 13 x 1.

1960 O Benfica ganha seu décimo campeonato nacional e dá início a uma década fulgurante. Ao longo dos anos 60, o time foi oito vezes campeão português, além de vencer três vezes a Copa de Portugal e ser bicampeão da Copa dos Campeões da Europa, em 1961 e 62.

1989 É o ano em que o Benfica conquista seu 28.º título português, doze a mais que seu perseguidor mais próximo, o Sporting.

PORTUGAL

UMA VALSA EM VIENA
Após a vitória sobre o Bayern, o time do Porto vibra com o título europeu (1987)

SIPA-PRESS

Porto OS DRAGÕES GANHARAM O MUNDO

A volta por cima de um clube que começou mal no futebol mas que se modernizou e chegou a ser campeão em Tóquio

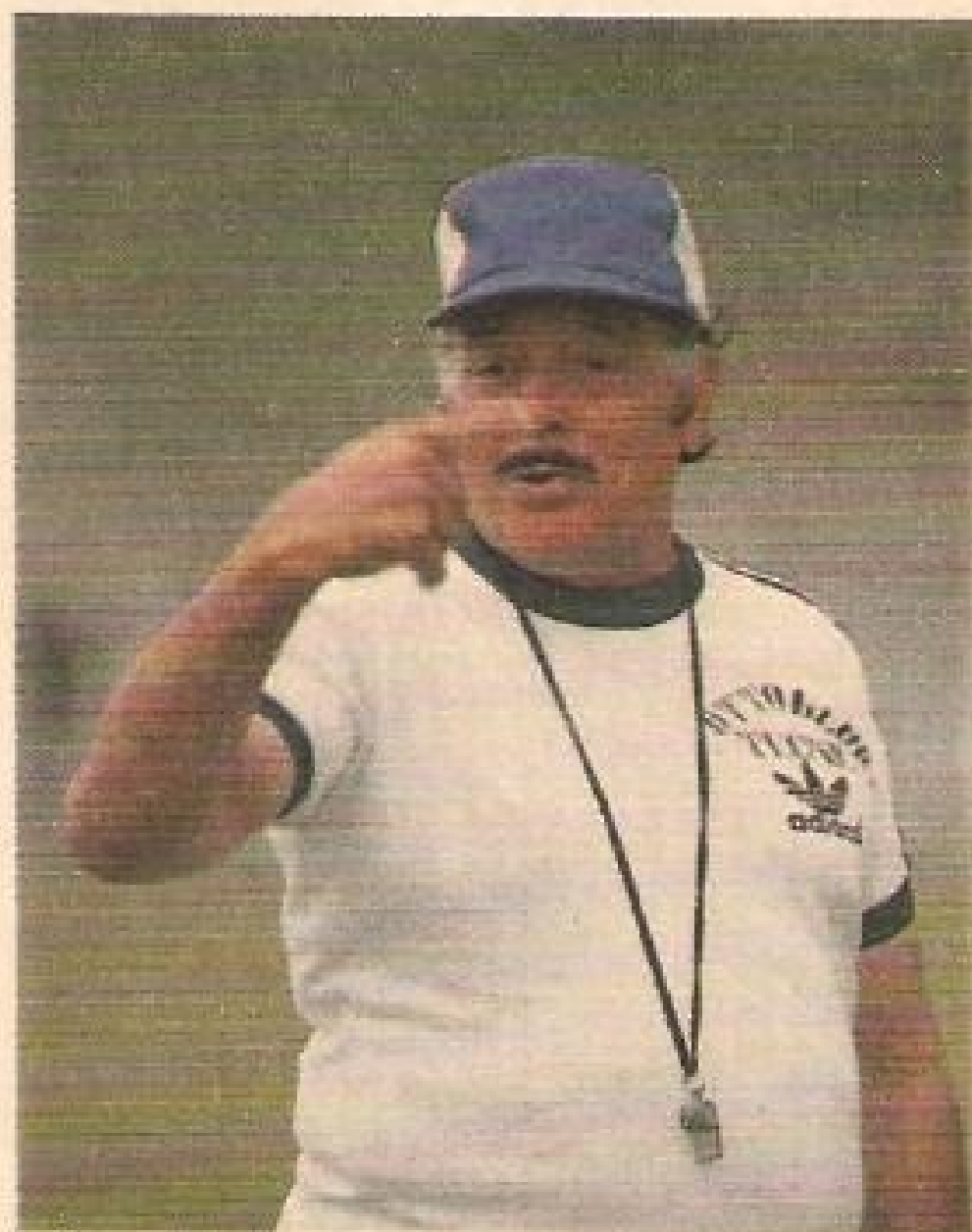
A simpatia é a marca do Futebol Clube do Porto, representante mais famoso do norte de Portugal e que orgulha-se de ser bem visto até mesmo pelos principais adversários. São comuns as declarações de que é o filho mais querido dos lusitanos. De fato, até os presidentes e primeiros-ministros da República costumam reservar espaços em suas agendas para acompanhar e torcer pelo time que leva as cores azul e branco, proprietário do popular Estádio das Antas.

O carisma do Porto não pára aí. Em 1987, o presidente Mario Soares abandonou mais cedo o expediente só para acompanhar a final da Copa Européia entre Porto e Bayern Munique, em Viena. Vitória garantida (2 x 1), ele enviou telegrama de felicitação a todos os jogadores e dirigentes. Ano passado, foi o primeiro-ministro Aníbal Cavaco Silva quem viu, nas Antas, o clube conquistar o 11.º Campeonato Português. "Sou simpático ao Porto", confessou.

O Porto é assim. Querido, reconhecido como um clube que superou um início difícil, manchado com a fama de nadar, nadar e morrer na praia, e hoje orgulha-se de ser o único clube português a estampar o título de campeão mundial interclubes em 1987. Foi o coroamento de uma fase ultravencedora do time mais popular da próspera cidade do Porto, a prova maior de que o futebol na "Terrinha" não se resume apenas a Benfica e Sporting.

Milhões de garrafões das melhores safras do vinho do Porto já foram consumidos nas festas após as vitórias dos Dragões, nome popular do time. Os principais pontos de concentração dos torcedores costumam ser a tradicional Avenida dos Aliados e também a Praça Humberto Delgado. Talvez tenha sido em alguns desses lugares que, em 1906, Monteiro da Costa fundou o Porto — potência que logo seria o primeiro campeão português e primeiro ganhador da Copa de Portugal.

O Porto cresceu, construiu seu estádio e ganhou muitos sócios, que hoje são mais de 70 000, fonte de renda que garante boa parte do orçamento. Uma legião de fãs, impulsionada de maneira alucinante após o

FESTA NO ORIENTE
Do outro lado do mundo, no Japão, os portugueses levaram o Mundial Interclubes

LARGA SABEDORIA
O Porto já teve Otto Glória no banco

PASSAGEM FELIZ
Yustrich foi campeão português em 1957

HERÓI DAS ANTAS
Branco fez sucesso entre os Dragões

inesquecível Campeonato Mundial Interclubes, no Japão, contra o Peñarol. Naquele dia, o argelino Madjer, atacante rápido e instigante, marcou o gol decisivo e entrou para a galeria dos Dragões mais queridos.

Craques, o Porto teve inúmeros. O atual artilheiro Fernando Gomes foi um dos melhores. Cubillas, meio-campo peruano, também é muito querido nas Antas, assim como os brasileiros Flávio e Branco e os técnicos Yustrich (campeão em 1957/58), Otto Glória e Aymoré Moreira. Nomes de peso, que, como nosso Juary, herói na conquista da Copa Européia de Clubes Campeões, fazem parte da galeria dos Dragões, honra máxima para aqueles que defenderam o simpático Futebol Clube do Porto.

FUTEBOL CLUBE DO PORTO

ENDEREÇO: Avenida Fernão de Magalhães, 4300, Porto
FUNDAÇÃO: 1906
UNIFORME: camisa azul e branca em listras verticais; calção azul; meias brancas
ESTÁDIO: Estádio das Antas (90 000)
TÍTULOS: *11 Campeonatos Nacionais* (1935, 39, 40, 56, 59, 78, 79, 85, 86, 88, 90); *10 Copas de Portugal* (1922, 25, 32, 37, 56, 58, 68, 77, 84, 88); *1 Copa dos Campeões da Europa* (1987); *1 Supercopa Européia* (1987); *1 Campeonato Mundial Interclubes* (1987)
GRANDES JOGADORES: Barrigana, Monteiro da Costa, Virgílio, Hernâni, Custódio Pinto, Cubillas, Madjer, Fernando Gomes, Mlynarczyk, Rui Águas, Branco, Caetano, JARDEL

1935 Depois de ficar 29 anos na fila, finalmente o Porto consegue seu primeiro Campeonato Português. Antes, já havia vencido três Copas de Portugal (1922, 25 e 32).

1939 O Porto vence o Acadêmico do Porto pela contagem de 12 x 1, estabelecendo seu recorde de gols em uma partida. Em 1942, repete o mesmo placar contra o Carcavelinhos.

1943 Foi nesta temporada que o clube sofreu a maior goleada de sua história: 12 x 2 para o Benfica.

1987 O Porto ganha tudo em nível internacional: é campeão da Copa dos Campeões da Europa, é campeão da Supercopa Européia e, para fechar a temporada em alto estilo, é campeão do mundo.

1988 Outro ano muito bom, com a conquista do título nacional e também o da Copa de Portugal.

Nacional TROFÉUS, APESAR DAS CRISES

Quase sempre sem dinheiro, o clube da elite uruguaia usa criatividade para conseguir seus títulos mundiais

KIICHI YAZAKI

ROLETA DOS PÊNALTIS
Tóquio, 1989: após dramática e emocionante final nos pênaltis, o Nacional derrota o PSV e De León levanta a Taça Toyota

KIICHI YAZAKI

Três vezes campeão do mundo, a última delas há apenas três anos. Quando ouvem críticas à situação financeira de seu clube, os torcedores do Nacional sacam dessa resposta e encerram o assunto. Como se pode chegar ao título supremo em meio a permanentes dificuldades? Com o jeito uruguaio: arrebanhando experientes veteranos por toda parte, que se reúnem para a batalha decisiva de suas vidas em troca de muito dinheiro (toda a cota paga pela Toyota, a patrocinadora do jogo de Tóquio). Em 1988, o Nacional repetiu a receita — com Seré, De León, Revelez, Lima e outros — e despachou o PSV.

Assim, com tantos títulos intercontinentais quanto o eterno rival Peñarol, o tricolor de Montevidéu pode manter a pose de clube da elite, nascida na fundação, em 1899. O Nacional foi criado por ricos estudantes universitários "como uma afirmação do futebol pátrio" e em oposição aos ingleses do Uruguayan Railway (mais tarde Peñarol). Daí o seu nome.

Embora logo se firmassem como grande clube, os "cuellos duros", que eram chamados assim por jogarem com camisas com colarinho engomado, só foram mostrar uma grande equipe no final dos anos 30. Chegaram a pentacampeões, de 1939 a 1943. Em 1941, enfiaram 6 x 0 no Peñarol (a maior goleada da história do clássico). No ano do tri, ganharam todas as partidas. Eram os tempos do goleiro Paz, do lateral Gambetta e de uma excepcional linha atacante: Castro, Ciocca, Atilio García, Roberto Porta e Zapirain. O Nacional voltaria a formar um esquadrão parecido em 1969, sob o comando do técnico brasileiro Zezé Moreira: Manga, Ubiña, Ancheta, Masnik e Mujica; Montero Castillo, Espárrago e Maneiro; Cubilla, Artime e Morales. Foi tetracampeão, de 1969 a 1972. Ganhou a Libertadores e o Mundial Interclubes em 1971.

Nove anos depois, o ex-lateral Mujica é técnico; Espárrago, Morales e Blanco voltam da Espanha, quase aposentados. Juntam-se e repetem os títulos internacionais — aí sim uma façanha. Como façanha seriam os troféus de 1988. E que ninguém se iluda: apesar das crises, o Nacional está sempre à espreita da glória máxima.

NICO ESTEVES

VICTORINO DECIDIU
O time campeão mundial (1981), com um gol do centroavante sobre o Nottingham

CLUB NACIONAL DE FÚTBOL

ENDEREÇO: Avenida 8 de Outubro, 2847, Montevidéu
FUNDAÇÃO: 1899
UNIFORME: camisa branca; calção azul; meias brancas
ESTÁDIO: Centenário (73 609)
TÍTULOS: *36 Campeonatos Nacionais* (1902, 1903, 12, 15, 16, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 33, 34, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 47, 50, 52, 55, 56, 57, 61, 63, 66, 69, 70, 71, 72, 77, 80, 83, 86); *3 Taças Libertadores da América* (1971, 80 e 88); *3 Campeonatos Mundiais Interclubes* (1971, 80 e 88).
GRANDES JOGADORES: Artime, Gambetta, Victorino, Hugo de León, Mujica, Cubilla, Ancheta, Espárrago, Atilio García, Rodolfo Rodriguez.

1899 Nasce o Club Nacional de Fútbol, já com seu nome definitivo.

1902 O Nacional ganha seu primeiro título na era amadorística do futebol uruguaio.

1933 A primeira taça do time azul e branco como profissional.

1943 O time chega ao pentacampeonato uruguaio, numa façanha só igualada pelo Peñarol, quase vinte anos depois.

1971 Finalmente, após perder três finais, o Nacional conquista a Taça Libertadores da América numa decisão contra o Estudiantes. Na mesma temporada, leva seus torcedores ao delírio, após bater o Panathinaikos e ganhar o Mundial Interclubes.

1980 Segunda conquista do Mundial Interclubes, desta vez sobre o Nottingham Forest.

1986 A diretoria do Nacional reconhece dívida de quase 2 milhões de dólares e entra em séria crise administrativa.

ABRIL

A NOVA EQUIPE
O Peñarol de hoje não tem muitos jogadores conhecidos, à exceção de Dominguez *(de barba)* e de Trasante, ex-Grêmio

Peñarol O MAIS AMADO DO URUGUAI

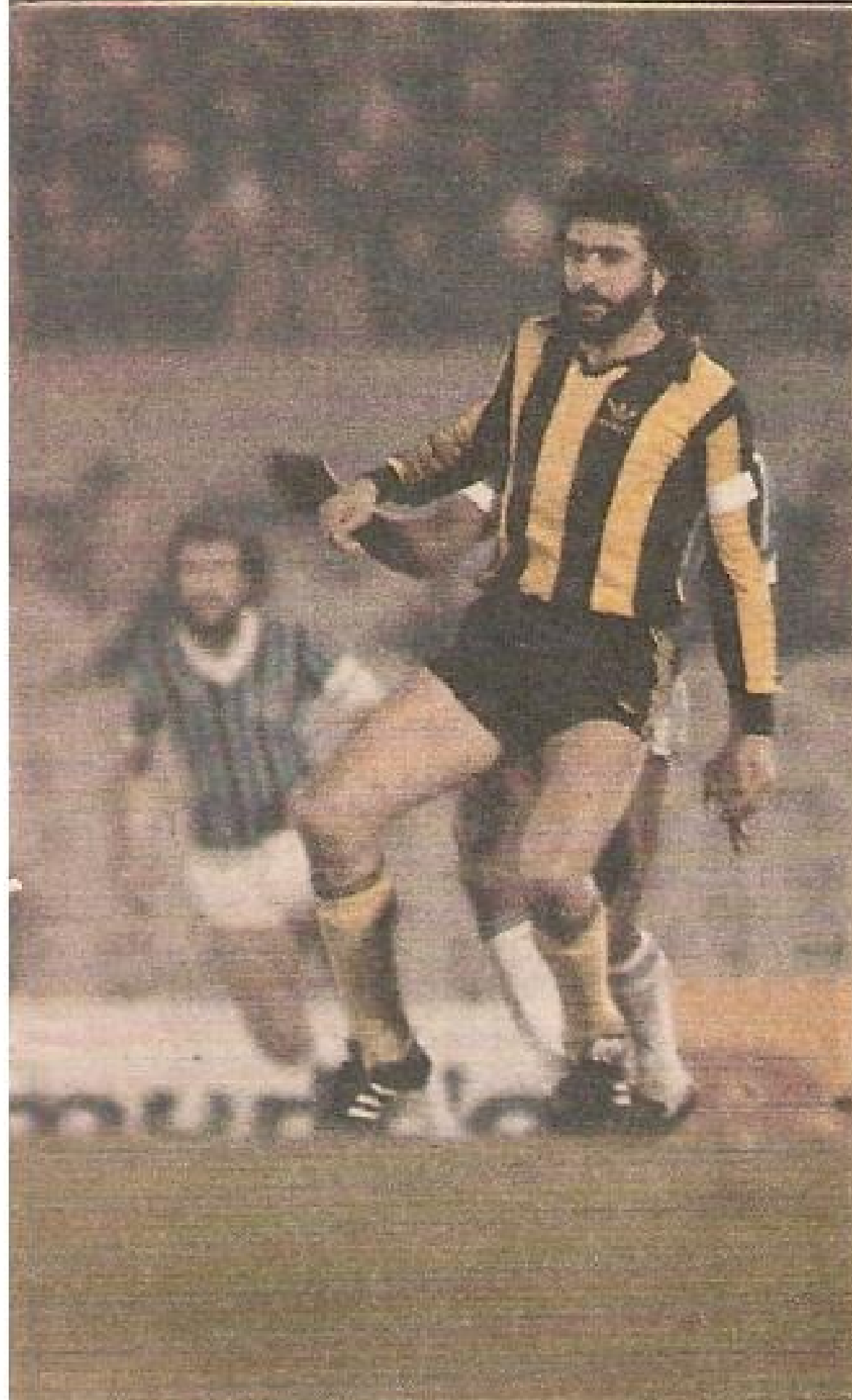
O clube do povão sempre cresce nas horas difíceis. Por isso, tem cinco Libertadores e três Mundiais

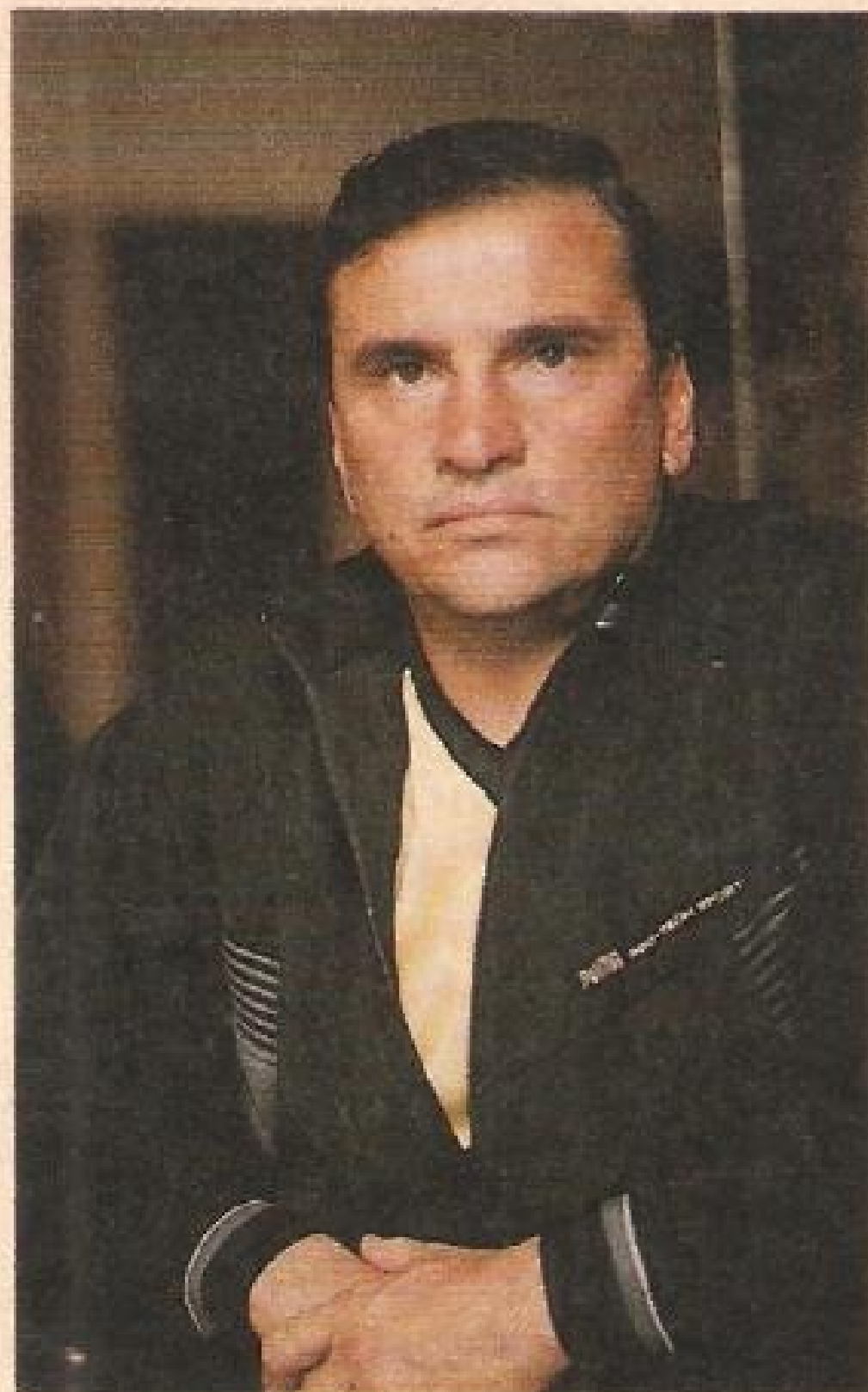
NICO ESTEVES

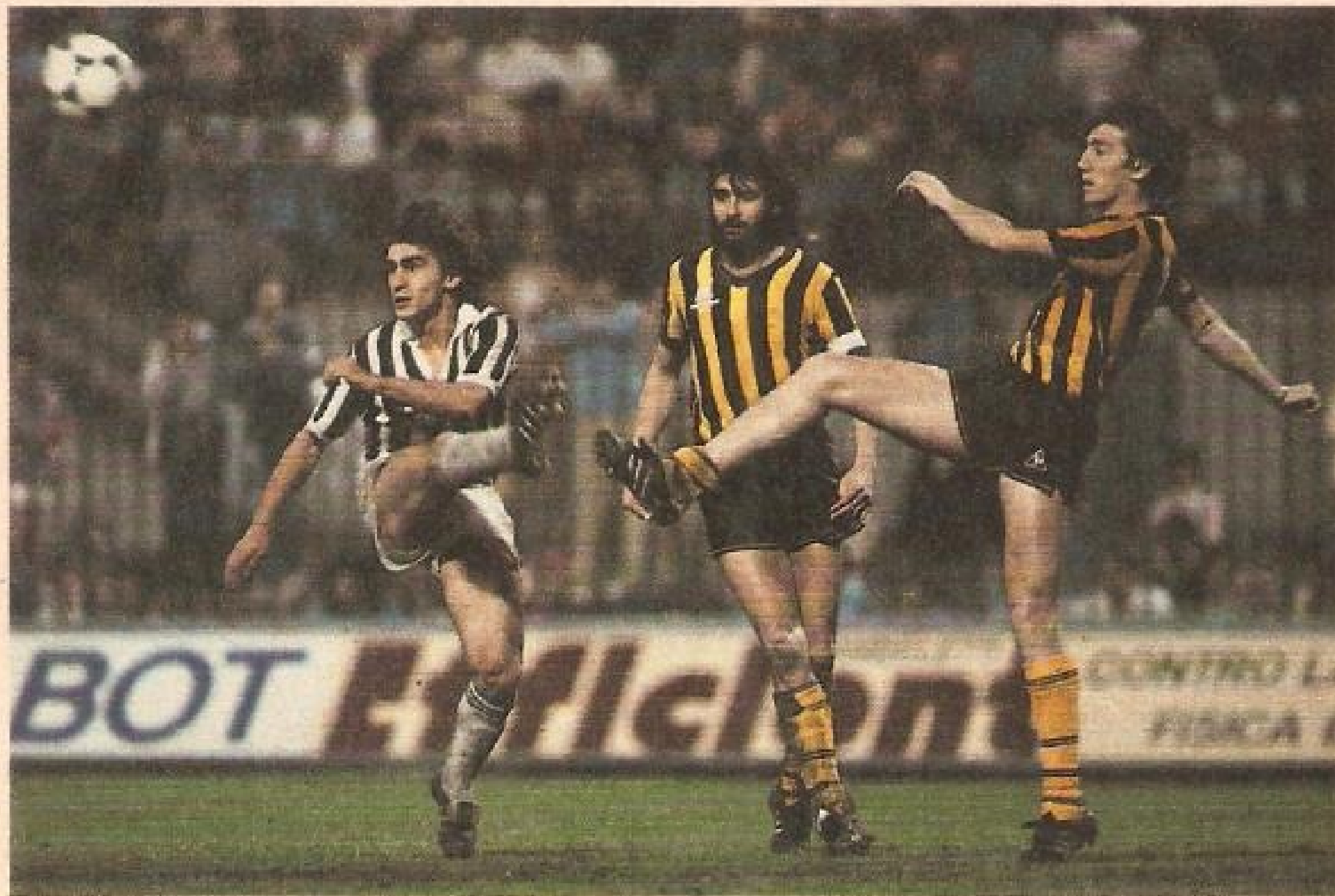
PRÍNCIPE "JAJÁ"
No grupo campeão da Libertadores (1982), o destaque era Jair, ex-Inter

Os torcedores do Peñarol costumam definir o que sentem por seu clube assim: "Somos uma pátria dentro de uma pátria maior chamada Uruguai". Tratando-se de uruguaios, deve-se estender isso também em algum mágico sentido geográfico. Pois, como diz o humorista Luis Fernando Verissimo, os jogadores desse pequeno país costumam entrar em campo sentindo-se um Canadá. O que talvez explique a excepcional quantidade de títulos internacionais do Peñarol — cinco Libertadores e três Mundiais Interclubes.

O clube da maioria dos torcedores uruguaios nasceu em 1891 com o nome de Central Uruguayan Railway Cricket Club. Segundo alguns historiadores, os ingleses que o fundaram usavam o futebol para que os operários não pensassem em greves e movimentos sindicais. Em 1913 — em meio a greves e reivindicações salariais — o clube oficializou a mudança de nome para Peñarol. A agremiação sempre esteve aberta aos negros. E o país agradece. Dos craques que conquistaram o bicampeonato mundial contra o Brasil, em 1950, um era negro — Rodriguez Andrade — e outro era mulato — o capitão Obdúlio Varela.

Na verdade, craques nunca faltaram ao Peñarol. Na base da seleção de 1950 também estava o goleiro

LEMYR MARTINS

MAIS UM XERIFE
Oliveira, líder do início dos anos 80

LEMYR MARTINS

ESCOLA DE GOLEIROS
Do Peñarol para o Galo, Mazurkiewicz

ARMENIO ABASCAL

RECONHECIMENTO
O Peñarol vive jogando amistosos na Europa, como contra a Juventus, em 1983

Máspoli e os atacantes Ghiggia, Miguez e Schiaffino. Na década de 60, quando o clube conquistou dois títulos mundiais, muitos nomes estrangeiros brilharam ao lado de Maidana, Gonçalves, Pedro Rocha, Abbadie e Mazurkiewicz. Entre eles, o paraguaio Lezcano, o peruano Joya, o chileno Figueroa e o centroavante equatoriano Spencer, este o grande destaque dos 2 x 0 com que o Peñarol liquidou o Real Madrid em 1961, na final do Interclubes, na capital espanhola. Este, por sinal, foi o primeiro título mundial de uma equipe sul-americana. O Peñarol repetiria a façanha em 1966 e 1982, aqui com o ex-colorado Jair como estrela.

Em 1987, em meio a uma de suas cíclicas crises financeiras, o clube chegou a ter sua falência decretada pela Justiça. Aí o Peñarol se sentiu de novo do tamanho do Canadá e reagiu. Aliás, pela segunda vez naquele ano, pois tinha conquistado recentemente sua quinta Libertadores.

CLUB ATLÉTICO PEÑAROL

ENDEREÇO: Palacio Contador Gaston Guelfi, Magallanes, 1721, Montevidéu
FUNDAÇÃO: 1891
UNIFORME: camisa preta e amarela em listras verticais; calção preto; meias pretas com dobras amarelas
ESTÁDIO: Centenário (73 600)
TÍTULOS: *39 Campeonatos Nacionais* (1900, 1901, 1905, 1907, 11, 18, 21, 24, 26, 28, 29, 32, 35, 36, 37, 38, 44, 45, 49, 51, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 67, 68, 73, 74, 75, 78, 79, 81, 82, 85, 86); *5 Taças Libertadores* (1960, 61, 66, 68, 87); *3 Campeonatos Mundiais Interclubes* (1961, 66, 82)
GRANDES JOGADORES: Obdulio Varela, Ghiggia, Máspoli, Schiaffino, Maidana, Pedro Rocha, Spencer, Sasia, Ledesma, Mazurkiewicz, Forlan, Lezcano, Joya, Héctor Silva

1900 Este ano o Peñarol conquista seu primeiro título. No ano seguinte, o bi.

1938 O Peñarol, que já havia vencido em 1932, conquista seu primeiro tetracampeonato, um título que irá repetir 30 anos depois.

1961 É o ano do primeiro Campeonato Mundial Interclubes e do bi na Libertadores.

1962 Pela primeira e única vez, o time sagra-se pentacampeão uruguaio.

1966 O time é bicampeão mundial e tri na Libertadores (seria penta em 1968 e 1987).

1982 Montevidéu entra em festa: Peñarol tricampeão mundial, em Tóquio, vencendo o inglês Aston Villa por 2 x 0, gols do brasileiro Jair Gonçalves (o "Príncipe Jajá") e de Charrua.

SELEÇÃO SOVIÉTICA
O Dínamo em 1989/90: campeão nacional e base da Seleção Soviética, com Rats, Belanov, Kuznetsov e Bal

Dínamo OS HERÓIS DA FÁBRICA DE PÃO

A tragédia de um grupo de jogadores durante a 2.ª Guerra Mundial que mudou a trajetória de um clube de futebol

MAIS GOLS E PARTIDAS
O introspectivo Blokhin foi quem mais jogou e mais fez gols pelo Dínamo

SVEN SIMON

Uma tragédia transformou o Dínamo de Kiev num dos times mais importantes e admirados na história do futebol mundial. Um fato real, tratado como lenda por alguns, mas que infelizmente aconteceu no conturbado ano de 1942. Durante a 2.ª Guerra Mundial, o time da principal cidade da Ucrânia (república da União Soviética) era um dos melhores em atividade no país. Seu grande jogador, porém, estava no gol: Trusievich, que, como todos os companheiros, não escapou ao cerco das forças de ocupação nazista da Alemanha de Adolf Hitler e acabou sendo obrigado a fazer trabalhos forçados, prisioneiro numa pequena fábrica de pão da até então tranqüila Kiev.

Começa ali a verdadeira história do Dínamo de Kiev, clube fundado em 1927 mas que só venceu seu primeiro título nacional em 1961. Presos, entregues à própria sorte nos abafados fornos, os jogadores resignaram-se mas continuaram ávidos por jogar futebol. Passaram a disputar peladas num terreno baldio, até que as autoridades alemãs os convocaram para disputar algumas partidas amistosas contra as Forças Armadas Nazistas. O Dínamo foi rebatizado de Starte e, como numa autêntica forra, passou a humilhar todos os times que enfrentava. Goleou os integrantes do Exército germânico por 6 x 0, fez mais uma avalanche de gols sobre a Seleção Húngara do MSG,

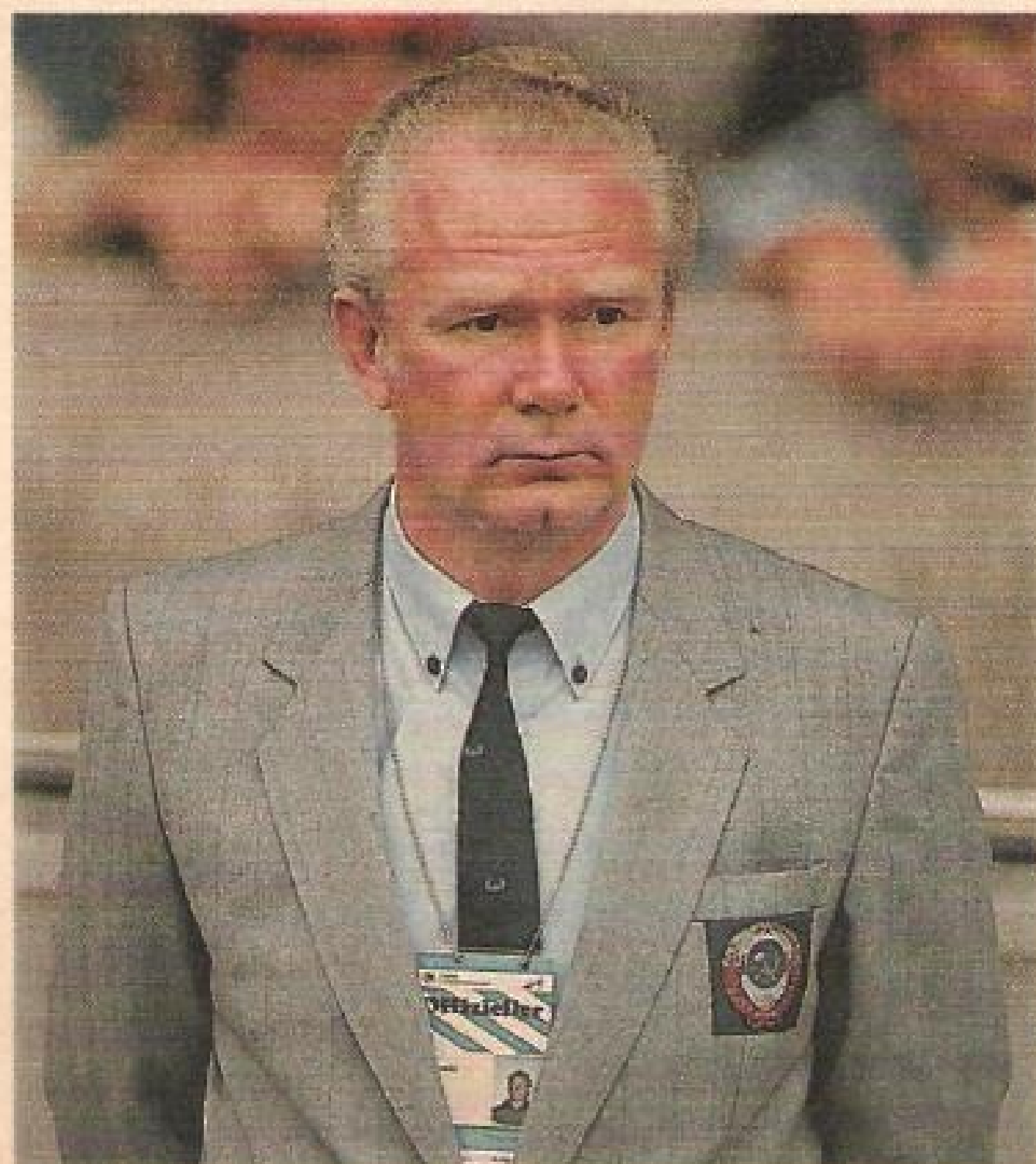
RICHIARDI

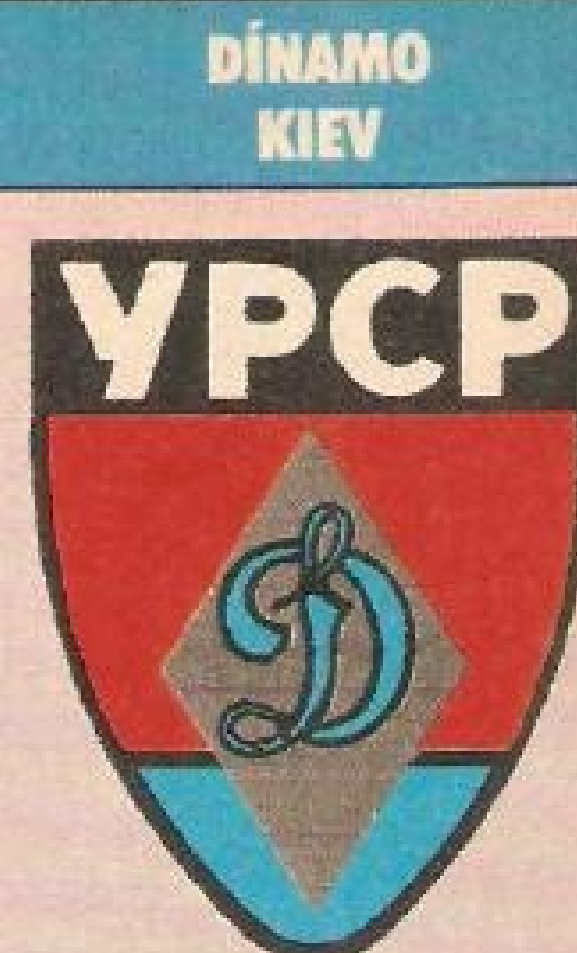
GINGA DE RUSSO
Os tempos são outros. Hoje o Dínamo tem jogadores técnicos, como Bessonov

convocada só para salvar a pátria de companheiros antes massacrados. Na revanche, nova degola: 3 x 2 para os soviéticos. Depois de mais algumas surras e já ovacionados pelos emocionados torcedores locais, o time da fábrica de pão irritou de vez os enlouquecidos alemães. Num ato selvagem e repulsivo, membros das forças ocupacionistas executaram um jogador do Starte num paredão do Babi Lar, espécie de campo de concentração.

Com essa triste história, o Dínamo de Kiev, logo rebatizado após o fim do conflito, passou a ser conhecido e ficou famoso. Ganhou o impulso que faltava para fazer parte da galeria dos grandes clubes. Desde então, venceu treze Campeonatos Nacionais, duas Recopas e uma Supercopa Européia. "Eu sentia orgulho de jogar em Kiev. Me considerava um vingador dos meus ex-companheiros", disse Oleg Blokhin, um dos maiores jogadores do time na década de 80.

Depois dos tiros do Exército alemão, o Dínamo de Kiev cresceu. O clube conseguiu evoluir em sua maneira de ver o futebol. Surgiram craques como o próprio Blokhin, Bessonov, Protassov, Rats, Kuznetsov, Mikhajlicenko e Zavarov. Além de um técnico competente e cheio de idéias novas em termos táticos, Valerie Lobanovskij, um ex-jogador também apaixonado pelo clube. Um sentimento normal para qualquer um que conhece o passado do Dínamo de Kiev, um time que um dia foi o Starte, a equipe da fábrica de pão.

SERGIO SADE

JEITO DE ENXADRISTA
Valerie Lobanovskij armou o esquema tático do Dínamo

DÍNAMO KIEV

ENDEREÇO: ul. Kirova, 3, Kiev
FUNDAÇÃO: 1927
UNIFORME: camisa azul; calção azul; meias azuis
ESTÁDIO: Dínamo Stadium (30 000)
TÍTULOS: *13 Campeonatos Nacionais* (1961, 66, 67, 68, 71, 74, 75, 77, 80, 81, 85, 86, 90); *7 Copas da União Soviética* (1954, 64, 74, 78, 82, 85, 87); *2 Copas das Copas* (1975, 86); *1 Supercopa* (1975)
GRANDES JOGADORES: Khmelnicki, Muntian, Byshovec, Lobanovski, Burijak, Blokhin, Belanov, Mikhajlicenko, Zavarov, Protasov, Kuznetsov

1961 O Dínamo demorou 34 anos para conquistar seu primeiro campeonato nacional, o que aconteceu neste ano.

1968 O sabor de um título foi tão bom que o clube celeste de Kiev chegou ao primeiro tricampeonato de sua história.

1977 O Dínamo este ano não só conquistou um bicampeonato como também aplicou o maior goleada de seus 50 anos de vida: 8 x 0 sobre o Cernomorec (voltaria a repetir este placar em 1983, contra o Dínamo de Kutaisi.

1986 É o terceiro bicampeonato (o segundo aconteceu em 1980/81) e também o ano da conquista da segunda Copa das Copas, competição que já vencera em 1975. Jogavam neste time vencedor craques da envergadura de Kuznetsov, Rats, Belanov e Blokhin.

1990 Depois de quatro anos em jejum, o Dínamo fatura seu último campeonato nacional. Seu atacante Protasov foi um dos artilheiros da competição, com doze gols, ao lado de Shmarov (Spartak).

Tabelão

CAMPEONATO BRASILEIRO

SÉRIE A
FASE CLASSIFICATÓRIA

4.ª RODADA

23/fevereiro/91

SÃO PAULO 1 X FLUMINENSE 0

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Márcio Resende de Freitas (MG); Renda: Cr$ 5 199 500; Público: 4 776; Gol: Rinaldo 24 do 1.º; Cartão amarelo: Válber, Macula, Bobô, Márcio, Bernardo, Luciano, Rinaldo e Antônio Carlos; Expulsão: Zanata 44 do 2.º

SÃO PAULO: Zetti(7), Cafu(6), Antônio Carlos(5), Ronaldo(5) e Leonardo(7); Bernardo(6), Flávio(5) (Zé Teodoro(6)) e Raí(6); Mário Tilico(5), Eliel(4) (Macedo(6)) e Rinaldo(6). Técnico: Telê Santana

FLUMINENSE: Ricardo Pinto(6), Zanata(4), Válber(4), Alexandre Torres(6) e Luciano(5); Marcelo Gomes(5), Renato(6) (Márcio (sem nota)), Macula(5) e Pires(5); Ézio(5) e Bobô(6). Técnico: Gilson Nunes

O JOGO: Com as entradas de Zé Teodoro e Macedo, o ataque do São Paulo ganhou nova vida. O suficiente para derrotar o Flu, que mais uma vez mostrou pouco futebol.

PORTUGUESA 0 X BRAGANTINO 0

Local: Pacaembu (São Paulo); Juiz: João Paulo Araújo (SP); Renda: Cr$ 5 396 000; Público: 4 676; Cartão amarelo: Charles, Pintado, Ivair e Marcelo

PORTUGUESA: Rodolfo Rodriguez(6), Betão(5), Vladimir(5), Henrique(6) e Charles(5); Capitão (6), Cristóvão(6), Lê(5) (Vágner Mancini(sem nota)) e Arnaldo(5) (Tico(5)); Dener(7) e Bentinho(6). Técnico: Otacílio Gonçalves

BRAGANTINO: Marcelo(6), Gil Baiano(7), Júnior(6), Nei(7) e Biro-Biro(5); Pintado(6), Ivair(6), Alberto(6) e João Santos(6); Sílvio(5) e Ronaldo Alfredo(4) (Marco Aurélio(sem nota)). Técnico: Carlos Alberto Parreira

O JOGO: Muita marcação e quase nenhuma criatividade de ambos os lados. A Lusa até que tentou mais, mas esbarrou na firme retaguarda do Bragantino.

BAHIA 2 X FLAMENGO 1

Local: Fonte Nova (Salvador); Juiz: Renato Marsiglia (RS); Renda: Cr$ 9 172 500; Público: 10 044; Gols: Jorginho 4 do 1.º; Naldinho 30 e Gaúcho (pênalti) 35 do 2.º

BAHIA: Ricardo(7), Mailson(6), Jorginho(7), Wágner Basílio(6) e Gléber(5); Paulo Rodrigues(8), Gil(6) e Luís Henrique(7); Naldinho(6), Edemílson(5) (Ronaldo Silva(6)) e Adilt(5) (Mazinho(6)). Técnico: Carlos Gainete

FLAMENGO: Zé Carlos(6), Aílton(7), Adílson(6), Rogério(6) e Piá(4); Júnior(6), Charles(6) e Toninho(5); Paulo César(5) (Alcindo(6)), Nélio(5) (Gaúcho(6)) e Marcelinho(7). Técnico: Wanderley Luxemburgo

O JOGO: Pobre em técnica e motivação. Debaixo de uma temperatura de 35 graus, poucos jogadores conseguiram mostrar bom futebol. O Bahia errou menos e assegurou a primeira vitória no Brasileiro.

24/fevereiro/91

CORINTHIANS 1 X CRUZEIRO 1

Local: Pacaembu (São Paulo); Juiz: Wilson Carlos dos Santos (RJ); Renda: Cr$ 28 828 000; Público: 24 882; Gols: Neto 2 e Charles (pênalti) 41 do 2.º; Cartão amarelo: Marco Antônio Boiadeiro, Charles e Wilson Mano

CORINTHIANS: Ronaldo(6), Giba(7), Marcelo(7), Guinei(5) e Jacenir(6); Wilson Mano(6), Tupãzinho(5) e Neto(7) (Ezequiel(sem nota)); Fabinho(7), Mirandinha(5) (Viola(6)) e Édson(6). Técnico: Nelsinho

CRUZEIRO: Paulo César(6), Balu(6), Paulão(6), Adílson(7) e Nonato(6); Ademir(6), Marco Antônio Boiadeiro(7) e Luís Fernando(7); Hêider(6), Charles(6) e Paulinho(5) (Quirino(sem nota)). Técnico: Evaristo de Macedo

O JOGO: Se ganhou o gol de empate nos minutos finais do jogo de meio de semana contra o Flamengo, pela Libertadores, o Timão foi castigado da mesma forma pelo Cruzeiro. O resultado acabou sendo justo pelo que os dois deixaram de mostrar.

PALMEIRAS 2 X NÁUTICO 0

Local: Parque Antártica (São Paulo); Juiz: José Mocellin (RS); Renda: Cr$ 11 275 000; Público: 9 708; Gols: Eduardo 9 e Careca (pênalti) 34 do 2.º; Cartão amarelo: Freitas, Célio Gaúcho, Galeano, Albéris e Eduardo

PALMEIRAS: Velloso(7), Odair(6), Toninho(6), Eduardo(6) e Albéris(5); Galeano(6), Betinho(6) e Edivaldo(6) (Ranieli(sem nota)); Jorginho(5), Careca(8) (Marcelo(sem nota)) e Erasmo(6). Técnico: Dudu

NÁUTICO: Celso(7), Levi(5), Barros(5), Freitas(5) e Célio Gaúcho(5); Lúcio(5), Müller(5), Augusto(6) (Fábio(sem nota)) e Possi(4) (Lau(sem nota)); Newton(6) e Bizu(5). Técnico: Charles Muniz

O JOGO: Depois de amarrado durante todo o primeiro tempo, o Palmeiras conseguiu furar o bloqueio adversário graças à boa atuação do atacante Careca. O Náutico bem que tentou segurar o resultado, mas teve uma atuação sofrível.

BOTAFOGO 2 X VITÓRIA 0

Local: Caio Martins (Niterói); Juiz: Ílton José da Costa (SP); Renda: Cr$ 6 273 000; Público: 6 216; Gols: Renato 18 do 1.º; Vivinho 10 do 2.º; Cartão amarelo: Paulo Róbson e Amando

BOTAFOGO: Ricardo Cruz(6), Vanderlei(7), Gílson Jáder(7), André(5) e Jefferson(sem nota) (Sandro Leite(5)); Pingo(5), Sandro(8) e Juninho(6); Renato(8), Marcelo(5) (Pichetti(6)) e Vivinho(6). Técnico: Valdir Espinosa

VITÓRIA: Ronaldo(7), Jairo(5), Admaron(4), Dema(4) e Paulo Róbson(5); Cacau(4) (Dico Maradona(4)), Tóbi(4) e Luís Carlos(5); Amando(4), Júnior(4) e André Carpes(4). Técnico: Pedro Pires de Toledo

O JOGO: Importante vitória do Botafogo, já que atuou desfalcado de meio time. No momento, é o melhor dos cariocas.

ATLÉTICO-MG 1 X GRÊMIO 0

Local: Mineirão (Belo Horizonte); Juiz: José Aparecido de Oliveira (SP); Renda: Cr$ 7 704 450; Público: 14 502; Gol: Marquinhos 9 do 1.º; Cartão amarelo: Alfinete, Tobias, Amauri, Chiquinho, João Marcelo, Paulo Roberto e Donizete

ATLÉTICO-MG: Carlos(6), Alfinete(4), Cléber(6), Tobias(3) e Paulo Roberto(5); Éder Lopes(5), Amauri(4) (Paulo Sérgio(sem nota)), Moacir(5) e Marquinhos(6); Sérgio Araújo(6) e Gérson(5). Técnico: Jair Pereira

GRÊMIO: Sidmar(4), Chiquinho(5), João Marcelo(5), Vílson(5) e Marquinhos(5); Norberto(4) (Caio(5)), Donizete(5) e Assis(5); Maurício(6), Nílson(6) e Darci(5). Técnico: Cláudio Duarte

O JOGO: Se o Atlético não marcou mais gols, pelo pouco futebol que apresentou, o Grêmio também não mereceu o impate. Os gaúchos desperdiçaram todo o espaço que o Galo cedia.

INTER 2 X ATLÉTICO-PR 0

Local: Beira-Rio (Porto Alegre); Juiz: Dalmo Bozzano (SC); Renda: Cr$ 16 074 100; Público: 15 388; Gols: Cuca 7 e Helcinho 10 do 2.º; Cartão amarelo: Márcio Santos, Cuca, Odemílson, Valdir e Batista; Expulsão: Helcinho 1 do 2.º

INTERNACIONAL: Maizena(7), Luiz Carlos Winck(7), Célio(8), Márcio Santos(9) e Ricardo(7); Bonamigo(7), Simão(8) e Cuca(8); Alex(4) (Luís Fernando(7)), Hamílton(7) e Helcinho(6). Técnico: Ênio Andrade

ATLÉTICO-PR: Rafael(6), Jorge Luís(6), Batista(6), Leonardo(6) e Odemílson(4); Valdir(7), Luís Carlos Martins(7) e André(6); Carlinhos(5), Tico(4) (Éder Antunes(4)) e Éder(6). Técnico: Procópio Cardoso

O JOGO: O Inter fez 2 x 0 logo no início do segundo tempo e Luiz Carlos Winck ainda perdeu um pênalti. Depois, com um homem a menos, tratou de se defender.

GOIÁS 2 X VASCO 2

Local: Serra Dourada (Goiânia); Juiz: Joaquim Gregório dos Santos (CE); Renda: Cr$ 22 628 500; Público: 22 739; Gols: Aguinaldo 41 do 1.º; Túlio 11, Júnior 21 e 29 do 2.º; Cartão amarelo: Túlio, Lira, França e Jorge Luís; Expulsão: Wilson 25 do 2.º

GOIÁS: Eduardo(7), Wilson(4), Bôni(5), Jorge Batata(5) e Lira(6); Dalton(8), Wallace(5) (Rubens Carlos(sem nota)) e Luvanor(5); Niltinho(5), Túlio(7) e Aguinaldo(7) (Josué(sem nota)). Técnico: Formiga

VASCO: Acácio(6), Ayupe(7), Tozin(6), Jorge Luís(5) e Eduardo(6); Zé do Carmo(7), Róberson(6) (Dedé(sem nota)) e França(6); Sorato(6) (Ânderson(7)), Júnior(8) e William(7). Técnico: Antônio Lopes

O JOGO: O Vasco aproveitou-se da euforia precipitada do Goiás, que chegou facilmente aos 2 a 0. Empatou e por pouco não ganha.

25/fevereiro/91

SANTOS 3 X SPORT 1

Local: Vila Belmiro (Santos); Juiz: José Roberto Wright (RJ); Renda: Cr$ 6 986 000; Público: 6 623; Gols: Hélio 30 e Paulinho 43 do 1.º; Luís Carlos 23 e Sérgio Santos 42 do 2.º; Cartão amarelo: Luís Carlos e Marcus Vinícius

SANTOS: Newton(6), Índio(7) (Marcelo Veiga(5)), Pedro Paulo(6), Luís Carlos(6) e Flavinho(5); César Sampaio(6), Zé Renato(6) (Sérgio Santos(6)) e Edu(6); Almir(5), Paulinho(6) e Gláucio(5). Técnico: Cabralzinho

SPORT: Paulo Victor(6), Lopes(6), Aílton(6), Assis(5) e Givaldo(5); Ataíde(6) (Sérgio Alves(sem nota)), Agnaldo(5) e Marcus Vinícius(5); Neco(5) (Mirandinha(sem nota)), Hélio(6) e Tato(7). Técnico: Roberto Brida

O JOGO: O Santos vai se tornando especialista em viradas. Desta vez a vítima foi o Sport, que, mesmo bem armado, não resistiu ao ímpeto do Peixe no segundo tempo.

5.ª RODADA

2/março/91

VASCO 0 X CORINTHIANS 1

Local: São Januário (Rio de Janeiro); Juiz: Renato Marsiglia (RS); Renda: Cr$ 13 852 000; Público: 12 245; Gol: Giba 28 do 2.º; Cartão amarelo: Dedé, Eduardo e Márcio

VASCO: Acácio(6), França(6), Dedé(6), Jorge Luís(7) e Eduardo(5); Zé do Carmo(5), Luisinho(5) e Tosin(5) (Róberson(5)); Júnior(5), Bebeto(6) (Sorato(5)) e William(6). Técnico: Antônio Lopes

CORINTHIANS: Ronaldo(7), Giba(7), Marcelo(7), Guinei(5) e Jacenir(6); Márcio(8), Wilson Ma-

R.T. FASANELLO

Márcio arranca e deixa o vascaíno Eduardo para trás: é a vitória corintiana

no(7) e Neto(6) (Édson(sem nota)); Fabinho(6). Mirandinha(6) (Paulo Sérgio(6)) e Mauro(6). Técnico: Nelsinho

O JOGO: O Vasco começou bem, disposto a liquidar a partida no início. Mas tropeçou na incompetência de seus jogadores e no excelente entrosamento do Corinthians.

PALMEIRAS 2 X GOIÁS 1

Local: Parque Antártica (São Paulo); Juiz: Márcio Resende de Freitas (MG); Renda: Cr$ 7 894 000; Público: 6 552; Gols: Túlio 27 do 1.º; Careca 6 e 28 (pênalti) do 2.º; Cartão amarelo: Cacau, Jorge Batata, Richard e Careca

PALMEIRAS: Velloso(6), Odair(7), Toninho(7), Eduardo(6) e Biro(6); Galeano(6), Edivaldo(5) (Marcelo(sem nota)) e Betinho(6); Jorginho(6) (Ranieli(sem nota)), Careca(6) e Erasmo(6). Técnico: Dudu

GOIÁS: Eduardo(7), Rubens Carlos(6), Bôni(sem nota) (Vladimir(5)), Jorge Batata(6) e Richard(6); Dalton(6), Wallace(6) e Luvanor(6); Cacau(7), Túlio(6) e Josué(5) (Formiga(sem nota)). Técnico: Formiga

O JOGO: Era impossível para o Palmeiras superar o correto Goiás com o ponta Edivaldo improvisado erroneamente no meio-campo. Feita a alteração tática no intervalo, o Palmeiras voltou outro e virou o jogo com categoria.

3/março/91

SÃO PAULO 2 X ATLÉTICO-PR 1

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Manoel Serapião Filho (BA); Renda: Cr$ 5 881 500; Público: 5 445; Gols: Cafu 3, Raí 16 e Tico 40 do 2.º; Cartão amarelo: Zé Teodoro, Bernardo, André, Éder, Fernando e Heraldo

SÃO PAULO: Zetti(8), Zé Teodoro(7), Antônio Carlos(6), Ricardo Rocha(8) (Ronaldo(5)) e Leonardo(7); Bernardo(6), Cafu(7), Raí (7) e Rinaldo(6); Macedo(8) e Eliel(5) (Márcio Flores(7)). Técnico: Telê Santana

ATLÉTICO-PR: Rafael(7), Jorge Luís(6), Heraldo(6), Fião(5) e Odemílson(6); Fernando(5), Luís Carlos Martins(6), Valdir(6) e Éder(5) (Tico(6)); Carlinhos(6) (Ratinho(sem nota)) e André(6). Técnico: Procópio Cardoso

O JOGO: Valeu mais pelo segundo tempo, quando o São Paulo desencantou e conseguiu os dois gols que lhe deram a vitória. O Atlético Paranaense parece estar perdendo o fôlego que o levou à liderança nas primeiras rodadas.

BRAGANTINO 1 X INTER 1

Local: Marcelo Stefani (Bragança Paulista); Juiz: Wilson Carlos dos Santos (RJ); Renda: Cr$ 5 094 000; Público: 4 514; Gols: Paulinho Criciúma 8 e Alberto 11 do 2.º; Cartão amarelo: Luiz Carlos Winck, Ricardo, Paulinho Criciúma e Júlio

BRAGANTINO: Marcelo(7), Gil Baiano(6), Júnior(6), Nei(6) e Biro-Biro(7); Mauro Silva(6), Pintado(6) e Alberto(8); Mazinho(8), Sílvio(5) (Valmir(6)) e João Santos(6). Técnico: Carlos Alberto Parreira

INTERNACIONAL: Maizena(8), Luiz Carlos Winck(7), Célio(6), Márcio Santos(7) e Ricardo(5) (Daniel(6)); Bonamigo(6), Paulinho Criciúma(7) e Simão(sem nota) (Júnior(6)); Zé Carlos(7), Hamílton(7) e Luís Fernando(8). Técnico: Ênio Andrade

O JOGO: Um belo espetáculo. O bem armado Inter conseguia imobilizar o Bragantino, saindo na frente. Com a pressão posterior do time da casa, o resultado acabou sendo justo.

FLUMINENSE 2 X GRÊMIO 0

Local: Laranjeiras (Rio de Janeiro); Juiz: Joaquim dos Santos Filho (CE); Renda: Cr$ 5 166 000; Público: 5 166; Gols: Ézio 5 e 36 do 1º.; Cartão amarelo: Renato, Norberto, Vílson e Alexandre Torres; Expulsão: Donizete e Macula 39 do 1º.

FLUMINENSE: Ricardo Pinto(6), Dago(6), Válber(6), Alexandre Torres(7) e Mário Xavier(5); Pires(6), Macula(5), Marcelo Gomes(6) e Renato(6) (Rangel(sem nota)); Bôbo(8) e Ézio(8). Técnico: Gílson Nunes

GRÊMIO: Sidmar(7), Chiquinho(5), Flávio(5), Vílson(4) e Marquinhos(5); Norberto(5), Donizete(5) e João Antônio(5) (Biro-Biro(4)); Maurício(6), Nílson(5) e Darci(5) (Paulo Egídio(6)). Técnico: Cláudio Duarte

O JOGO: Justa vitória do Flu, que construiu o placar ainda no primeiro tempo. Atacando de forma desconexa, o Grêmio ainda propiciou perigosos contra-ataques aos cariocas.

BAHIA 0 X BOTAFOGO 0

Local: Fonte Nova (Salvador); Juiz: Aristóteles Cantalice (PE); Renda: Cr$ 46 804 000; Público: 45 592; Cartão amarelo: Gil, Pingo e Renato

BAHIA: Ricardo(7), Mailson(8), Jorginho(7), Wágner Basílio(6) e Gléber(5); Paulo Rodrigues(7), Gil(6) e Luís Henrique(7); Naldinho(8), Edmílson(6) (Ronaldo Silva(5)) e Mazinho(6) (Marquinhos(sem nota)). Técnico: Carlos Gainete

BOTAFOGO: Ricardo Cruz(7), Paulo Roberto(7), Gílson Jáder(6), André(sem nota) (Sandro(6)) e Renato Martins(4); Carlos Alberto(8), Juninho(7) e Pingo(6); Renato(5), Vivinho(6) e Pichetti(6). Técnico: Valdir Espinosa

O JOGO: Bom nos primeiros 45 minutos, quando o Botafogo acreditou que podia ganhar. Depois, com a queda de ritmo e movimentação, a torcida vaiou durante todo o resto do tempo.

VITÓRIA 0 X CRUZEIRO 0

Preliminar de Bahia x Botafogo; Cartão amarelo: Ronaldo, Missinho, Júnior, Admaron, Luís Fernando e Charles

VITÓRIA: Ronaldo(9), Jairo(6), Admaron(5), Missinho(8) e Paulo Róbson(6) (Beto(6)); Cacau(7), Luís Carlos(5) e Tóbi(7); André Carpes(6) (Galo(4)), Júnior(6) e Antônio Carlos(7). Técnico: Pedro Pires de Toledo

CRUZEIRO: Paulo César(7), Balu(7) Paulão(6), Ademir(6) e Nonato(5); Rogério(6), Luís Fernando(7) e Ramón(6); Héider(5), Charles(7) e Marcinho(7) (Paulinho(sem nota)). Técnico: Evaristo de Macedo

O JOGO: Bem disputado, sem excesso de preocupação defensiva, dando muito trabalho aos goleiros. Poderia ter terminado com muitos gols, dada a movimentação das duas equipes.

SPORT 0 X ATLÉTICO-MG 0

Local: Ilha do Retiro (Recife); Juiz: João Paulo Araújo (SP); Renda: Cr$ 7 431 150; Público: 9 426; Cartão amarelo: Agnaldo, Ataíde, Paulo Roberto, Edu Paulista e Gérson

SPORT: Paulo Victor(7), Marquinhos(6), Assis(7), Ailton(7) e Gilmar(7); Agnaldo(6), Ataíde(6) e Alencar(6) (Sérgio Alves(sem nota)); Neco(6) (Mirandinha(sem nota)), Hélio(7) e Tato(7). Técnico: Roberto Brida

ATLÉTICO-MG: Carlos(7), Alfinete(6), Cléber(7), Paulo Sérgio(7) e Paulo Roberto(6); Éder Lopes(7), Moacir(6) e Edu Paulista(6) (De Matos(sem nota)); Sérgio Araújo(7), Gérson(6) e Edu Lima(5) (Mauro(sem nota)). Técnico: Jair Pereira

O Sport entrou em campo disposto a conseguir sua primeira vitória no campeonato, mas acabou esbarrando no bem postado time do Atlético. Como consolo, comemorou o primeiro ponto na competição.

NELSON COELHO

Aproveitando a queda do Atlético-PR, o São Paulo de Macedo faturou: 2 x 1

4/março/91

FLAMENGO 1 X NÁUTICO 0

Local: Gávea (Rio de Janeiro); Juiz: Dalmo Bozzano (SC); Renda: Cr$ 5 000 000; Público: 5 000; Gol: Paulo Nunes 39 do 2.º; Cartão amarelo: Alcindo e Nivaldo

FLAMENGO: Zé Carlos(7), Ailton(6), Adílson(5), Rogério(5) e Piá(5); Júnior(8), Marquinhos(7) e Charles(6) (Toninho(6)); Marcelinho(7), Nélio(5) (Paulo Nunes(5)) e Alcindo(6). Técnico: Wanderley Luxemburgo

NÁUTICO: Celso(7), Cafezinho(5), Freitas(6), Barros(6) e Roberto(6); Lúcio Surubim(5), Augusto(6) (Gena(5)) e Müller(6); Newton(6), Róbson(5) (Nivaldo(sem nota)) e Possi(4). Técnico: Charles Muniz

O JOGO: Alguns momentos bons para o Flamengo, quando o time mostrou um futebol lúcido e de muita técnica. Em outros, foi medíocre, sem nenhuma objetividade e com toques excessivos. Se o Náutico fosse mais corajoso no ataque, poderia ter complicado.

Obs.: Santos e Portuguesa deveriam jogar na segunda-feira, 4 de março, completando a rodada. Mas as chuvas que encharcaram a Vila Belmiro adiaram a partida.

6.ª RODADA

6/março/91

BOTAFOGO 0 X GOIÁS 0

Local: Caio Martins (Niterói); Juiz: Renato Marsiglia (RS); Renda: Cr$ 6 657 000; Público: 6 591; Cartão amarelo: Pichetti, Eduardo, Lira, Fagundes e Luvanor

BOTAFOGO: Ricardo Cruz(7), Vanderlei(6), Gílson Jáder(7), De León(7) e Pichetti(7); Carlos Alberto(6), Sandro(6) e Juninho(5); Renato(6) (Dejair(5)), Vivinho(4) e Valdeir(6). Técnico: Valdir Espinosa

GOIÁS: Eduardo(7), Rubens Carlos(6), Jorge Batata(7), Richard(7) e Lira(6); Dalton(7), Wallace(6) (Wilson(5)), Fagundes(7) e Luvanor(7); Niltinho(5) (Cacau(5)) e Aguinaldo(6). Técnico: Formiga

O JOGO: Desfalcado de vários titulares, o Botafogo não teve forças para superar o Goiás. O jogo foi realizado à tarde, e o sol mais o forte calor facilitaram o esquema goiano na manutenção do empate.

FLUMINENSE 2 X BAHIA 0

Local: Laranjeiras (Rio de Janeiro); Juiz: Carlos Alberto Muniz Valente (ES); Renda: Cr$ 7 146 000; Público: 7 146; Gols: Ézio 32 do 1.º; Dago 9 do 2.º; Cartão amarelo: Vágner, Julinho, Mailson, Renato, Pires e Márcio

FLUMINENSE: Ricardo Pinto(9), Zanata(6), Válber(6), Alexandre Torres(6) e Luciano(sem nota) (Dago(7)), Pires(6), Marcelo Gomes(6), Julinho(6) e Renato(6); Bobô(8) (Márcio(sem nota)) e Ézio(7). Técnico: Gílson Nunes

BAHIA: Ricardo(6), Mailson(5), Jorginho(5), Wágner Basílio(5) e Cléber(4); Paulo Rodrigues(7), Gil(5) e Luís Henrique(5); Naldinho(6), Ronaldo(5) e Mazinho(5) (Marquinhos(sem nota)). Técnico: Carlos Gainete

O JOGO: Indiscutível vitória do Fluminense, valorizada pela valente atuação do Bahia. Uma noite notável do goleiro Ricardo Pinto.

VITÓRIA 0 X VASCO 1

Local: Fonte Nova (Salvador); Juiz: Édson Rezende de Oliveira (DF); Renda: Cr$ 6 014 500; Público: 7 010; Gol: Sorato 40 do 1.º; Cartão amarelo: Jorge Luís, Eduardo, William e Beto; Expulsão: França 33 do 2.º

VITÓRIA: Ronaldo(7), Jairo(8), Missinho(6), Beto(6) e Fia(5); Cacau(6) (Galo(3)), Tóbi(7), Aguinaldo(5) e Luís Carlos(6); André Carpes(5) (Benjy(2)) e Antônio Carlos(5). Técnico: Pedro Pires de Toledo

VASCO: Acácio(7), França(5), Dedé(6), Jorge Luís(7) e Eduardo(6); Zé do Carmo(6), Luisinho(6) e Bebeto(6) (Ânderson(sem nota)); Sorato(7), Sidney(5) e William(6). Técnico: Antônio Lopes

O JOGO: O gol vascaíno só surgiu graças a uma falha da defesa do Vitória. Não fosse isso, os dois jogariam a vida inteira sem marcar, numa partida pobre de técnica e tática.

CORINTHIANS 2 X SANTOS 0

Local: Pacaembu (São Paulo); Juiz: José Aparecido de Oliveira (SP); Renda: Cr$ 22 298 000; Público: 17 761; Gols: Mirandinha 17 do 1.º; Neto 7 do 2.º; Cartão amarelo: Mauro, Guinei, Pedro Paulo, Mirandinha, Neto e Ronaldo; Expulsão: Flavinho 46 do 1.º; Jacenir 26 e Márcio 49 do 2.º

CORINTHIANS: Ronaldo(9), Giba(6), Marcelo(8), Guinei(5) e Jacenir(6); Márcio(6), Wilson Mano(6) e Neto(8) (Ezequiel(sem nota)); Fabinho(7), Mirandinha(7) (Paulo Sérgio(sem nota)) e Mauro(5). Técnico: Nelsinho

SANTOS: Sérgio(7), Marcelo Veiga(6), Pedro Paulo(5) (Camilo(sem nota)), Luís Carlos(6) e Flavinho(7); César Sampaio(6), Zé Renato(6) e Sérgio Manoel(6); Almir(7), Paulinho(6) e Gláucio(5) (Sérgio Santos(5)). Técnico: Cabralzinho

O JOGO: Vinte e três anos depois do fim de um tabu histórico, quando o Timão venceu o Santos após onze anos, repetiu-se o marcador, mas inverteram-se os papéis. O Santos pressionou, chutou na trave e até perdeu pênalti. Mas faltava Pelé, e no fim deu mesmo Corinthians.

NÁUTICO 2 X SÃO PAULO 1

Local: Aflitos (Recife); Juiz: Wilson Carlos dos Santos (RJ); Renda: Cr$ 5 310 000; Público: 6 171; Gols: Bizu 23 do 1.º; Levi 31 e Raí (pênalti) 34 do 2.º; Cartão amarelo: Barros e Vítor

NÁUTICO: Celso(7), Levi(6), Bar-

Portuguesa 0 x Bragantino 0: um jogo de muita marcação durante todo o tempo

ros(6), Freitas(6) e Roberto(6) (Fábio Henrique(sem nota)); Lúcio Surubim(7), Müller(6) e Augusto(7); Newton(6), Bizu(7) e Possi(5) (Nivaldo(5)). Técnico: Charles Muniz

SÃO PAULO: Zetti(5), Zé Teodoro(6), Antônio Carlos(5), Ricardo Rocha(5) e Leonardo(6); Cafu(6), Bernardo(6) e Raí(6); Vítor(6) (Márcio Flores(sem nota)), Macedo(5) e Rinaldo(5) (Elivélton(5)). Técnico: Telê Santana

O JOGO: O Náutico soube tirar proveito da displicência do adversário, que por pouco não deixou o Recife derrotado por uma diferença maior de gols.

CRUZEIRO 1 X BRAGANTINO 3

Local: Mineirão (Belo Horizonte); Juiz: Cláudio Gonçalves Garcia (RJ); Renda: Cr$ 9 831 950; Público: 17 638; Gols: Pintado 7, Mazinho 19, Alberto 24 e Nei (contra) 26 do 1.º; Cartão amarelo: Nei, Alberto, Valmir e Sílvio

CRUZEIRO: Paulo César(3), Balu(4), Paulão(4) (Rogério Lage(5)), Andrade(4) e Nonato(5); Ademir(6); Marco Antônio Boiadeiro(5) e Luís Fernando(4); Héider(5), Ramón(5) e Marcinho(5) (Luís Gustavo (sem nota)). Técnico: Evaristo de Macedo

BRAGANTINO: Marcelo(6), Gil Baiano(6), Júnior(6), Nei(5) e Biro-Biro(5); Mauro(6), Pintado(6) e Alberto(5); Mazinho(7), Sílvio(6) (Ronaldo Alfredo(sem nota)) e João Carlos(5) (Valmir(sem nota)). Técnico: Carlos Alberto Parreira

O JOGO: Sem força ofensiva, o Cruzeiro só deu bobeira na partida. O Bragantino, bem arrumado em campo, não desperdiçou as chances que teve.

SPORT 1 X INTERNACIONAL 0

Local: Ilha do Retiro (Recife); Juiz: Manoel Serapião Filho (BA); Renda: Cr$ 6 413 650; Público: 7 798; Gol: Hélio 19 do 1.º; Cartão amarelo: Marquinhos, Assis, Ataíde e Neco

SPORT: Paulo Victor(7), Marquinhos(6), Assis(6), Aílton(6) e Gilmar(6); Agnaldo(7), Ataíde(6) e Alencar(6); Neco(7), Hélio(8) (Sérgio Alves(5)) e Tato(6) (Lopes(sem nota)). Técnico: Roberto Brida

INTERNACIONAL: Maisena(7), Célio Lino(6), Célio Silva(6), Márcio Santos(6) e Daniel(6); Júlio(6) (Élcio(sem nota), Cuca(6) e Bonamigo(5); Zé Carlos(6), Hamilton(6) (Paulinho Criciúma(5)) e Luís Fernando(6). Técnico: Ênio Andrade

O JOGO: O Sport precisava desesperadamente da vitória para esfriar os ânimos de sua torcida. Vencer o então líder do campeonato, o Inter, foi o bastante para isso.

7/março/91

PALMEIRAS 2 X FLAMENGO 0

Local: Parque Antártica (São Paulo); Juiz: José Roberto Wright (RJ); Renda: Cr$ 20 262 000; Público: 17 511; Gols: Careca (pênalti) 25 e Odair 42 do 2.º; Cartão amarelo: Marquinhos

PALMEIRAS: Velloso(7), Odair(7), Toninho(6), Eduardo(6) e Biro(5); Galeano(5), Edivaldo(4) (Júnior(5)) e Betinho(4); Jorginho(3) (Ranielli(5)), Careca(8) e Erasmo(6). Técnico: Dudu

FLAMENGO: Zé Carlos(6), Aílton(6), Adílson(5), Rogério(6) e Dida(5); Júnior(7), Charles(6) e Alcindo(5) (Paulo Nunes(sem nota)); Nélio(5), Marcelinho(6) e Marquinhos(5) (Paulo César(sem nota)). Técnico: Wanderley Luxemburgo

O JOGO: Depois de oito anos, o Palmeiras venceu a bem armada equipe do Flamengo, que teve como destaque o veterano Júnior. Mas a estrela da noite foi o atacante Careca, com um gol de pênalti e um extraordinário passe para o segundo gol, marcado pelo lateral Odair.

GRÊMIO 1 X PORTUGUESA 1

Local: Olímpico (Porto Alegre); Juiz: Léo Feldman (RJ); Renda: Cr$ 8 453 000; Público: 8 142; Gols: Maurício 11 do 1.º; Vágner Mancini 10 do 2.º; Cartão amarelo: Caio, Flávio, Marquinho, Bentinho e Henrique; Expulsão: Darci 38 do 2.º

GRÊMIO: Gomes(6), China(7), João Marcelo(7), Flávio(6) e Marquinhos(6); Norberto(7), Darci(7) e Caio(7); Maurício(8), Nílson(5) e Assis (sem nota) (Paulo Egídio(5)). Técnico: Cláudio Duarte

PORTUGUESA: Rodolfo Rodrigues(7), Betão(7), Vladimir(6), Henrique(7) e Charles(5); Capitão(6), Cristóvão(6) e Vágner Mancini(8); Denner(7), Bentinho(6) e Arnaldo(7). Técnico: Otacílio Gonçalves

O JOGO: Contra um Grêmio incomodado pela péssima colocação na tabela, a Portuguesa não se assustou. Soube conter o desespero adversário e fez por merecer o empate.

ATLÉTICO-MG 1 X ATLÉTICO-PR 0

Local: Independência (Belo Horizonte); Juiz: Ílton José da Costa (SP); Renda: Cr$ 11 257 000; Público: 13 899; Gols: Moacir 12 do 1.º; Edu 35 do 2.º; Cartão amarelo: Carlinhos, Jorge Luís, Moacir e Alfinete

ATLÉTICO-MG: Carlos(6), Alfinete(4), Cléber(5), Tobias(3) e Gérson Américo(3); Éder Lopes(5), Moacir(6) (Amauri (4)) e Marquinhos(5); Sérgio Araújo(6), Gérson(4) e Edu(6). Técnico: Jair Pereira

ATLÉTICO-PR: Rafael(8), Jorge Luís(4), Batista(5), Heraldo(5) e Odemílson(5); Valdir(5), Luís Carlos Martins(4) e André(5); Carlinhos(3) (Ratinho(4)), Tico(5) e Serginho(5). Técnico: Procópio Cardoso

O JOGO: O Galo dominou no primeiro tempo, fez um gol e ficou esperando o adversário sair para o jogo. Depois partiu em contra-ataques rápidos e liquidou a fatura em um deles.

7.ª RODADA

9/março/91

SÃO PAULO 1 X BAHIA 0

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: José Mocellin (RS); Renda: Cr$ 5 697 500; Público: 5 620; Gol: Macedo 8 do 1.º; Cartão amarelo: Gléber e Wágner Basílio

SÃO PAULO: Zetti(6), Zé Teodoro(6), Antônio Carlos(6), Ricardo Rocha(7) e Leonardo(6); Cafu(6), Bernardo(7), Raí(5) e Rinaldo(5) (Elivélton(6)); Vítor(5) (Sídnei(sem nota)) e Macedo(6). Técnico: Telê Santana

BAHIA: Ricardo(7), Mailson(5), Jorginho(7), Wágner Basílio(5) e Gléber(5); Paulo Rodrigues(7), Gil(4) (Marquinhos(5)), Luís Henrique(6) e Lima(5); Naldinho(6) e Ronaldo(4) (Adil(sem nota)). Técnico: Carlos Gainete

O JOGO: Apesar da boa presença ofensiva do time baiano, que chutou até bola na trave são-paulina, o tricolor paulista foi superior. Ganhou o jogo e um novo astro, o atacante Macedo, que vai se firmando entre os titulares graça a seu oportunismo.

INTER 1 X CORINTHIANS 1

Local: Beira-Rio (Porto Alegre); Juiz: Márcio Resende de Freitas (MG); Renda: Cr$ 23 370 200; Público: 21 679; Gols: Lima 32 e Neto (pênalti) 49 do 2.º; Cartão amarelo: Júlio, Lima, Luís Fernando, Tupãzinho, Giba e Neto; Expulsão: Mauro e Cuca 33 do 2.º

INTERNACIONAL: Maisena (7), Luiz Carlos Winck(8), Célio(7), Márcio Santos(7) e Daniel(8); Bonamigo(9), Cuca(8) e Júlio(5) (Helcinho (5)); Alex(6) (Zé Carlos(6)), Lima(7) e Luís Fernando(6). Técnico: Ênio Andrade

CORINTHIANS: Ronaldo(7), Giba(7), Marcelo(8), Guinei(7) (Jairo(7)) e Betinho(4); Wilson Mano(6), Tupãzinho(7) e Neto(7); Fabinho(7), Mirandinha(5) (Paulo Sérgio(4)) e Mauro(4). Técnico: Nelsinho

O JOGO: Foi uma ótima partida. Muita movimentação, aplicação tática e alguma violência. O Inter foi melhor mas cedeu o empate num pênalti quatro minutos depois do tempo regulamentar.

FLAMENGO 1 X SANTOS 0

Local: Caio Martins (Niterói); Juiz: Manoel Serapião Filho (BA); Renda: Cr$ 5 591 000; Público: 5 862; Gol: Nélio 34 do 1.º; Cartão amarelo: Sérgio Manoel, Júnior, Edu, Marquinhos e César Sampaio

FLAMENGO: Zé Carlos(7), Aílton(6), Adílson(5), Wilson Gottardo(8) e Dida(5); Charles(7), Júnior(7), Marcelinho(6) e Marquinhos(6) (Toninho(5)); Alcindo(4) (Paulo Nunes(4)) e Nélio(8). Técnico: Wanderley Luxemburgo

SANTOS: Sérgio(7), Armstrong(3), Camilo(6), Rogério(5) (Sérgio Santos(4)) e Marcelo Veiga(7); César Sampaio(7), Edu(6), Zé Renato(6) e Sérgio Manoel(8); Almir(8) e Paulinho(6). Técnico: Cabralzinho

O JOGO: Enquanto o Santos continua reclamando da sorte (é o segundo jogo consecutivo em que apresenta volume de jogo mas não marca), o Flamengo mostrou pelo menos vontade de fugir das últimas colocações. Por isso o resultado acabou sendo justo.

VASCO 1 X SPORT 1

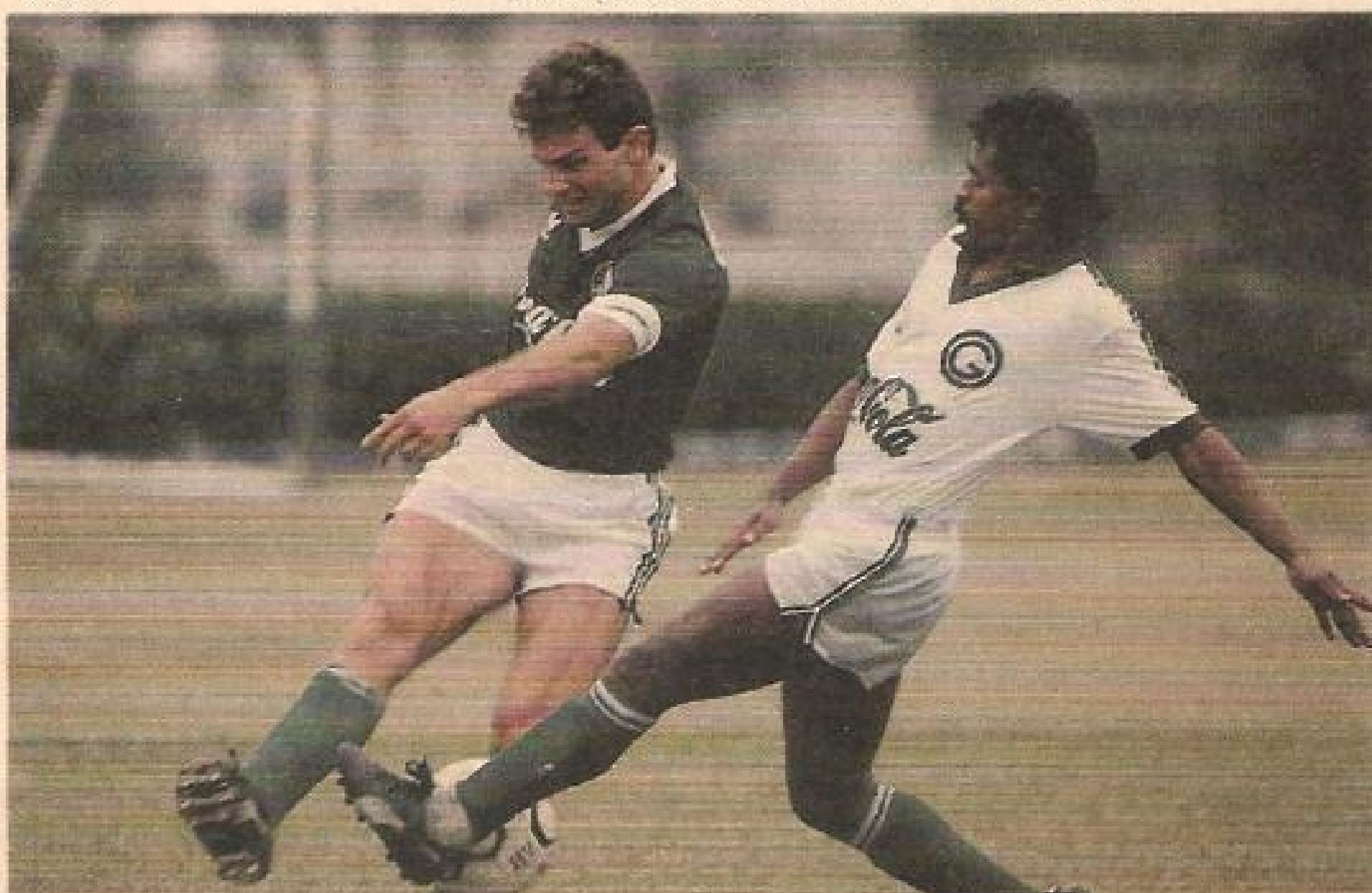
Local: São Januário (Rio de Janeiro); Juiz: Ulisses Tavares da Silva (SP); Renda: Cr$ 6 170 000; Público: 5 605; Gols: Fábio 25 e Bebeto 41 do 2.º; Cartão amarelo: Marcus Vinicius, Marquinho, Dedé e Gilmar

VASCO: Acácio(4), Ayupe(5), Dedé(5), Jorge Luís(4) e Cássio(5); Sídnei(5) (Roberto Gaúcho(5)), Zé do Carmo(5), Luisinho(5) e William(5); Júnior(5) (Sorato(5)) e Bebeto(7). Técnico: Antônio Lopes

SPORT: Paulo Victor(6), Marquinho(5), Assis(5), Aílton(7) e Gilmar(5); Aguinaldo(6), Ataíde(5) e Alencar(5); Marcus Vinicius(5) (Fábio(6)), Sérgio Alves(5) e Tato(5) (Lopes(sem nota)). Técnico: Roberto Brida

O JOGO: O Sport aproveitou-se de um Vasco atabalhoado e confuso para conquistar um merecido empate na casa do adversário. No gol de Fábio, falha gritante de Acácio e Jorge Luís.

ATLÉTICO-PR 1 X PALMEIRAS 1

Local: Pinheirão (Curitiba); Juiz: Wilson Carlos dos Santos (RJ); Renda: Cr$ 12 593 000; Público: 11 907; Gols: Erasmo 2 e Éder (pênalti) 27 do 2.º

O palmeirense Toninho foi um destaque na vitória de 2 x 1 sobre o Goiás

ATLÉTICO-PR: Rafael (5), Jorge Luís (7), Heraldo (7), Batista (7) e Odemilson (6); Valdir (7), Luís Carlos Martins (6) e André (7); Ratinho (8), Tico (5) (Serginho (6)) e Éder (7). Técnico: Procópio Cardoso
PALMEIRAS: Velloso (8), Odair (7), Toninho (6), Eduardo (6) e Biro (7); Galeano (6), Betinho (7) e Ranieli (7); Erasmo (8), Careca (7) (Júnior (5)) e Edivaldo (sem nota) (Marcelo (6)). Técnico: Dudu
O JOGO: Faltou um pouco mais de atenção ao Palmeiras para vencer o jogo. Iludiu o adversário agüentando bem a pressão e partindo para os contra-ataques, mas relaxou na marcação. O empate foi o preço.

CRUZEIRO 1 X PORTUGUESA 1
Local: Mineirão (Belo Horizonte); Juiz: Renato Marsiglia (RS); Renda: Cr$ 7 432 800; Público: 14 030; Gols: Charles 26 do 1.º; Bentinho 22 do 2.º; Cartão amarelo: Paulão, Adilson, Ademir, Cristóvão, Betão e Bentinho; Expulsão: Ademir 4 do 2.º
CRUZEIRO: Paulo César (5), Balu (6), Paulão (5), Adilson (6) e Nonato (6); Ademir (7), Luís Fernando (4) (Ramón (4)) e Marco Antônio Boiadeiro (4); Héider (5) (Rogério Lage (5)), Charles (7) e Marcinho (6). Técnico: Evaristo de Macedo
PORTUGUESA: Rodolfo Rodriguez (8), Betão (6), Vladimir (6), Cléber (5) e Charles (5); Capitão (6), Vágner Mancini (5) e Cristóvão (4) (Baiano (4)); Denner (7), Bentinho (6) (Diego Aguirre (sem nota)) e Arnaldo (4). Técnico: Otacílio Gonçalves
O JOGO: Desconectado no 2.º tempo, o Cruzeiro nem parecia jogar em casa. Aceitou a pressão do adversário e no fim a Lusa quase decide o jogo a seu favor.

NÁUTICO 0 X FLUMINENSE 1
Local: Aflitos (Recife); Juiz: Joaquim Gregório dos Santos (CE); Renda: Cr$ 8 652 900; Público: 10 654; Gol: Ézio 22 do 2.º; Cartão amarelo: Barros e Macula; Expulsão: Bobô 28 do 2.º
NÁUTICO: Celso (5), Levi (7), Barros (7), Freitas (7) e Célio Gaúcho (7); Lúcio Surubim (6), Müller (6) (Fábio Henrique (4)) e Augusto (7); Newton (7), Bizu (6) e Possi (4) (Nivaldo (7)). Técnico: Charles Muniz
FLUMINENSE: Ricardo Pinto (9), Zanata (7), Válber (8), Alexandre Torres (7) e Dago (5); Pires (6), Marcelo Gomes (7) e Bobô (3); Julinho (5) (Rangel (sem nota)), Ézio (8) e Macula (6). Técnico: Gílson Nunes
O JOGO: O Náutico manteve uma pressão constante desde o primeiro minuto, mas falou mais alto a velha máxima: quem não faz toma.

VITÓRIA 1 X GRÊMIO 0
Local: Fonte Nova (Salvador); Juiz: Dalmo Bozzano (SC); Renda: Cr$ 5 121 000; Público: 5 989; Gol: Antônio Carlos 41 do 1.º; Cartão amarelo: Tóbi, Júnior, Ronaldo, Beto, Biro-Biro, Norberto, João Marcelo, Marquinho e Fia
VITÓRIA: Ronaldo (7), Jairo (7), Missinho (7), Beto (6) e Fia (5); Aguinaldo (5), Tóbi (7) e Reginaldo (5); Luís Carlos (7), Júnior (6) e Antônio Carlos (6) (Admaron (sem nota)). Técnico: Pedro Pires de Toledo
GRÊMIO: Gomes (6), China (6), João Marcelos(6), Vílson (5) e Marquinho (6); Norberto (7), Caio (5) e Biro-Biro (5); Maurício (7), Nilson (4) (Mabília (6)) e Paulo Egídio (5) (Alexandre (6)). Técnico: Cláudio Duarte
O JOGO: Enquanto teve Tóbi no primeiro tempo, o Vitória mandou no jogo. Depois, cedeu espaço no meio-campo, mas o Grêmio não soube aproveitar.

DANIEL AUGUSTO JR/F4

Denner, destaque na Portuguesa, chega à Seleção de Falcão

11/março/91

BRAGANTINO 3 X BOTAFOGO 0
Local: Marcelo Stefani (Bragança Paulista); Juiz: Édson Rezende de Oliveira (DF); Renda: Cr$ 3 246 000; Público: 2 810; Gols: Mazinho 2 e Sílvio 28 do 1.º; Mazinho 30 do 2.º; Cartão amarelo: Gílson Jáder e Mazinho
BRAGANTINO: Marcelo(8), Gil Baiano(8), Júnior(9), Nei(7) (João Batista(sem nota)) e Biro-Biro(8); Mauro Silva(9), Pintado(6) (Ronaldo Alfredo(7)), Alberto(7) e Mazinho(9); Sílvio(9) e João Santos(7). Técnico: Carlos Alberto Parreira
BOTAFOGO: Ricardo Cruz(8), Paulo Roberto(7), Gílson Jáder(5), De León(5) e Renato Martins(6); Carlos Alberto(6), Pingo(6) e Valdeir(6); Renato(5), Juninho(6) e Pichetti(5) (Vivinho(6)). Técnico: Valdir Espinosa
O JOGO: O Botafogo foi envolvido do início ao fim pelo futebol rápido e vibrante do Bragantino. Houve até olé no final do jogo.

13/março/91

GOIÁS 0 X ATLÉTICO-MG 1
Local: Serra Dourada (Goiânia); Juiz: Aristóteles Cantalice (PE); Renda: Cr$ 12 404 000; Público: 12 156; Gol: Gérson 14 do 1.º; Cartão amarelo: Dalton e Amauri
GOIÁS: Eduardo(6), Rubens Carlos(5), Richard(6), Jorge Batata(5) e Lira(7); Dalton(4) (Cacau(sem nota)), Fagundes(5), Luvanor(6) e Wallace(6); Niltinho(6) e Agnaldo(5). Técnico: Formiga
ATLÉTICO-MG: Carlos(7), Alfinete(7), Cléber(6), Tobias(5) e Paulo Roberto(6); Eder Lopes(8), Moacir(6), Marquinhos(6) (Mauro(sem nota)) e Amauri(6); Sérgio Araújo(7) e Gérson(6) (Donato(sem nota)). Técnico: Jair Pereira
O JOGO: O Goiás dominou o primeiro tempo mas não marcou. Na etapa final, desesperou-se, deixando as coisas mais fáceis para o Atlético, que veio para empatar e acabou levando os dois pontos.

14/março/91

JOGO ADIADO DA 5.ª RODADA

SANTOS 1 X PORTUGUESA 1
Local: Vila Belmiro (Santos); Juiz: Edmundo Lima Filho (SP); Renda: Cr$ 8 023 000; Público: 7 469; Gols: Edu 40 do 1.º; Vladimir 33 do 2.º; Cartão amarelo: Henrique, Edu, Betão, Marcelinho, Camilo e Flavinho
SANTOS: Sérgio(7), Marcelo Veiga(5), Pedro Paulo(6), Luís Carlos (sem nota) (Camilo(6)) e Flavinho(7); Sérgio Santos(5), Edu(6) e Zé Renato(6); Almir(6), Paulinho(5) e Sérgio Manoel(6) (Axel(sem nota)). Técnico: Cabralzinho
PORTUGUESA: Rodolfo Rodriguez(7), Betão(5), Vladimir(7), Henrique(6) e Charles(6); Capitão(6), Vágner Mancini(6), Baiano(5) e Arnaldo(5) (Marcelinho(6)); Denner(6) e Sinval(sem nota) (Tico(6)). Técnico: Otacílio Gonçalves
O JOGO: A Lusa culminou uma lucrativa excursão a campos adversários arrancando seu terceiro empate consecutivo. O Santos resolveu garantir o resultado cedo demais e pagou por isso a dez minutos do final.

Melhores médias de renda (Cr$)

1.º Internacional	18 455 936
2.º Corinthians	17 277 600
3.º Cruzeiro	16 489 438
4.º Botafogo	14 552 000
5.º Vitória	13 641 471
6.º Grêmio	13 367 350
7.º Bahia	13 302 214
8.º Atlético-MG	12 976 843
9.º Palmeiras	11 599 064
10.º Goiás	11 329 714
11.º Atlético-PR	10 917 657
12.º Flamengo	10 693 929
13.º Vasco	9 272 286
14.º Portuguesa	8 107 086
15.º Náutico	7 434 629
16.º Santos	7 286 781
17.º Sport	7 047 750
18.º Fluminense	6 621 629
19.º São Paulo	5 820 283
20.º Bragantino	4 277 136

Melhores médias de público

1.º Cruzeiro	29 065
2.º Internacional	19 245
3.º Atlético	19 217
4.º Corinthians	14 857
5.º Vitória	13 832
6.º Botafogo	13 626
7.º Bahia	13 469
8.º Grêmio	13 421
9.º Goiás	11 099
10.º Atlético-PR	10 864
11.º Palmeiras	10 499
12.º Flamengo	10 397
13.º Portuguesa	8 471
14.º Vasco	8 143
15.º Náutico	7 972
16.º Sport	7 601
17.º Santos	7 526
18.º Fluminense	6 847
19.º São Paulo	6 470
20.º Bragantino	4 710

Expulsões

Bobô (Flu) e Wilson (Go) 2; Marquinhos (Atl-MG); Marcelo Jorge (Ba); Paulo Roberto e Renato Martins (Bota); Biro-Biro, Ivair, Mauro Silva e Mazinho (Bra); Guinei, Jacenir, Jairo, Márcio e Mauro (Cor); Ademir (Cru); Macula e Zanata (Flu); Bôni (Go); João Marcelo, Darci e Donizete (Grê); Heleinho e Cuca (Inter); Erasmo, Galeano, Júnior e Ranieli (Pal); Flavinho e Edu Marangon (San); Luciano e França (Vas); Dema (Vit) 1 vez.

Principais artilheiros

Ézio (Flu) e Túlio (Go) 6; André (Atl-PR) e Charles (Cru) 5; Mazinho e Sílvio (Bra), Neto (Cor) e Careca (Pal) 4; Tico (Atl-PR), Renato Gaúcho (Bota), Alberto (Bra), Bizu (Náu), Betinho (Pal), Paulinho (San) e Raí (SP) 3 ; Edu Lima, Gérson e Marquinhos (Atl-MG), Éder (Atl-PR), Naldinho (Ba), Giba (Cor), Bobô (Flu), Aguinaldo (Go), Maurício (Grê), Cuca (Inter), Júnior e Sorato (Vas) e Júnior (Vit) 2 gols.

Artilheiros negativos

Jorge Luís (Atl-PR), Nei (Bra) e Paulão (Cru) 1.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

	PG	J	V	E	D	GP	GC
1.º Bragantino	10	7	3	4	0	12	5
Fluminense	10	7	5	0	2	12	7
3.º Palmeiras	9	7	4	1	2	11	9
Corinthians	9	7	3	3	1	8	6
Atlético-MG	9	7	3	3	1	8	7
6.º São Paulo	8	7	4	0	3	9	6
Botafogo	8	7	3	2	2	7	5
Inter	8	7	2	4	1	6	4
Portuguesa	8	7	2	4	1	6	5
10.º Atlético-PR	7	7	3	1	3	11	9
Cruzeiro	7	7	1	5	1	8	7
12.º Náutico	6	7	3	0	4	6	7
Flamengo	6	7	3	0	4	5	12
Vitória	6	7	2	2	3	4	6
Santos	6	7	2	2	3	6	8
Vasco	6	7	1	4	2	6	9
17.º Bahia	5	7	1	3	3	5	8
18.º Goiás	4	7	1	2	4	12	12
Grêmio	4	7	1	2	4	6	11
Sport	4	7	1	2	4	4	9

CAMFEONATO BRASILEIRO SÉRIE B

1.º TURNO COMPLEMENTO DA 5.ª RODADA

18/fevereiro/91
GRUPO 8
Juventude 1 x Caxias 2

6.ª RODADA

23/fevereiro/91
GRUPO 1
Maranhão 0 x Rio Branco-AC 0
GRUPO 7
Juventus 2 x Bangu 0
24/fevereiro/91
GRUPO 1
Independência 0 x Paysandu 3
Sampaio Correa 2 x Rio Negro 1
Remo 0 x Tuna 0
GRUPO 2
Auto Esporte-PI 1 x Ferroviário 0
Fortaleza 5 x Parnaíba 1
América-RN 0 x Ceará 0
ABC 2 x Moto 1
GRUPO 3
Estudantes 2 x Treze 1
CSA 0 x América-PE 0
Auto Esporte-PB 0 x Central 0
Santa Cruz 6 x CRB 0
GRUPO 4
Desportiva 2 x Catuense 1
Americano 3 x Fluminense 0
Confiança 1 x Colatina 1
América-RJ 0 x Itaperuna 1
GRUPO 5
Taguatinga 1 x Novorizontino 0
Guarani 2 x Gama 2
Anapolina 1 x Vila Nova 0
Atlético-GO 1 x Goiânia 1
GRUPO 6
Botafogo 4 x Rio Branco-MG 1
Inter-SP 1 x América-MG 1
Ponte Preta 2 x Noroeste 0
Esportivo 0 x XV de Piracicaba 0
GRUPO 7
São José 0 x Operário-PR 2
Campo Grande 4 x Ubiratan 2
Grêmio Maringá 2 x Londrina 2
GRUPO 8
Blumenau 1 x Coritiba 4
Paraná 1 x Joinville 1
Criciúma 4 x Caxias 4
25/fevereiro/91
GRUPO 8
Juventude 1 x Figueirense 0

7.ª RODADA

2/março/91
GRUPO 4
Confiança 1 x Desportiva 1
3/março/91
GRUPO 1
Maranhão 4 x Independência 1
Rio Branco-AC 2 x Rio Negro 1
Tuna 0 x Sampaio Correa 1
Paysandu 3 x Remo 0

GRUPO 2
Ferroviário 2 x Parnaíba 0
ABC 0 x Ceará 0
Auto Esporte-PI 3 x Fortaleza 2
América-RN 1 x Moto 1
GRUPO 3
Auto Esporte-PB 0 x América-PE 0
Central 0 x Treze 0
CSA 1 x Santa Cruz 0
Estudantes 1 x CRB 1
GRUPO 4
Colatina 0 x Catuense 0
América-RJ 1 x Fluminense 1
Itaperuna 0 x Americano 2
GRUPO 5
Gama 2 x Novorizontino 1
Guarani 2 x Taguatinga 1
Anapolina 2 x Goiânia 1
Atlético-GO 1 x Vila Nova 1
GRUPO 6
XV de Piracicaba 1 x Botafogo-SP 1
Noroeste 1 x Esportivo 0
América-MG 1 x Ponte Preta 1
Rio Branco-MG 1 x Inter-SP 1
GRUPO 7
Campo Grande 1 x Grêmio Maringá 0
Londrina 3 x São José 1
Operário-PR 4 x Juventus 1
Ubiratan 1 x Bangu 0
GRUPO 8
Joinville 2 x Coritiba 0
Paraná 3 x Blumenau 0
Criciúma 0 x Juventude 0
4/março/91
GRUPO 8
Caxias 0 x Figueirense 0

2.º TURNO
1.ª RODADA
9/março/91
GRUPO 2
Ferroviário 2 x Moto 1
GRUPO 6
Inter 0 x Botafogo-SP 0
América-MG 2 x Esportivo 0
10/março/91
GRUPO 1
Independência 0 x Sampaio 1
Remo 2 x Rio Branco-AC 0
Maranhão 1 x Paysandu 0
Rio Negro 1 x Tuna 2
GRUPO 2
Parnaíba 1 x Auto Esporte-PI 2
Ceará 3 x Fortaleza 3
ABC 1 x América-RN 1
GRUPO 3
Auto Esporte-PB 0 x Santa Cruz 0
América-PE 0 x Treze 0
Central 1 x CRB 0
CSA 0 x Estudantes 0
GRUPO 4
Fluminense 2 x Desportiva 2
Itaperuna 4 x Colatina 2
Americano 1 x Confiança 0
América-RJ 1 x Catuense 1
GRUPO 5
Novorizontino 2 x Guarani 1
Gama 1 x Taguatinga 2
Anapolina 3 x Atlético-GO 2
Vila Nova 1 x Goiânia 1
GRUPO 6
Rio Branco-MG 1 x Ponte Preta 1
Noroeste 3 x XV Piracic. 0
GRUPO 7
Campo Grande 2 x São José 0
Ubiratan 0 x Juventus 1
Grêmio Maringá 1 x Bangu 1
Londrina 1 x Operário-PR 0
GRUPO 8
Figueirense 1 x Coritiba 1
Joinville 2 x Juventude 1
13/março/91
GRUPO 8
Paraná 2 x Criciúma 1
14/março/91
Caxias 1 x Blumenau 1

CLASSIFICAÇÃO - PG
GRUPO 1
1.º Paysandu e Sampaio Correa 13; **3.º** Remo 11; **4.º** Tuna 10; **5.º** Maranhão e Rio Branco-AC 5; **7.º** Rio Negro 4; **8.º** Independência 3

GRUPO 2
1.º Ceará 12; **2.º** ABC 11; **3.º** Auto Esporte-PI 10; **4.º** Fortaleza 9; **5.º** Ferroviário 8; **6.º** América-RN 7; **7.º** Parnaíba 5; **8.º** Moto 2

GRUPO 3
1.º Santa Cruz 10; **2.º** Central, CSA e Estudantes 9; **5.º** Auto Esporte-PB 8; **6.º** Treze 7; **7.º** América-PE e CRB 6

GRUPO 4
1.º Desportiva 12; **2.º** Americano 11; **3.º** Itaperuna 9; **4.º** América-RJ 8; **5.º** Catuense e Fluminense 7; **7.º** Colatina 6; **8.º** Confiança 4

GRUPO 5
1.º Anapolina 12; **2.º** Gama e Novorizontino 10; **4.º** Atlético-GO e Guarani 8; **6.º** Taguatinga 7; **7.º** Goiânia 5; **8.º** Vila Nova 5

GRUPO 6
1.º Botafogo-SP e Noroeste 10; **3.º** América-MG 9; **4.º** Ponte Preta 8; **5.º** Inter-SP, Rio Branco-MG e XV de Piracicaba 7; **8.º** Esportivo-MG 6

GRUPO 7
1.º Londrina 12; **2.º** Operário-PR 10; **3.º** Bangu e Juventus 9; **5.º** Campo Grande 8; **6.º** Grêmio Maringá 7; **7.º** São José 5; **8.º** Ubiratan 4

GRUPO 8
1.º Coritiba e Joinville 10; **3.º** Caxias e Criciúma 9; **5.º** Figueirense e Paraná 8; **7.º** Juventude 7; **8.º** Blumenau 3

COPA DO BRASIL

JOGOS DE IDA

20/fevereiro/91
Caiçara-PI 0 x Atlético-MG 1
CSA 1 x Coritiba 0
Rio Branco-AC 1 x Remo 1

21/fevereiro/91
Caxias 2 x XV de Piracic. 1
Sampaio Correa 1 x Botafogo-RJ 2
Atlético-PR 1 x Vitória-BA 1
União-MT 0 x Goiás 1
Gama 0 x Sport 1
Goiânia 1 x Fluminense-BA 1
Auto Esporte-PB 0 x Grêmio 1
Colatina 2 x Santa Cruz 3
Ubiratan 1 x Criciúma 1
Paysandu 1 x Ceará 0

27/fevereiro/91
Confiança 0 x Corinthians 0

JOGOS DE VOLTA

21/fevereiro/91
Vasco 5 x Rio Negro 0
Cruzeiro 4 x ABC 0

27/fevereiro/91
Goiás 3 x União-MT 0
Coritiba 1 x CSA 0
(Nos pênaltis: Coritiba 3 x 1)

28/fevereiro/91
Remo 4 x Rio Branco-AC 0
XV Piracic. 1 x Caxias 1
Botafogo-RJ 3 x Sampaio Correa 1
Ceará 0 x Paysandu 0
Santa Cruz 1 x Colatina 0
Grêmio 2 x Auto Esporte-PB 0
Criciúma 4 x Ubiratan 1
Vitória-BA 2 x Atlético-PR 1
Fluminense-BA 1 x Goiânia 0
Sport 3 x Gama 0
Atlético-MG 11 x Caiçara 0

4/março/91
Corinthians 1 x Confiança 0
Vasco, Cruzeiro, Goiás, Coritiba, Remo, Caxias, Botafogo, Paysandu, Santa Cruz, Grêmio, Criciúma, Vitória-BA, Fluminense-BA, Sport, Atlético-MG e Corinthians classificaram-se para a segunda fase.

SEGUNDA FASE
13/março/91
Vitória 2 x Sport 1
Coritiba 3 x Paysandu 0
Fluminense-BA 0 x Grêmio 1
14/março/91
Remo 0 x Vasco 0
Santa Cruz 0 x Botafogo 1

AMISTOSO INTERNACIONAL

27/fevereiro/91
BRASIL 1 X PARAGUAI 1
Local: Pedro Pedrossian (Campo Grande-MS); Juiz: Wilson Carlos dos Santos (Brasil); Gols: Neto (pênalti) 41 e Guasch 45 do 1.º; Cartão amarelo: Rivarola, Guirland, Adilson e Coronel
BRASIL: Taffarel, Gil Baiano, Paulão, Adilson e Leonardo; Moacir, Cafu (Donizete), Cuca (Mazinho) e Neto; Charles (Maurício) e João Paulo (Careca). Técnico: Falcão
PARAGUAI: Coronel, Barrios, Zabala, Rivarola e Suarez; Guasch (Martínez), Balbuena, Guirland (Barreto) e Monzón; Samaniego (Ferreira) e González (Struway). Técnico: Carlos Alberto Kiese
O JOGO: A Seleção de Falcão continua sem vencer e, o que é pior, sem demonstrar a mínima capacidade de reação. Não fosse a marcação de um pênalti discutível contra a improvisada Seleção Paraguaia, o desastre seria ainda maior.

TAÇA LIBERTADORES

23/fevereiro/91
GRUPO 5
Nacional Medellín (Col) 0 x Táchira (Ven) 0
26/fevereiro/91
GRUPO 2
Concepción (Chi) 1 x Barcelona (Equador) 0
GRUPO 5
Marítimo (Ven) 0 x América (Col) 1
27/fevereiro/91
GRUPO 1
Boca Juniors (Arg) 4 x River Plate (Arg) 3
Bolívar (Bol) 2 x Oriente Petrolero (Bol) 0
1.º/março/91
GRUPO 2
Colo-Colo (Chi) 3 x Barcelona (Equador) 1
Táchira (Ven) 1 x América (Col) 1
5/março/91
GRUPO 1
Bolívar (Bol) 4 x River Plate (Arg) 1
GRUPO 2
Barcelona (Equador) 2 x Concepción (Chi) 2
GRUPO 5
Marítimo (Ven) 1 x Nacional Medellín (Col) 3
8/março/91
GRUPO 4
Liga Universitária (Chi) 4 x Concepción (Chi) 0
12/março/91
GRUPO 1
Bolívar (Bol) 2 x Boca Juniors (Arg) 0
13/março/91
GRUPO 2
Colo-Colo (Chi) 2 x Concepción (Chi) 0
GRUPO 4
Sport Boys (Peru) 3 x Universitario (Peru) 1
Cerro Porteño (Par) 1 x Colegiales (Par) 1
15/março/91
GRUPO 1
O. Petrolero (Bol) 1 x Boca Juniors (Arg) 0
GRUPO 3
26/fevereiro/91
BELLA VISTA 2 X FLAMENGO 2
Local: Estádio Centenário (Montevidéu); Juiz: Ricardo Calabria (Argentina); Renda: US$ 5 000; Público: 1 289; Gols: Toninho 9 do 1.º; Enri Lopez 21, Barbosa 39 e Júnior 47 do 2.º
BELLA VISTA: Sosa, Aguiar, Canales, Villazán e Umpierrez; Gutierrez, Javier Lopez Baez (Silvera) e Enri Lopez Baez; Rodriguez (Ribas), Barboza e Navarro. Técnico: Manoel Keossian
FLAMENGO: Zé Carlos, Aílton, Adílson, Rogério e Piá; Charles, Júnior, Marcelinho (Nélio) e Toninho; Gaúcho (Marquinho) e Alcindo. Técnico: Wanderley Luxemburgo
1.º/março/91
NACIONAL 0 X FLAMENGO 1
Local: Estádio Centenário (Montevidéu); Juíz: Juan Carlos Lostau (Argentina); Gol: Nélio 15 do 2.º; Expulsão: Soca
NACIONAL: Sere, Maristan, Revelez, Mozo e Soca; Tony Gomes, Cardaccio e Peña (Cabrera); Valdez, Miranda (Borges) e Nunez. Técnico: Juan Carlos Blanco
FLAMENGO: Zé Carlos, Charles, Adilson, Rogério e Piá; Marquinho, Júnior, Toninho e Marcelinho; Gaúcho (Nélio) e Alcindo (Paulo César). Técnico: Wanderley Luxemburgo
12/março/91
BELLA VISTA 1 X CORINTHIANS 1
Local: Estádio Centenário (Montevidéu); Juiz: Juan Francisco Escobar (Paraguai); Gols: Canales 16 e Mirandinha 35 do 2.º; Cartão amarelo: Umpierrez, Streccia e Tupãzinho
BELLA VISTA: Alessandro Grande, Aguiar, De León, Canales e Umpierrez; Streccia (Gil), Gutierrez, Enri Lopez Baez e Navarro (Silvera); Rodriguez e Barboza. Técnico: Manoel Keossian
CORINTHIANS: Ronaldo, Giba, Marcelo, Fernando e Jacenir; Márcio, Tupãzinho (Paulo Sérgio), Wilson Mano (Mirandinha) e Neto; Fabinho e Mauro. Técnico: Nelsinho
15/março/91
NACIONAL 1 X CORINTHIANS 1
Local: Estádio Centenário (Montevidéu); Juiz: Carlos Maciel (Paraguai); Renda e Público não divulgados; Gols: Valdez 1 do 1.º; Mirandinha 1 do 2.º; Cartão amarelo: Morán, Peña, Noe e Paulo Sérgio
NACIONAL: Sere, Gomes, Cardaccio, Revelez e Garcia; Morán, Peña, Borges (Nunez) e Miranda (Noe); Valdez e Venâncio Ramos. Técnico: Juan Carlos Blanco
CORINTHIANS: Ronaldo, Giba, Marcelo, Fernando (Paulo Sérgio) e Jacenir; Márcio, Wilson Mano e Neto; Fabinho (Jairo), Mirandinha e Mauro. Técnico: Nelsinho

CLASSIFICAÇÃO — PG
1.º Flamengo 4; **2.º** Corinthians e Nacional 3; **4.º** Bella Vista 2

CAMPEONATO ITALIANO

22.ª RODADA
24/fevereiro/91
Inter 3 x Atalanta 1
Bari 1 x Cesena 0
Napoli 1 x Genoa 0
Bologna 1 x Lazio 2
Juventus 0 x Lecce 0
Cagliari 1 x Milan 1
Sampdoria 1 x Parma 0
Fiorentina 4 x Pisa 0
Roma 2 x Torino 0

23.ª RODADA
3/março/91
Genoa 3 x Bari 1
Cesena 3 x Bologna 2
Torino 1 x Cagliari 1
Parma 1 x Fiorentina 0
Pisa 0 x Inter 1
Lazio 1 x Juventus 0
Milan 4 x Napoli 1
Lecce 1 x Roma 1
Atalanta 1 x Sampdoria 1

24.ª RODADA
10/março/91
Torino 2 x Cesena 1
Bologna 0 x Genoa 3
Inter 2 x Juventus 0
Bari 0 x Lazio 0
Atalanta 2 x Lecce 1
Sampdoria 2 x Milan 0
Fiorentina 0 x Napoli 0
Roma 1 x Parma 1
Cagliari 2 x Pisa 1

CLASSIFICAÇÃO - PG
1.º Inter e Sampdoria 35; **3.º** Milan 32; **4.º** Juventus, Genoa e Parma 28; **7.º** Lazio 27; **8.º** Torino 26; **9.º** Roma 25; **10.º** Napoli 23; **11.º** Bari e Atalanta 22; **13.º** Fiorentina 21; **14.º** Lecce 19; **15.º** Pisa e Cagliari 17; **17.º** Bologna 14; **18.º** Cesena 13

COPAS EUROPÉIAS

QUARTAS-DE-FINAL
JOGOS DE IDA*
6/março/91

COPA DOS CAMPEÕES
Bayern (Ale) 1 x Porto (Port) 1
Estrela Vermelha (Iugosl.) 3 x Dínamo Dresden (Ale) 0
Spartak Moscou (URSS) 0 x Real Madrid (Esp) 0
Milan (Ita) 1 x Olympique (Fra) 1

RECOPA
Dínamo Kiev (URSS) 2 x Barcelona (Esp) 3
Manchester United (Ing) 1 x Montpellier (Fra) 1
Legia Varsóvia (Polônia) 1 x Sampdoria (Ita) 0
Liège (Bél) 1 x Juventus (Ita) 3

COPA DA UEFA
Bologna (Ita) 1 x Sporting (Port) 1
Brondby (Dinam.) 1 x Torpedo Moscou (URSS) 0
Atalanta (Ita) 0 x Internazionale (Ita) 0
Roma (Ita) 3 x Anderlecht (Bél) 0
* Os jogos de volta aconteceram em 20 de março

COPA EUROPÉIA DE SELEÇÕES

Eliminatórias
20/fevereiro/91
GRUPO 1
França 3 x Espanha 1
GRUPO 6
Portugal 5 x Malta 0
27/fevereiro/91
GRUPO 4
Bélgica 3 x Luxemburgo 0
13/março/91
GRUPO 6
Holanda 1 x Malta 0

22.ª Bola de Prata

Após sete rodadas, o rápido centroavante Careca dispara com boa vantagem na liderança da Bola de Ouro. Trata-se de uma das muitas lutas pela conquista do mais popular troféu do futebol brasileiro

GOLEIROS

Jogador	Média
1.º Rafael (Atl-PR)	7,42 (7)
Ronaldo (Vit)	7,42 (7)
3.º Velloso (Pal)	7,25 (4)
4.º Rodolfo Rodriguez (Port)	7,21 (5)
5.º Ricardo Pinto (Flu)	7,00 (7)
Ricardo Cruz (Bota)	7,00 (6)
7.º Maisena (Inter)	6,85 (7)
8.º Celso (Náu)	6,71 (7)
Zetti (SP)	6,71 (7)
10.º Ronaldo (Cor)	6,66 (6)
Eduardo (Go)	6,66 (6)
Ricardo (Ba)	6,66 (3)

LATERAL-DIREITO

Jogador	Média
1.º Luiz Carlos Winck (Inter)	6,83 (6)
2.º Odair (Pal)	6,57 (7)
Jairo (Vit)	6,57 (7)
4.º Gil Baiano (Bra)	6,42 (7)
5.º Paulo Roberto (Bota)	6,40 (5)
6.º Aílton (Fla)	6,33 (6)
7.º Balu (Cru)	6,29 (7)
8.º Zé Teodoro (SP)	6,25 (4)
9.º China (Grê)	6,20 (5)
10.º Levi (Náu)	6,16 (6)
11.º Jorge Luís (Atl-PR)	6,14 (7)
Maílson (Ba)	6,14 (7)
Giba (Cor)	6,14 (7)

ZAGUEIROS

Jogador	Média
1.º Márcio Santos (Inter)	7,33 (6)
2.º Missinho (Vit)	7,00 (6)
3.º Marcelo (Cor)	6,85 (7)
4.º Jorge Batata (Go)	6,71 (7)
5.º Batista (Atl-PR)	6,66 (6)
Ricardo Rocha (SP)	6,33 (3)
7.º Júnior (Bra)	6,50 (6)
Torres (Flu)	6,50 (4)
Célio (Inter)	6,50 (4)
10.º Jorginho (Ba)	6,42 (7)
11.º Bóni (Go)	6,33 (3)
12.º Cléber (Atl-MG)	6,28 (7)
Nei (Bra)	6,28 (7)
14.º Gilson Jáder (Bota)	6,14 (7)
Aílton (Spo)	6,14 (7)

LATERAL-ESQUERDO

Jogador	Média
1.º Lira (Go)	6,50 (6)
2.º Leonardo (SP)	6,42 (7)
3.º Célio Gaúcho (Náu)	6,40 (5)
4.º Biro-Biro (Bra)	6,33 (6)
Flavinho (San)	6,33 (6)
6.º Nonato (Cru)	6,14 (7)
7.º Ricardo (Inter)	6,00 (5)
Gilmar (Spo)	6,00 (3)
9.º Odemilson (Atl-PR)	5,85 (7)
10.º Paulo Roberto (Atl-MG)	5,80 (5)
11.º Luciano (Flu)	5,75 (4)

O LÍDER
Boas atuações e gols: Careca sai na frente da Bola de Ouro

VOLANTE

Jogador	Média
1.º Carlos Alberto (Bota)	7,33 (3)
Bonamigo (Inter)	7,33 (3)
3.º Mauro Silva (Bra)	6,83 (6)
4.º Dalton (Go)	6,80 (5)
5.º Paulo Rodrigues (Ba)	6,71 (7)
6.º César Sampaio (San)	6,66 (6)
7.º Pires (Flu)	6,57 (7)
8.º Valdir (Atl-PR)	6,42 (7)
9.º Márcio (Cor)	6,33 (3)
Norberto (Grê)	6,33 (3)
11.º Ademir (Cru)	6,28 (7)

MEIAS

Jogador	Média
1.º André (Atl-PR)	7,00 (7)
Cuca (Inter)	7,00 (5)
Simão (Inter)	7,00 (4)
Luís Fernando (Inter)	7,00 (3)
5.º Mazinho (Bra)	6,83 (6)
6.º Valdeir (Bota)	6,80 (5)
7.º Neto (Cor)	6,71 (7)
Augusto (Náu)	6,71 (7)
9.º Bobô (Flu)	6,66 (6)
Sérgio Manoel (San)	6,66 (3)
11.º Júnior (Fla)	6,60 (5)
12.º Marco A. Boiadeiro (Cru)	6,50 (6)
João Antônio (Grê)	6,50 (4)

ATACANTES

Jogador	Média
1.º Careca (Pal)	7,66 (3)
2.º Renato Gaúcho (Bota)	6,85 (7)
3.º Charles (Cru)	6,83 (6)
4.º Túlio (Go)	6,80 (5)
5.º Éder (Atl-PR)	6,66 (6)
Bobô (Flu)	6,66 (6)
Newton (Náu)	6,66 (6)
8.º Sérgio Araújo (Atl-MG)	6,57 (7)
Naldinho (Ba)	6,57 (7)
Ézio (Flu)	6,57 (7)
Maurício (Grê)	6,57 (7)
Denner (Port)	6,57 (7)

BOLA DE OURO

Jogador	Média
1.º Careca (Pal)	7,66 (3)
2.º Rafael (Atl-PR)	7,42 (7)
Ronaldo (Vit)	7,42 (7)
4.º Márcio Santos (Inter)	7,33 (6)
Carlos Alberto (Bota)	7,33 (3)
Bonamigo (Inter)	7,33 (3)
7.º Velloso (Pal)	7,25 (4)
8.º Rodolfo Rodriguez (Port)	7,21 (5)
9.º André (Atl-PR)	7,00 (7)
Ricardo Pinto (Flu)	7,00 (7)
Ricardo Cruz (Bota)	7,00 (6)
Missinho (Vit)	7,00 (6)
Cuca (Inter)	7,00 (5)
Simão (Inter)	7,00 (4)
Luís Fernando (Inter)	7,00 (3)

MORUMBI É O CERTO

Fiz uma aposta com um amigo e gostaria de confirmá-la. Ele afirma que o primeiro jogo da final do Campeonato Paulista de 1986, entre Palmeiras e Inter, aconteceu em Limeira. Eu digo que as duas partidas foram realizadas no Morumbi. Quem está certo?

Maracy Pinotti
Rio de Janeiro, RJ

Você tem razão. Os dois jogos foram realizados no Morumbi. O primeiro terminou empatado em 0 x 0, enquanto a final, no mesmo estádio, foi vencida por 2 x 1 pela Inter, com gols de Tato e Kita, e Amarildo para o Palmeiras.

INTER CAMPEÃ
Na final de 1986, Tato levou vantagem sobre Denis

A VOLTA DA "BÍBLIA"

Parabéns para a "Bíblia do Futebol", agora mensalmente nas bancas. Assim eu tenho certeza de que o esporte, mais ainda o futebol, será melhor e mais vibrante em 1991.

Luciano Tavares da Costa
Niterói, RJ

ENDEREÇO DO MENGÃO

Seria possível publicar o endereço do Clube de Regatas do Flamengo?

Marcos Antunes Mendes de Souza
Barra do Garças, MT

Aí vai a resposta. Praça Nossa Senhora Auxiliadora, s/n.º, Gávea, Rio de Janeiro, RJ, CEP 22441

ARQUIVO GOIANO

Tenho um arquivo sobre o futebol goiano e preciso saber quais os dois clubes que decidiram o Campeonato Estadual de 1976 e a ficha técnica do jogo.

Walty Alves de Oliveira
Araguaína, TO

Dia 15/8/76; Jogo: Goiás 1 x Goiânia 0; Local: Serra Dourada; Juiz: José Mário Vinhas; Renda: Cr$ 271 650,00; Público: 20 202; Cartão amarelo: Palmi, Éber e Zé Krol; Gol: Lúcio 4 do 1.º
Goiás: Élcio, Triel, Macalé, Alexandre e Donizete; Matinha, Roberto e Maizena; Píter, Lúcio e Rinaldo (Frasão)
Goiânia: Nílson, Benê, Émerson, Dema e Alberto; Zé Krol (Péricles), Rogério (Sinomar) e Palmi; Marco Antônio, Bill e Éber.
Com esse resultado, o Goiás sagrou-se bicampeão goiano.

A FINAL DE 1976

Seria possível publicar as escalações de Cruzeiro e Bayern Munique na final do Campeonato Mundial Interclubes, em 1976?

Eduardo César e Mello
Belo Horizonte, MG

Um empate em 0 x 0, no Mineirão, deu o título ao clube alemão, que, em Munique, vencera o primeiro jogo por 2 x 0. O Bayern jogou com Mayer, Andersson, Horsmann, Duerneberger, Beckenbauer e Schwarzenbeck; Kappelmann e Torstensson; Gerd Müller, Hoeness e Rummenigge. Técnico: Cramer.

O Cruzeiro teve Raul, Nelinho, Morais, Osires e Vanderlei; Piazza (Eduardo), Zé Carlos e Dirceu Lopes (Forlan); Jairzinho, Palhinha e Joãozinho. O jogo aconteceu no dia 23 de novembro de 1976 e o inglês Partridge foi o juiz.

CORREIO BÚLGARO

Sou búlgaro e coleciono tudo que diz respeito ao futebol mundial. Selos, bandeiras, posters, flâmulas, fotos e até recortes de jornais e revistas. Gostaria, então, de me corresponder com todos os interessados em fazer um intercâmbio. Aguardo respostas.

Vasil Kolev
Complex H. Dimitur, blc 100 vha, apto. 06, Sófia, Bulgária

Editora Abril

PLACAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

SÃO PAULO
Redação, Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04575, Caixa Postal 2372, tel.: (011) 534-5344, Telex (011) 57357, 57359 e 57382, FAX: (011) 534-5638, Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Administração:** r. Jaguaretê, 213, Casa Verde, CEP 02515, tel.: (011) 856-4511.

ESCRITÓRIOS
BRASIL
Belo Horizonte: av. Marília de Dirceu, 226, 6.º e 7.º andares, Bairro de Lourdes, CEP 30170, tel.: (031) 275-2388, Telex (031) 1065, FAX: (031) 337-2166
Blumenau: av. Martin Luther, 111, Edifício Master Center Empresarial, sala 709, CEP 89010, tel.: (0473) 22-4377
Brasília: SCN - Quadra CN 1, Lote C, Edifício Brasília, Trade Center, 14.º e 15.º andares, CEP 70710, tel.: (061) 321-8855, Telex (061) 1464/1136, FAX: (061) 226-7592, Telegramas Abrilpress
Campinas: r. Sacramento, 126, 13.º andar, conj. 131/133, Centro, CEP 13013, tel.: (0192) 33-7100, Telex (0192) 3311, FAX: (0192) 22-3281
Campo Grande: r. Ametista, 85, Coopharádio, CEP 79000, Caixa Postal 57, tel.: (067) 387-3685
Cuiabá: r. Castelo Branco, 123, CEP 78020, Caixa Postal 445, tels.: (065) 321-0821 e 322-7466
Curitiba: av. Cândido de Abreu, 651, 7.º, 8.º e 12.º andares, Bairro Centro Cívico, CEP 80530, tel.: PABX (041) 252-6996, Telex (041) 30123, FAX: (041) 254-3455, tel.: (atendimento ao assinante) (041) 252-5566
Florianópolis: av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 1.º andar, conj. 101, Centro, CEP 88015, tel.: (0482) 22-7826, Telex (0481) 1004, FAX: (0482) 23-5873
Fortaleza: av. Santos Dumont, 3060, salas 418/420/422, Aldeota, CEP 60150, tel.: (085) 244-0410, Telex (085) 1607
Goiânia: r. 25, n.º 55, Setor Marista, CEP 7410, tel.: (062) 252-1915
João Pessoa: av. Epitácio Pessoa, 201, sala 206, Centro, João Pessoa - PB, tel.: (083) 221-9328
Novo Hamburgo: av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º andar, sala 704, CEP 93510, tel.: (0512) 93-9891
Porto Alegre: av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 308, Bairro Menino Deus, CEP 90060, tel.: (0512) 33-2899, Telex (051) 1092, Telegramas: Abrilpress, FAX: (0512) 33-7198
Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, conj. 901 a 904, Bairro São José, CEP 50020, tel.: (081) 424-3333, Telex (081) 1184, FAX: (081) 424-3896
Ribeirão Preto: av. Presidente Vargas, 1033, Alto da Boa Vista, CEP 14020, tels.: (016) 623-4262/4291, Telex (016) 4457, FAX: (016) 623-2769
Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andar, Botafogo, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: Editabril/Abrilpress
Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, Edifício Omega, 3.º e 5.º andares, salas 303 e 502, Bairro Pituba, tel.: (071) 371-4999, Telex (071) 1180, FAX: (071) 371-5583
São José dos Campos: r. Francisco Berling, 143, Centro, CEP 12245, tel.: (0123) 21-1126

EXTERIOR
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, NBR 3403, New York, N.Y. 10165/3403, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • GUIA RURAL
ALMANAQUE ABRIL • SUPERINTERESSANTE

Economia e Negócios
EXAME

Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

Esportes
A SEMANA EM AÇÃO • PLACAR

Masculinas
PLAYBOY

Femininas
CLAUDIA • CLAUDIA MODA • ELLE • NOVA MANEQUIM • MONTRICOT • CAPRICHO MÁXIMA

Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

PUBLICAÇÕES DA EDITORA AZUL

BIZZ • BOA FORMA • BODYBOARD
CARÍCIA • CONTIGO • FLUIR • HORÓSCOPO
INTERVIEW • SAÚDE • SET • SEMANÁRIO
SKATING

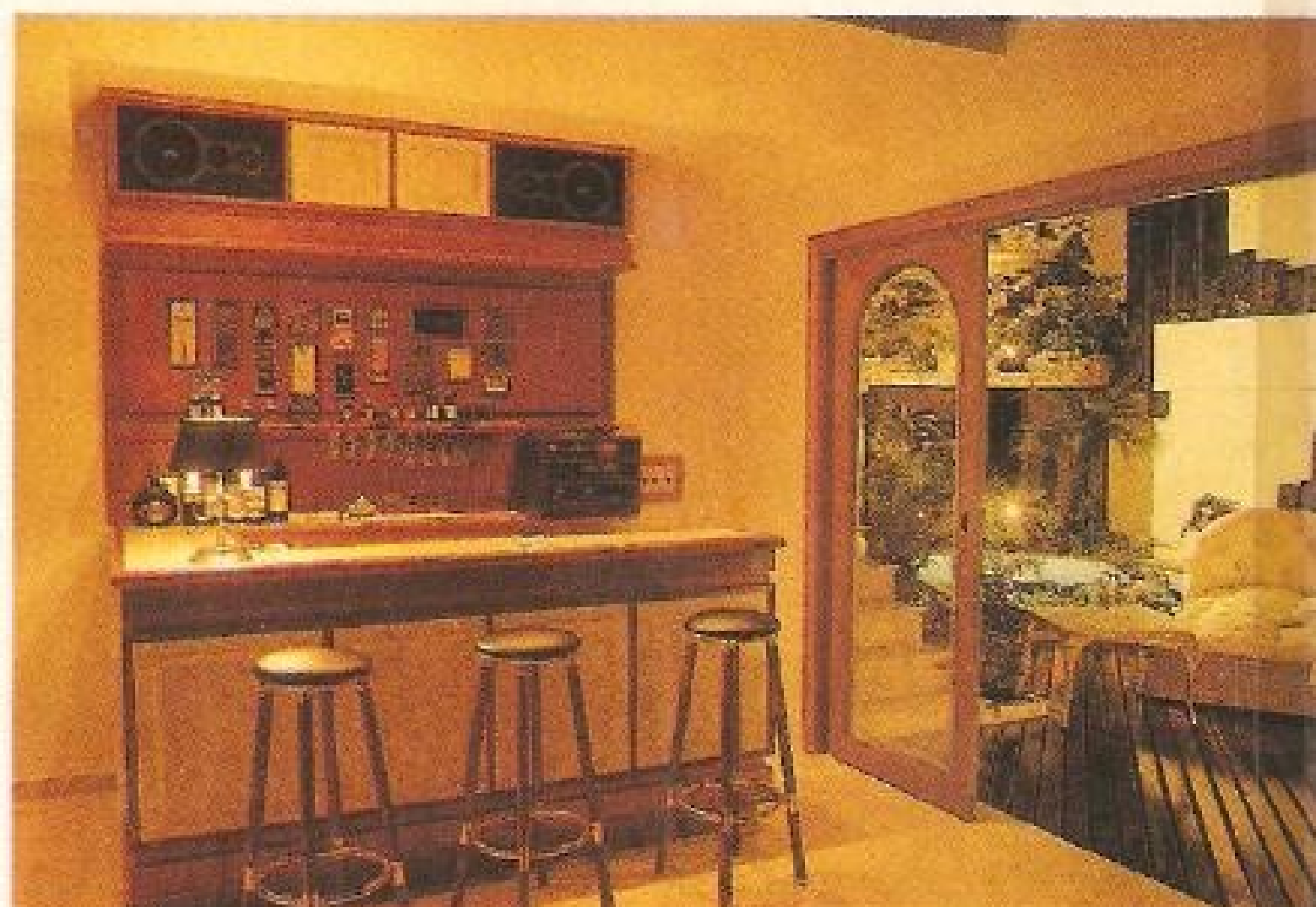
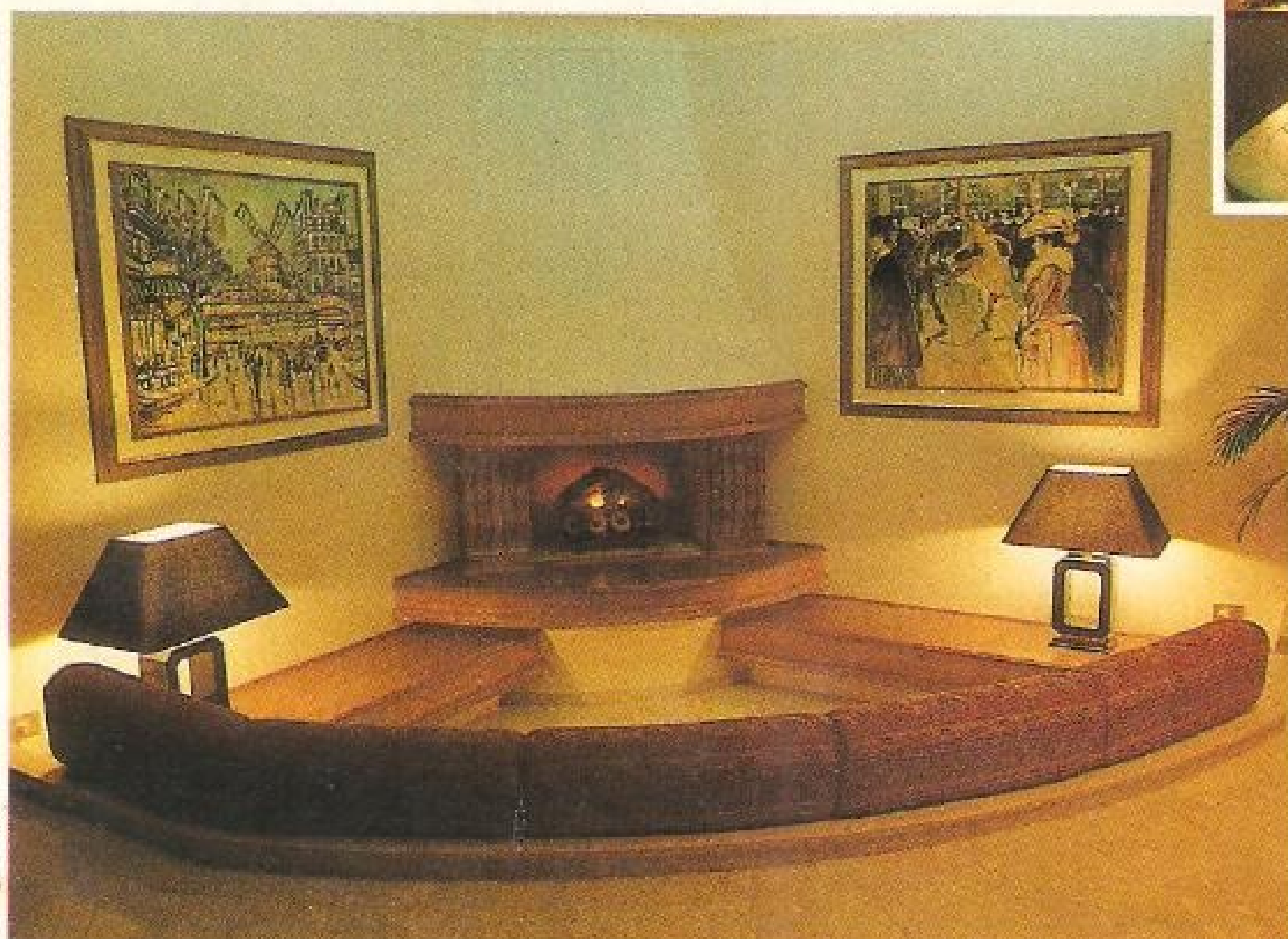
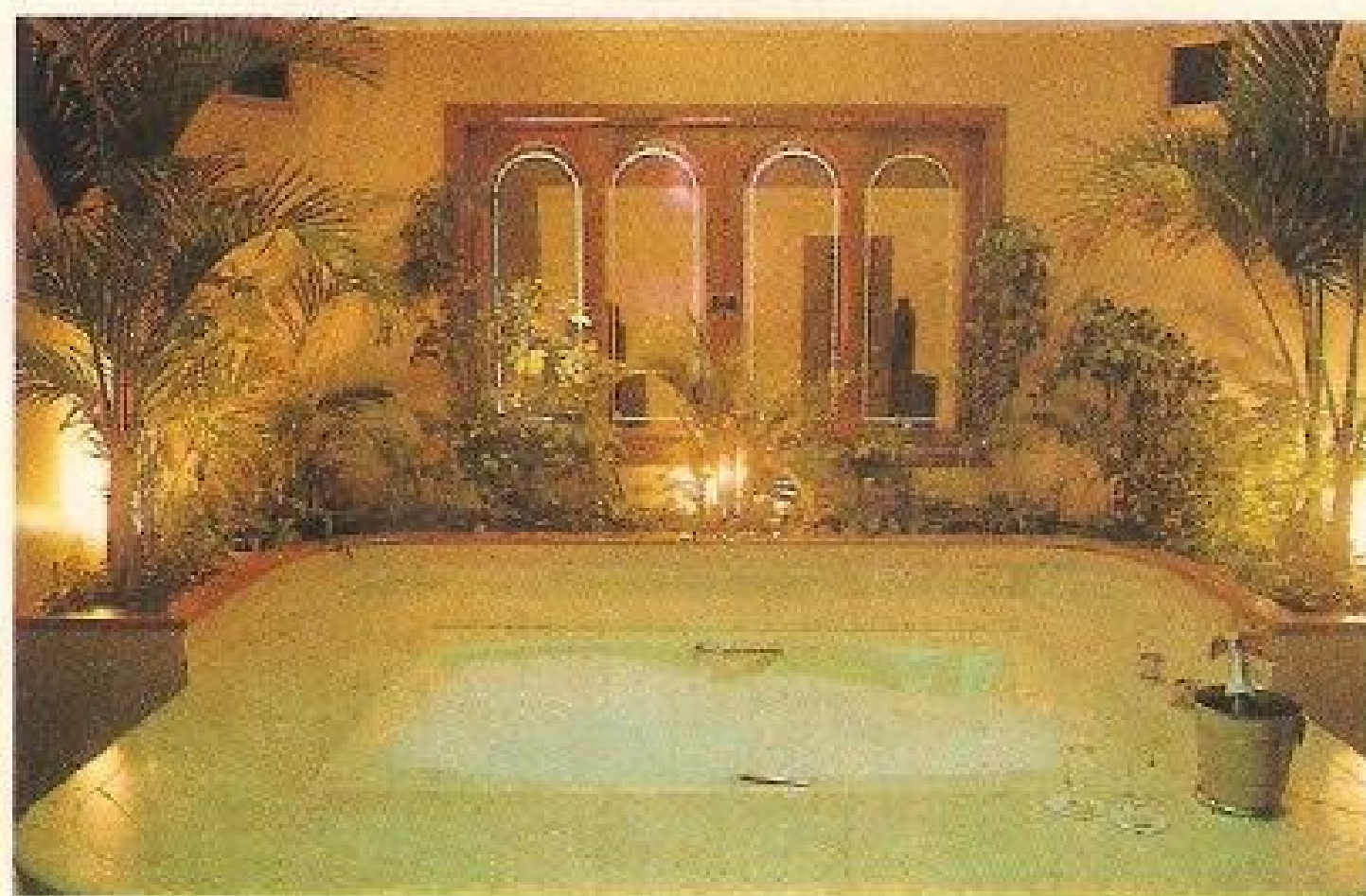
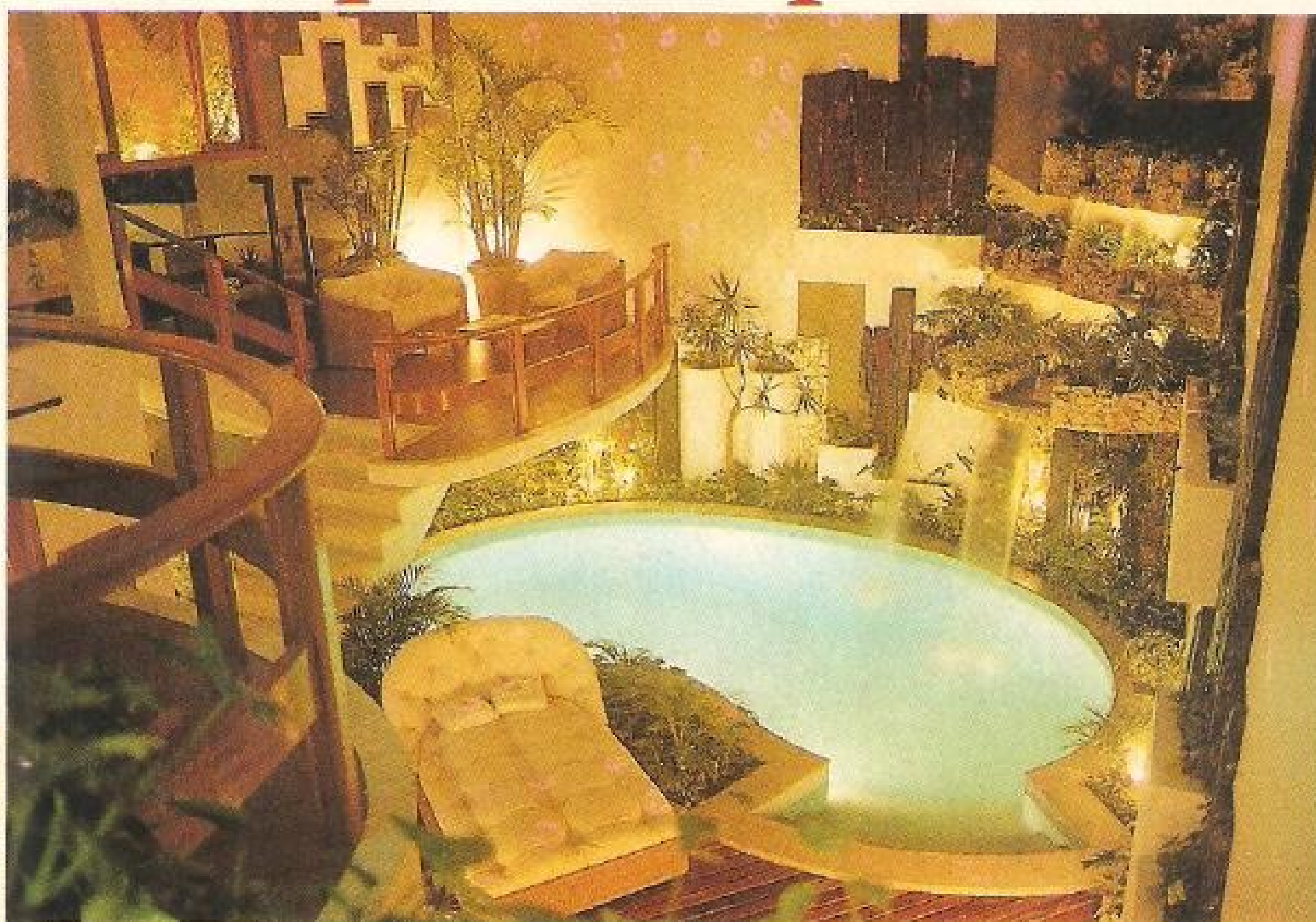
PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL JOVEM

PATO DONALD • MICKEY • ZÉ CARIOCA
TIO PATINHAS • MARGARIDA • URTIGÃO
DISNEYLÂNDIA • ALMANAQUE DISNEY
SELEÇÃO DISNEY • EDIÇÃO EXTRA
DISNEY ESPECIAL • ALEGRIA ESPECIAL
BRINQUE COMIGO • MINI CRUZADAS
LIGA DA JUSTIÇA • GRAPHIC MARVEL
SUPER-HOMEM • SUPERAVENTURAS MARVEL
HOMEM ARANHA • HULK • OS CAÇADORES
SPIRIT • GROO • CONAN REI • STORM
CONFLITO DO VIETNÃ • GRAPHIC NOVEL
CONAN • MENINO MALUQUINHO
TOM E JERRY • BOLINHA • LULUZINHA
OS TRAPALHÕES • ALMANAQUE DO GUGU

PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA

NOVA ESCOLA • SALA DE AULA

...se você acreditava que não havia mais nada para ser provado.

Suíte Le Moulin,
o máximo de
requinte e
sofisticação.
A suíte dos anos 90.
Caia nessa tentação.

Via Anchieta, Km 23 - Trevo Volkswagen - SBC - Tel.: 451-5155

SUGAR FREE

SAÚDE E BOA FORMA

GILTON

GINSENG GILTON SANTE-U®
ENERGIA VITAL DO GINSENG GILTON SANTE-U® é bioestimulante, combate o stress, a debilidade orgânica e restaura as energias.
APRESENTAÇÕES:
Pó - Caixas com 25 e 50 sachets
Cápsulas - Frascos com 150
Xarope - Frasco com 150ml,
Registro M.S. n.º 1.0324.0014.
Certificado de Marca n.º 078.213.556.790.249.910, 814.247.911 e 814.247.920.

GUARANÁ GILTON® -
Puro Guaraná de Mauês (Amazonas), potente revigorante, ativa as funções vitais e combate o Stress. Fonte natural de energia.
APRESENTAÇÕES:
Pós solúvel - Caixa com 50 sachets
Pastilhas - Caixa com 60
Xarope - Frasco com 150ml
Registro M.S. n.º 0324.0024
Certificado de Marca n.º 810.843.340, 780.213.556 e 810.843.358.

NATURAL GELATIN GILTON® - Gelatina Natural de alta potência e qualidade. Contém 247 bloms, onde são encontrados todos os aminoácidos necessários à célula proteica. Evita o envelhecimento precoce, unhas quebradiças e a fragilidade muscular. Recomendado para o aumento da massa muscular, melhor desempenho físico e pleno vigor.
APRESENTAÇÃO: Frasco plástico com 60 e 180 cápsulas.
Registro M.S. n.º 4.9020.0006.01.1
Certificado de Marca n.º 790.249.910

LANÇAMENTO

SPIN® - CENTAUREA MINUS. QUALITY, Spirulina Food Grad Blue-Green, Algagilton® Emagrecimento com saúde sem riscos necessários. SPIN® é uma micro alga moderna cientificamente completa como suplemento alimentar e inigualada com qualquer outro alimento.
SPIN® é uma forma moderna de manter-se fisicamente bem disposto, esbelto e dentro do peso ideal, proporcionalmente a idade e altura. SPIN® é uma dieta introduzida recentemente Nos mais desenvolvidos países do mundo com total êxito.
APRESENTAÇÃO: Frasco com 100 Cápsulas.
Registro M.S. n.º 2.0987.0025
Certificado de Marca n.º 814.247.911.

AKHAUMA GILTON® - Elaborado a base de quatro plantas medicinais. Indicado como sedativo, regulador do sistema nervoso, auxilia na hipertensão e no combate a insônia.
APRESENTAÇÕES: Líquido = Frasco com 100ml
Drágeas = Frascos com 30
Registro M.S. n.º 0324.0038.002-0
Certificado de Marca n.º 814.247.920

LEVEDO DE CERVEJA GILTON® - Fonte natural de todas as vitaminas do Complexo B, de Sais Minerais e de Aminoácidos, inclusive com a garantia de moderna técnica de fabricação Européia.
Usado nos tratamentos de pele, de perturbações nervosas e do intestino.
Levedo de Cerveja GILTON® é fonte natural de saúde.
APRESENTAÇÃO: Frasco com 100 comprimidos.
Registro M.S. n.º 2.500.0074.689
Certificado de Marca n.º 813.342.414

JURUBEBA ATIBAIA (EXTRA FORTE) Elaborado de planta medicinal préviamente selecionada. Tônico geral. Estimula a normalização das funções digestivas, regularizando a atividade do fígado, estômago, vesícula e os intestinos.
É ideal para a recuperação geral e aumento de vitalidade.
APRESENTAÇÃO: Vidro com 300ml.
Registro M.S. n.º 12.804.457
Certificado de Marca n.º 078.213.556.

Divisão Produtos Naturais

Divisão Produtos Naturais

Kamê
Símbolo Longa Vida

MANTENHA SUA SAÚDE NATURAL.

PRODUTOS ISENTOS DE AÇÚCAR E ADITIVOS - SUGAR FREE, OS PRODUTOS ACIMA SÃO FABRICADOS PELA GILTON DO BRASIL INDÚSTRIA QUÍMICA E FARMACÊUTICA LTDA, PELA SUA DIVISÃO DE PRODUTOS NATURAIS E TAMBÉM PELA CENTAUREA MINUS LTDA - QUALITY. OS PRODUTOS SÃO ENCONTRADOS NAS MELHORES FARMÁCIAS DO BRASIL. EM SÃO PAULO: DROGARIA DO ONOFRE, DROGARIA DA SÉ, REDES DROGASIL S/A E DROGÃO. SE DESEJAR RECEBER FOLHETO COM MAIORES EXPLICAÇÕES DO PRODUTO, ESCREVA PARA: GILTON DO BRASIL INDÚSTRIA QUÍMICA E FARMACÊUTICA LTDA, RUA CLÁUDIO FURQUIM, 21/24 - CEP 03072 - SÃO PAULO - SP.